

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL
MESTRADO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

SANDRA LEE DOS SANTOS RIBEIRO

**O GRANDE LOUVA-A-DEUS. ESCRITA ADINKRA E O ENFRENTAMENTO DE
(IN)VISIBILIDADES E (DES)PERTENCIMENTOS NAS TRAMAS DE UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

RIO GRANDE – RS

2019

Sandra Lee dos Santos Ribeiro

**O GRANDE LOUVA-A-DEUS: ESCRITA ADINKRA E O ENFRENTAMENTO DE
(IN) VISIBILIDADES E (DES) PERTENCIMENTOS NAS TRAMAS DE UMA
EDUCAÇÃO AMBIENTAL**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre.

Orientador: Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli.
Coorientadora: Prof.^a Dr^a Teresa de Jesus Paz Lenzi.

Rio Grande – RS
2019

Ficha catalográfica

R484g Ribeiro, Sandra Lee dos Santos.
O grande Louva-a-Deus: escrita Adinkra e o enfrentamento de
(in) visibilidades e (des) pertencimentos nas tramas de uma
Educação Ambiental / Sandra Lee dos Santos Ribeiro. – 2019.
127 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande –
FURG, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental,
Rio Grande/RS, 2019.

Orientador: Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli.
Coorientadora: Dra. Teresa de Jesus Paz Lenzi.

1. Adinkra 2. (In)Visibilidade 3. (Des)Pertencimento
4. Orixalidade 5. Louva-a-Deus 6. Escrita Acadêmica 7. Escrita
Autobiográfica 8. Educação Ambiental I. Adomilli, Gianpaolo Knoller
II. Lenzi, Teresa de Jesus Paz II. Título.

CDU 82-94:504:37

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL - PPGEA

Sandra Lee dos Santos Ribeiro

O Grande Louva-a-deus: escrita Adinkra e o enfrentamento de (in)visibilidades e (des)pertencimentos nas tramas de uma Educação Ambiental.

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental - PPGEA da Universidade Federal do Rio Grande - FURG como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Educação Ambiental, aprovada pela comissão de avaliação abaixo assinada:

Prof. Dr. Gianpaolo Knoller Adomilli (Orientador - FURG)

Prof.^a Dra. Teresa de Jesus Martins Paz Lenzi (Coorientadora - FURG)

Prof.^a Dra. Michèle Sato (UFMT)

Prof.^a Dra. Cassiane de Freitas Paixão (FURG)

Prof.^a Dra. Leticia Cao Ponso (FURG)

Prof. Dr. Vilmar Alves Pereira (FURG)

Rio Grande, 27 de setembro de 2019. .

DEDICATÓRIA

Para as flores do meu embondeiro!

Agradeço a Òṣàlá, Epà bàbá!
Agradeço a Òṣun, Òóré yeye o!
Agradeço a Ṣàngó, Kawòó Kábíyèsi!
Agradeço a Yánsàn, Èpà heyi!
Agradeço a Ògún, Ògún ye!
Agradeço a Bará, Alupô!

Porque eles me conduziram até aqui

Agradeço à Universidade Federal do Rio Grande – FURG.
Agradeço ao Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental,
pela oportunidade de me transformar em borboleta!

Agradeço ao meu Orientador Gianpaolo Adomilli, pela paciência e respeito.
Agradeço à Coorientadora Teresa Lenzi, pelo carinho e dedicação.
Agradeço ao Professor Humberto Calloni, por me apresentar a Edgar Morin!
Agradeço a Cibele Vasconcelos Dziekaniak, pela alteridade!
Agradeço à Renata Troca, pela delicadeza.

Agradeço à Banca Examinadora.

Agradeço aos homens da minha vida:
“Paibondrasto”, filhos, netos e genro!

Agradeço às mulheres da minha vida:
Mãe, filha, netas, noras e irmã!

Agradeço a minha Ìyálóriṣà Sirlei da Silva Maciel.

Agradeço, antecipadamente, a minha descendência.

Agradeço aos meus ancestrais,
Esta é minha oferenda!

EPÍGRAFE

O rio alcança seus objetivos porque aprendeu a contornar obstáculos.

Lao - Tsé

RESUMO

Este trabalho é o resultado de uma pesquisa de mestrado, desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Educação Ambiental, da Universidade Federal do Rio Grande – FURG, na linha de pesquisa Fundamentos da Educação Ambiental (FEA). A trajetória da pesquisa sobre a escrita africana Adinkra, revelada a partir dos gradeamentos e entalhes presentes nas ruas e igrejas da cidade do Rio Grande – RS, interpela como enfrentar as relações de (in)visibilidade e (des)pertencimento ancestral sob a luz da complexidade Adinkra. Essas relações históricas, filosóficas, éticas e epistemológicas da/com a ancestralidade africana são abordadas por um viés autobiográfico, porque se pauta nas “escrevivências”, termo cunhado por Conceição Evaristo, onde o texto nasce a partir das vivências da mulher negra e escritora, que não cabe na homogeneização da escrita acadêmica, levando em conta o enfrentamento com o (des)pertencimento e a (in)visibilidade que estão imbricadas nesse processo. O foco desta pesquisa, a escrita africana Adinkra - no contexto da invisibilidade e (des)pertencimento dos descendentes da cultura afro de um modo geral e de modo particular no Brasil - pertencente ao povo Acã, na África, faz parte de uma dinâmica social NEGRA coletiva, na qual estão inseridas a orixalidade, as memórias e a ancestralidade, cujas ausências são cicatrizes históricas da escravização. Como metodologia de trabalho, além dos registros fotográficos desta escrita em vários lugares, em Rio Grande, por onde costumo caminhar, foram oferecidas oficinas a distintos segmentos educacionais, para as quais criei carimbos em lixa, vislumbrando a possibilidade de visibilizar essa cultura, também, para os cegos. No desenvolvimento deste trabalho, a epifania da minha própria cegueira com relação às minhas origens apontou à necessidade da criação do Grande Louva-a-deus - Adinkra da Invisibilidade - que se faz presente em toda essa “escrevivência” autobiográfica – dispositivo colocado em diálogo com os demais encaminhamentos da pesquisa - que pretende ser crítica e transformadora no campo da Educação Ambiental.

Palavras-chave: Adinkra, (In)visibilidade, (Des)Pertencimento, Orixalidade, Louva-a-deus, Escrita Acadêmica, Escrita autobiográfica, Educação Ambiental.

ABSTRACT

The present study reports the result of a masters final research on Environmental Education Principles line of research developed in the graduate program in Environmental Education, at Federal University of Rio Grande - FURG. Thus, it is questioned if the research path on the African writing called Adinkra, which was revealed through railings and carvings on streets and churches in the city of Rio Grande-RS as well as workshops developed regarding this theme and purpose queried how to deal with the (in)visibility and ancestral (dis)belonging relation underneath Adinkra complexity. The African ancestry and its historical, philosophical, ethical and epistemological relations are addressed by an autobiographical bias since based on *escrevivências*, a term established by Conceição Evaristo. Since these *escrevivências* the text arises from the experiences of black women and writers who has no place in the homogenization of the academical writing, considering her confrontation with the (dis)belonging and (in)visibility closely linked inside this process. This research focuses on the African writing Adinkra belonging to the African Akan people taking into account the (in)visibility and (dis)belonging of African culture descendants mainly in Brazil for whom this writing is part of a collective BLACK and social performance in which *orixalidade*, memories and ancestry absences are historical scars of slavery process. A work methodology was adopted based on bibliographic research and photographic records of the writing Adinkra in several locations in Rio Grande where I usually used to walk, workshops for different educational sectors for which I have designed stamps on sandpaper in order to glance a possible visibility to this culture to non-seers people too. During the development of present work, the epiphany of my own blindness concerning my origins pointed out the need of creating of the Great Praying Mantis - invisibility Adinkra symbol - which is present in all this autobiographical *escrevivência** - sort of device linked to other parts of the research development - aiming being critical and transforming inside the Environmental Education field.

Key-words: Adinkra, (in)visibility, (dis)belonging, *orixalidade*, praying mantis, academical writting, autobiographical writing, Environmental Education.

FIGURAS

FIG. 1	Embondeiro (Baobá).....	11
FIG. 2	Bordado em vagonite.....	14
FIG. 3	Flor de Embondeiro (Baobá).....	17
FIG. 4	Fulguritos.....	36
FIG. 5	Élevage de Poussière de Duchamp.....	36
FIG. 6	Escritora Carolina Maria de Jesus.....	37
FIG. 7	Jornal O Artista.....	56
FIG. 8	Desenho do livro O negro na História Americana.....	57
FIG. 9	Porongos da minha horta.....	59
FIG.10	Primeiras impressões com giz de cera – Adinkra Odo Nyera Fie Kwan.....	61
FIG.11	Oficina Multifeira do CESAM.....	63
FIG.12	Carimbos com base em papel.....	64
FIG.13	Oficina de Adinkra no Afro-Verão 2017 (1).....	65
FIG.14	Oficina de Adinkra no Afro-Verão 2017 (2).....	66
FIG.15	Minha filha Lisandra na Oficina do IX EDEA – FURG.....	67
FIG.16	Oficina IX EDEA – FURG.....	69
FIG.17	Oficina no Polo S. Antônio da Patrulha (1).....	70
FIG.18	Oficina no Polo S. Antônio da Patrulha (2).....	71
FIG.19	Carimbo Adinkra Duafe.....	72
FIG.20	Estamparia Adinkra.....	73
FIG.21	Oficina Adinkra na Acessibilidade.....	74
FIG.22	Registro da Oficina Adinkra.....	76
FIG.23	Meu neto Róger Barbosa Dias na Oficina de Adinkra.....	76
FIG.24	Registro da Oficina Adinkra.....	77
FIG.25	Oficina Adinkra na E.M. Assis Brasil – Novembro Negro 2017 (1).....	78
FIG.26	Oficina Adinkra na E.M. Assis Brasil – Novembro Negro 2017 (2).....	78
FIG.27	Adinkra Sankofa em gradeamento.....	79
FIG.28	Registro da Oficina Adinkra.....	80
FIG.29	Minha neta Évelyn durante a Oficina de Carimbos Adinkra.....	80
FIG.30	Imagem do cartão organizado pelos alunos do 4ª ano.....	81
FIG.31	Prof.ª Luize com Adinkra em 3D.....	83
FIG.32	Imagens da confecção do jogo – Prédio das Artes – FURG.....	85
FIG.33	Adinkra Aya.....	92
FIG.34	Registro do Adinkra Mmere Dane na fachada de residência.....	95
FIG.35	Adinkra Mmere Dane.....	97
FIG.36	Portão do Mercado Público.....	98
FIG.37	Restaurante da Tia Lúcia no Mercado Público.....	99
FIG.38	Adinkra Hene.....	100
FIG.39	Adinkra Asase Ye Duru.....	101
FIG.40	Adinkra Sankofa.....	102
FIG.41	Detalhe das colunas nas Docas de Rio Grande.....	103
FIG.42	Gradeamento de residência em Rio Grande.....	104
FIG.43	Adinkra Sankofa.....	105
FIG.44	Adinkra Ohene Kyniie.....	106
FIG.45	Adinkra Nyame Dua – Entalhe em Igreja.....	110
FIG.46	Adinkra Dwenini Mmen.....	111
FIG.47	Criação Adinkra da Invisibilidade – O Grande Louva-a-deus (1).....	116
FIG.48	Criação Adinkra da Invisibilidade – O Grande Louva-a-deus (2).....	117
FIG.49	Criação Adinkra da Invisibilidade – O Grande Louva-a-deus (3).....	118
FIG.50	Criação Adinkra da Invisibilidade – O Grande Louva-a-deus (4).....	119
FIG.51	Adinkra Sankofa/Carimbo Adinkra O Grande Louva-a-deus.....	120

PRÓLOGO

COM A PERMISSÃO DO EMBONDEIRO (BAOBÁ)

[...] existem culturas em que não há fronteira entre uma árvore e uma pessoa. Isto é: um homem (ou uma mulher) pode ser árvore enquanto dorme. No sentido inverso, há árvores que são humanas e que sonham dentro dos nossos sonhos. Há árvores que são sagradas, à sombra das quais se enterram os mortos. O verbo que se usa não é “enterrar”. É “semear”. Há árvores que [...] debaixo da sua copa conversamos com os antepassados.

Mia Couto



Fig. 1 - Embondeiro (Baobá). Desenho de Marcos Nunes. 2018.

O embondeiro ou baobá é uma espécie de vegetal de origem africana e considerada,

Como uma das árvores mais antigas da terra. Conhecido no meio científico com o nome de *Adansônia Digitata*, [...] quando adulto, é considerada a árvore que tem o tronco mais grosso do mundo,

chegando em alguns casos, a medir 20 metros de diâmetro. São árvores seculares, testemunhas vivas da história, que chegam até 6.000 anos de idade. [...] Segundo uma antiga lenda africana, se um morto for sepultado dentro de um baobá, sua alma irá viver enquanto a planta existir. (Caderno de Textos – A cor da Cultura – 2013, p. 76).

Parece que a alma é uma dessas (in) visibilidades, que fazem parte das histórias humanas, porque acreditamos no invisível o tempo todo, mesmo quando nos consideramos totalmente racionais, porque o vento e a morte também são invisíveis, mas existem, assim como minha avó materna.

Maria dos Santos é o nome que foi dado a minha avó, a quem infelizmente, nunca conheci porque foi assassinada. É a primeira referência de invisibilidade na minha árvore genealógica, minha ancestral, raiz do meu embondeiro.

Por questões de respeito, sempre pedimos a permissão dos mais velhos para cumprir nossa missão, é um valor civilizatório africano que se mantém ao longo do tempo, afirmando a importância do respeito aos homens e mulheres que com suas histórias de lutas firmaram a base de conquistas presentes.

Este trabalho não poderia ser diferente, porque mexe com energias que são invisíveis aos olhos humanos, mas nunca ao universo, razão pela qual lhe escrevo a carta a seguir:

Carta para minha avó Maria!

E o que é a morte, vó Maria? Pergunto à senhora, porque a invisibilidade me segreda que Ikú¹ explica a finitude do ser humano, a partir do entendimento de cada cultura em que está mergulhado. Ikú e o ar são partes de um mesmo processo de trocas de energias entre os seres, porque a morte está dentro da vida.

Sinto a sua falta, vó Maria, dói-me o vazio de algo que nunca vivi e essa ausência traz uma dor pesada, como ferro que queima a existência. É uma dor que marca a pele invisível dos sentimentos e isso só eu posso ver e sentir.

¹ É o espírito da morte na concepção yorùbá.

Nossa identidade se completa na convivência com a família, nas histórias contadas, no compartilhamento das aflições e alegrias, nas lembranças e nas fotografias; estas, eu não as tive com a senhora, mas deixarei algumas para os meus netos.

Eu gostaria de contar para a senhora todas as minhas travessuras, minhas dores, minhas conquistas, meus sonhos e minhas pesquisas, então, peço a sua permissão para escrever este trabalho sobre os Adinkra, que é uma importante sabedoria ancestral africana.

Quero visibilizar e dar vez e voz a todos que foram silenciados e marcados a ferro e fogo, porque há muito tempo venho observando os símbolos que estão forjados nas grades que protegem as moradias da cidade do Rio Grande: eles sempre me pareceram familiares, como se me chamassem, mas eu não compreendia o motivo.

Então, desde que iniciei a minha pesquisa com a simbologia Adinkra, percebo algumas relações entre as estamparias africanas e os símbolos presentes nas grades e nos lugares por onde passo, inclusive nas igrejas, onde me espiavam através dos vitrais e mobiliários.

Um dia desses, vó, aconteceu-me uma coisa muito interessante, porque, após o almoço no meu trabalho, senti a necessidade de comer uma sobremesa e, saindo pelos arredores nas ruas do Distrito da Quinta, em Rio Grande, deparei-me com um sagu preparado com suco de uva, que me reportou a muitas páginas da minha infância.

Como uma imagem em pixels, os minúsculos grumos pintaram cenas raras do cotidiano da cozinha lá de casa. Podemos comer a melhor iguaria em restaurantes, porém, as comidas com os sabores da infância jamais terão concorrentes.

Minha mãe, sua filha, preparava o suco de uva caseiro e com ele o sagu que, coberto com um creme à base de leite e ovos, formava uma

dupla imbatível de textura e delicado sabor. Pensando, aqui, nesta carta, o motivo pelo qual o sagu ganhou notoriedade é pelo fato de que ele com seus pixels vermelhos arroxeados me transportaram para um bordado parecido com os Adinkra.

Além de excelente cozinheira, minha mãe bordava; então, recordei, entre os intervalos das colheradas de sagu, de uma saia que ela me havia costurado e bordado, em vagonite² e ponto de cruz, com fios muito coloridos, alguns símbolos dos quais não lembro muito bem e que estão escondidos no algodão-doce das nuvens das minhas memórias infantis.

Percebi que os símbolos das grades e o sagu me levaram, sinestesicamente, até os Adinkra, da mesma forma que os pingos de chuva me levam às notas de piano; e o perfume de café, ao compasso de uma melódia envolvente.



Fig. 2 - Bordado em vagonite. Fonte: Cultura mix.com

Gostaria de contar para a senhora todas essas minhas descobertas, e sinto a necessidade de vencer essa ausência que me

²Bordado executado sobre um tipo de tecido que possui fios que se sobrepõem mais frouxos sobre uma base lisa, permitindo que a linha do bordado seja introduzida por cima e por baixo desses fios, produzindo efeitos especiais no desenho.

acompanha, porque tenho os pés voltados na direção do futuro, mesmo assim, preciso me voltar para o passado, não como engessamento e sim como alimento para a minha caminhada.

Vó, quando olho para trás, para minha árvore genealógica, aquela que mostra as nossas raízes, sinto um vento gelado que acompanha Ikú, e esta falta de calor adormece os pés, o coração; e aproxima o estômago da boca em um grito sem som, que não para de doer.

Minha árvore genealógica é um pinheiro espinhento e orgulhoso, que cresce em direção ao céu; suas folhas são agudas, seu tronco é coberto de escamas como um imenso crocodilo. Ao seu redor existe apenas a solidão ou a companhia de outros iguais a ele, porque é triste, não permite que nenhuma outra vida dance com o vento ao seu redor.

O João-de-Barro é um dos únicos pássaros que se atreve a construir seus ninhos em seus galhos, porém, as suas folhas são mesquinhas e sufocam no solo toda e qualquer possibilidade de vida. O pinheiro chama ikú e esta, lentamente, lhes rouba o ar, então perecem.

A senhora bem sabe, Vó Maria, que a colonização europeia foi e continua sendo a predadora da África, exatamente como os pinheiros: sufocando as vozes, matando a felicidade, trucidando as carnes, roubando o ar das almas, calando as palavras foram ao longo do tempo, para regozijo de ikú, perecendo sob os pés dos algozes.

Ainda pensando nas árvores, Vó Maria, e encontrando nelas a representação de minhas vivências, olhando para elas com carinho, penso que o Batuque³ acalmou-me o gelo das ausências de família e que

³É uma religião de matriz africana “de culto aos Orixás, encontrada principalmente no estado do Rio Grande do Sul, Brasil, de onde sua diáspora se estendeu para outros estados e países vizinhos, tais como Uruguai e Argentina. O batuque é fruto, cremos, dos povos oriundos da África, de regiões onde hoje se situam Nigéria e o Benim. Aqui sendo adotado por povos que chegaram oriundos de outras regiões, onde hoje se situam a Costa da Guiné.” Disponível em:

o Embondeiro é a melhor representação da minha “árvore orixalógica”.

Digo isso porque se na família consanguínea temos uma árvore formada pelo pai, mãe, irmãos, avós e assim por diante, mas é possível ter uma família de Òriṣà, por isso acredito em uma “árvore orixalógica”.

Jamais havia pensado em pertencer a um Ylê, mas, ao visitar o Ylê Áse Oya y Ogum⁴, senti-me abraçada em um laço maior do que eu poderia imaginar. Lá, recebi a energia de toda a minha linhagem ancestral, não tive nenhuma dúvida de que eu chegara a um lugar onde já me aguardavam; e acredito que reencontrei o meu Embondeiro, naquele momento.

Diz um ditado africano que “a sabedoria é como o tronco de um Embondeiro porque uma pessoa sozinha não consegue abraçá-lo”, então, se não podemos ver e nem saber tudo, é preciso acreditar e ver além do invisível para sobreviver!

Se por um lado reconheço minha árvore genealógica na imagem de um pinheiro, vó Maria, por outro, o calor da vida me leva ao Embondeiro, este sim representa a minha “árvore orixalógica”, minha linhagem mítica, da qual a senhora faz parte, que estabelece a minha conexão com a energia vital dos meus ancestrais, através do batuque.

O Embondeiro tem o tronco forte e as raízes profundas, como os valores civilizatórios africanos; o seu crescimento é lentíssimo, como deve ser a sedimentação do conhecimento; abriga em sua copa uma

<https://ocandomble.com/2016/10/26/o-batuque-do-rio-grande-do-sul-uma-religiao-de-orixas/>. Acesso em 10 de junho de 2018.

⁴Este Ylê, terreiro de Umbanda e Batuque, é dirigido pela Ìyálórìṣà Sirlei de Oyá. Localiza-se na Rua Um Velha, nº 307, no BGV Bairro Getúlio Vargas, em Rio Grande, Rio Grande do Sul.

grande variedade de pássaros, servindo de proteção para os passantes e outros animais da mesma forma como precisa ser um Ylé.

O seu tronco arredondado e frondoso tem a sabedoria dos que muito viveram, conhecem os ventos da vida e desencantaram-se com a pressa; ao mesmo tempo é tão generoso e hospitaleiro que serve de reservatório para água em lugares onde existe a escassez. O que é a vida sem o mínimo de água? Então, o Embondeiro tem dentro de si o coração pulsando como vida líquida para todos os que necessitam dele, e assim deve ser uma Iyálóriṣà.

Isso me remete à senhora, vó Maria. Como seria bom se eu pudesse ter bebido dos seus saberes como água que alimenta e refresca.

Por isso acredito que a representação da linhagem de Òriṣà que me abriga forma um gigantesco Embondeiro, minha “árvore orixalógica”, com os braços abertos, recebendo humildemente aos que necessitam, embalando cantos de saudades e enfeitando-se de flores brancas, como a saia de Òṣàlá.



Fig. 3 - Flor de Embondeiro (Baobá). Desenho de Marcos Nunes. 2018.

Posso olhar para esta minha “árvore orixalógica” e ouvir sobre as muitas gerações que me antecederam e, então, vivenciando a presença da paz, tenho a certeza de que um dia, quando cumprir meu papel mítico social, nesta Aiyê, desejo que ikú deposite meu corpo astral no seio de um Embondeiro, para que eu possa juntar-me aos que já se tornaram saudade e nascer de novo.

O sangue derramado pelos nossos ancestrais não foi em vão, por isso escrevo este trabalho como uma longa carta de amor a toda a minha linhagem, que não conheci, mas carrego dentro de cada ponto de hemoglobina do meu corpo.

Por este motivo, minha vó Maria, dedico à senhora esta escrita como forma de reza e respeito.

Vó Maria, meu Embondeiro, com a sua permissão...

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	20
1.1 Trajetória da Pesquisa	24
1.2 O que são esses (in)visíveis Adinkra?	25
1.3 A constituição da Educadora Ambiental	31
1.4 Precisamos ser todos, universalmente, fonte Arial 12 com espaçamento 1,5?	35
1.5 Aportes Teóricos.....	39
2 NOS DESCAMINHOS DO LOUVA-A-DEUS.....	43
3 A PONTE.....	54
3.1 Sobre carimbos	55
3.1.1 Carimbos na pele negra: a marcação com ferro em brasa	57
3.1.2 Criação dos primeiros carimbos como material didático-pedagógico.	58
3.2 As oficinas.....	62
3.2.1 A evolução dos carimbos como material didático-pedagógico	64
3.2.2 Oficina Adinkra: uma discussão sobre as cegueiras sociais.....	66
3.2.3 Adinkra impressos em 3D	82
3.2.4 Propagação dos Adinkra como possibilidade pedagógica e cultural.....	84
3.2.5 Percepções temporárias sobre os materiais didático-pedagógicos e as oficinas.....	86
4 BONS VENTOS!	89
4.1 Africanos, sim. Ágrafos, não!	89
4.2 A escrita Adinkra em Rio Grande: territórios (in)visíveis.....	94
5 Percepções	112
5.1 Ei-lo, o Adinkra da Invisibilidade: O Grande Louva-a-deus!	116
5.2 Carta para minha mãe Clélia.	122
REFERÊNCIAS	124

1 INTRODUÇÃO

Revisando os arquivos da memória, percebo que esta pesquisa teve início muito antes de a Academia fazer parte do meu cotidiano. Na verdade, ela se iniciou pelo olhar inocente de uma criança; meu filho Rafael. Quando em 1991, aos oito anos de idade, passou o dia todo agachado entre as plantas do pequeno jardim na frente da nossa casa.

Não havia jeito de retirá-lo de onde estava e, a todo o momento, mudava de posição, às vezes se punha em pé, outras se deitava no chão, porém, continuava sempre atento e com uma expressão de questionamento.

Como não consegui dissuadi-lo de sua aventura, resolvi me aproximar para ver de perto que estava acontecendo, então, ele me fez um sinal para que eu não fizesse nenhum ruído, pedindo-me para que eu também me agachasse para olhar o objeto de sua pesquisa: um louva-a-deus.

Disse-me que havia tentado, por diversas vezes, alimentar aquele inseto, oferecendo a ele pequenos animais já mortos, contudo, ele nunca os aceitou; e estava impressionado com a forma como o louva-a-deus se (in)visibilizava entre as folhagens, sempre lento e discreto, quase imóvel a observar suas vítimas, sem que elas pudessem percebê-lo, mimetizado de verde-planta.

Rafael também me informou que, pela sua pesquisa, *in loco*, observando as atitudes do inseto no seu *habitat* natural, ele não errava nenhum ataque aos seus alvos, sendo sempre certo e caçando-os com suas patas em formato de pinças rápidas, precisas e implacáveis. Imediatamente, após imobilizá-las, arrancava a cabeça de cada uma e as devorava vorazmente, até que não restasse nenhum sinal das suas existências.

Fiquei impressionada com aquele menino, jovem pesquisador, que tentava compreender os mistérios de um animal aparentemente frágil, porém, extremamente agressivo e voraz, sendo que essa pesquisa ficou registrada na minha memória e já parecia esquecida com o passar dos anos. Hoje, penso que:

O tempo possui uma direção e uma flecha. Escorre de alguma coisa para outra coisa. Na visão linear do tempo, é proibida qualquer repetição. Trabalha-se somente com eventos singulares, individuais, não repetíveis, cada um se posicionando num ponto determinado da

flecha. Porém, muitos afirmaram que os pedaços do passado se reapresentam no presente, dando lugar a renascimentos ou a retornos. (ROSSI, 2010, p. 129 – 130).

Por este viés, sinto que o tempo me oferece um único caderno para as minhas escritas - a vida - composto por muitas páginas já vividas, porém com uma única linha, a do horizonte, que se afasta à medida que escrevo com a caneta da existência, sem direito às correções pretéritas, mas com a obrigatoriedade de fazer tessituras a partir dos textos a quem chamo experiências.

Desta forma, olhando pelo espelho de Òṣun⁵, retorno rapidamente à imagem do louva-a-deus do meu filho Rafael, uma pesquisa-criança, que passou a me acompanhar à medida que minhas lutas contra a (in) visibilidade e o (des) pertencimento negro se avolumaram, porque senti a necessidade de uma representação materializada para isso. Desse modo, esta pesquisa permite que, no campo da Educação Ambiental, a corporeidade e a ética humana proponham, como uma criança, a arte de - em algum momento - projetar a imagem de um homem-bicho ou de um bicho-homem.

Digo isso porque o preconceito e o racismo, na corporeidade humana, passaram a ser considerados, por mim, como um Grande Louva-a-deus, predador incansável das existências humanas, que dizimou o Continente Africano, impediu a vida comunitária entre familiares, destruiu grande parte da história ancestral, levando a dor e o sofrimento para as peles carimbadas com ferro em brasa.

Esses seres humanos não tiveram nem mesmo o direito de usar seus nomes de origem, mas foram obrigados a usar o registro da posse dos seus “donos”. Além disso, não puderam conviver com as memórias contadas pelos seus avós, os quais também não tiveram o direito de pertencer a lugar algum.

A escrita na linha do horizonte, durante todo este tempo, permitiu-me perceber a presença do Grande Louva-a-deus, já que uma inquietação ainda maior passou a fazer parte das minhas pesquisas em busca de (re)significações para as vivências históricas negras, minhas, da minha mãe e de muitas outras mulheres das

⁵Segundo as religiões com base africana “É a divindade das fontes lagos e rios que fertilizam o solo, sendo por isso o Òriṣà da fertilidade. É ela que toma conta do sangue menstrual, da gestação e das crianças até aprenderem a falar” (BENISTE, 2010, p. 125) É muito vaidosa e um dos seus objetos de uso pessoal é o espelho com o qual pode também observar os inimigos e o passado.

quais possam ter sido arrancadas as cabeças, para silenciá-las, ou ainda para acabar com a suas existências.

Em razão disso, escrevi uma carta ao grande louva-deus que traduz o meu enfrentamento contra a (in)visibilidade e o (des)pertencimento:

Carta ao Grande Louva-a-deus

Tu, Grande Louva-a-deus, és um homem-bicho, aparentemente inofensivo, que habita as florestas e jardins da sociedade, em todos os tempos. Estivestes no Continente Africano e movido pela tua desumanidade roubastes riquezas, destruístes reinos, queimastes aldeias, violentastes as vírgens, matastes crianças, separastes famílias, feristes a dignidade alheia, diabolizastes a religiosidade africana, deturpastes culturas e escravizastes guerreiros que arderam sob o ferro quente da tua ganância.

O sal da tua insanidade criou a Diáspora Negra.

És um predador poderoso, que sombreia as existências das peles negras, observas por um longo tempo, o ir e vir das tuas vítimas, te mimetizas em palhetas verdes-ambientais, movimentas a cabeça triangular com grande e silenciosa habilidade, porque necessitas da distração do teu negro alimento. Sinto que tu me observas o tempo todo, porém, quando grito por ajuda, teimam em desconsiderar meus temores: dizem que são vitimismos. Por que és um caçador e carnívoro, não aceitas que te alimentem, porque preferes caçar sozinho a tua presa.

E o teu alimento sou eu, cuja energia vital te abastece, porque escutas minhas palavras e as odeias; olhas para a minha pele e sentes

nojo, consideras os meus cabelos como arame farpado e o Meu Òsàlá⁶, como bruxo! Sou uma afronta à tua caça, pois não conseguiste a minha cabeça!

No entanto, na tua presença, todo cuidado é pouco, porque em um momento de distração, tu podes me aprisionar com tuas pinças rápidas e decepar-me a cabeça devorando-a. Desse modo, vencida, não poderei falar, sorrir e nem mesmo chorar e, principalmente, evidenciar-te, pois te amedronto ao me posicionar. Desta forma, manter a cabeça no lugar, firme e forte, segue sendo minha vitória diária ao longo dessas seis décadas; e todos os dias de minha vida, pois, é ela que me afasta de quem exige a minha (in)visibilidade e quer manter o meu (des)pertencimento.

Teu desejo, Grande Louva-a-deus, é devorar-me por inteiro, lambendo as patas, sem que reste um único vestígio da minha existência, e gostarias de fazê-lo com cada negr@ que ousasse atravessar a tua frente, porque te alimentas de sangue humano, necessitas de sacrifícios para sobreviver.

Não! Eu não serei tua vítima, Grande Louva-a-deus, porque a minha voz, nesta escrita, traz as vozes de tod@s aqueles que, mesmo (in)visíveis, vivem em mim para sempre!

Sou semente das sementes dos ancestrais que me habitam!

⁶Segundo as religiões com base africana, “É o senhor da criação e dos seres humanos e o principal Òrişà Funfun – as divindades brancas – para quem todos se curvam em sinal de profundo respeito pela sua importância na hierarquia das divindades. A cor branca está presente nas suas contas, comidas, animais e insígnias que representam a pureza ética e moral da qual é revestido.” (BENISTE, 2010, p.138).

1.1 Trajetória da Pesquisa

Iniciei o Mestrado no Programa de Pós Graduação em Educação Ambiental (PPGEA), cursando duas cadeiras, As três Ecologias de Félix Guattari I e II, como aluna especial.

No ano seguinte, para a seleção de Mestrado, escrevi um pré-projeto, intitulado **Saias ao Vento: ressignificação das invisibilidades**, em que o objeto de pesquisa eram as sombrinhas encontradas ao acaso nas ruas da cidade do Rio Grande. O objetivo principal da pesquisa era a redução, reaproveitamento e reciclagem dos tecidos das sombrinhas, transformando-as em saias, através das quais seria feito o seguinte questionamento: **como o processo de reaproveitamento de guarda-chuvas e sombrinhas descartadas pode contribuir para a criação de um instrumento político-pedagógico que provoque a reflexão sobre as questões políticas, raciais, culturais, religiosas e socioambientais?**

Nesse pré-projeto, a hipótese, inicialmente levantada, entendia que a redução, o reaproveitamento e a reciclagem desse material serviriam para fomentar uma reflexão crítica e promover uma mudança de atitude com relação ao lixo e à **invisibilidade histórica do negro**.

Percebo neste momento que, assim como no TCC (Trabalho de Conclusão de Curso)⁷, as expressões **invisibilidade histórica do negro, políticas, raciais, culturais e religiosas** se mantiveram durante a trajetória no Mestrado em Educação Ambiental, problematizando as questões relacionadas aos negros que muitas vezes são tratados como lixo humano na sociedade.

Desse modo acredito que as nossas “**escrevivências**” são sempre a partir do nosso próprio cotidiano e não se apartam dos nossos pensamentos, mesmo quando acreditamos que não nos afetam. Escrevivência é um conceito criado pela

⁷Este trabalho foi orientado pela Prof^a Dr^a Tereza Lenzi. Sempre me inquietou o desconhecimento a respeito dos negros como produtores de cultura e construtores da sociedade brasileira, então para o tema do TCC em Artes Visuais, em 2015, minhas discussões se voltaram para a Lei 10.639/2003, que traz a obrigatoriedade do ensino da história e cultura negras nas escolas públicas e privadas. Naquele momento, foram levantadas questões sobre os impedimentos para o cumprimento da lei que, por vezes, a torna invisível. Este trabalho foi publicado pela Editora da FURG e tem sido discutido em muitas escolas na cidade do Rio Grande. Além disso, faz parte do tema de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso em Biblioteconomia da FURG, desenvolvido pela aluna Luciana Antonia Vaz Correa, com o título inicial de Autores Negros nas Bibliotecas Públicas da cidade do Rio Grande/RS. Esta pesquisa também está alicerçada na invisibilidade da Lei 10.639/2003 e será defendida durante o ano de 2019.

escritora Conceição Evaristo, expresso na sua obra *Becos da Memória*, que parte do princípio de que nós, mulheres negras, temos uma forma diferente de apresentar as nossas escritas porque são vivificadas e corporificadas. Deste modo, no meu ponto de vista, são como as cicatrizes de carimbos em brasa e partem do nosso próprio cotidiano, por isso não existe uma dissociação entre o vivido físico e/ou espiritual, porque a nossa gênese vive em tribo, então as nossas palavras carregam, também, todos os sentimentos da nossa ancestralidade, e isto não temos como controlar e nem mesmo como explicar.

Voltando ao pré-projeto inicial, após aprovado, iniciei a frequentar as disciplinas para concluir os créditos necessários e, durante esse período, o vento e as sombrinhas estiveram me acompanhando pelas ruas, onde, de forma inesperada, sempre encontrava alguma sombrinha em completo abandono, que eu recolhia e levava para casa.

A partir delas criei muitas saias coloridas e costuradas à mão, o que me proporcionou momentos de muita reflexão sobre o trabalho que estava em andamento. Porém, se apresentava ainda faltando alguma coisa, porque não era só o reaproveitamento e a reciclagem que estavam permeadas ali. Muitas vezes, ao deixar uma sombrinha para trás, não conseguia dormir, a mim parecia que eu havia abandonado uma pessoa.

Com o passar do tempo, durante as minhas caminhadas pela cidade do Rio Grande, além de recolher as sombrinhas, comecei a prestar a atenção nos prédios históricos, nos entalhes das igrejas, nos gradeamentos que protegem as residências; e os símbolos neles encontrados começaram a me provocar, como alguém já conhecido que desejasse se aproximar, sem saber como.

1.2 O que são esses (in)visíveis Adinkra?

É uma escrita africana inspirada na fauna, na flora, no corpo humano, nas tecnologias, nos astros e nas forças da natureza, utilizada pelo povo Acã (akan), situados no oeste da África. Segundo Nei Lopes,

1.Acã (akan) é uma denominação geral usada para designar vários povos unidos pela cultura e pela língua, dos quais

fazem parte os axantes, fantes e tuís. Eles ocupavam principalmente as florestas do centro e as regiões mais temperadas da antiga Costa do Ouro. 2.Os ancestrais dos povos acãs são originários de terras que se situam entre as atuais fronteiras de Gana e da Costa do marfim, na bacia do rio Volta Negro. (2005, p.161)

Conta-se que o rei Nana Kofi Adinkra dominava a técnica da produção de tecidos carimbados com pigmento natural e ousou copiar e estampar os desenhos do trono de ouro, um símbolo de poder acã. Pela afronta foi morto por Osei Bonsu, rei dos asante, e tanto as técnicas da produção de tecido como suas vestes foram levadas. Depois da sua morte a arte da confecção desse tecido bem como a escrita passou a ser conhecida por todos. Desde então, ADINKRA significa “adeus” (NASCIMENTO; GÁ. 2009), é um tecido carimbado à mão, com carimbos entalhados em madeira de porongos, que nos seus primórdios só era utilizado em cerimônias fúnebres, porém, com o tempo foi se popularizando.

Essa escrita atravessou os mares, no período dos sequestros dos nossos ancestrais africanos, quando ocorreu um processo brutal de (des)territorialização dos negros, com a finalidade de esvaziá-los de sua cosmovisão enquanto sujeitos, sentidos e complexidade da sua dinâmica existencial. Tudo o que trouxeram consigo, segundo Yedda Pessoa de Castro⁸, foram as suas “africanidades”. De acordo com a autora,

se as vozes dos quatro milhões de negro-africanos que foram trasladados para o Brasil ao longo de mais de três séculos consecutivos não tivessem sido abafadas em nossa História, por descaso ou preconceito acadêmico, hoje saberíamos que eles, apesar de escravizados, não quedaram mudos (CASTRO, 2016, p. 1).

Quanto mais eu recolhia as sombrinhas mais os Adinkra me provocavam, indagando-me mesmo, como se um fosse o reflexo do outro em um espelho. Por que me olhas? Quem tu és? Por que estás aqui? De onde viestes? Estas são algumas das muitas perguntas mútuas que nos fizemos e continuamos a nos fazer até agora.

⁸Etnolinguista, Doutora (Ph.D.) em Línguas Africanas pela Universidade Nacional do Zaire, República Democrática do Congo, Consultora Técnica em Línguas Africanas do Museu da Língua Portuguesa na Estação da Luz em São Paulo, Membro da Academia de Letras da Bahia e consultora técnica na Pró-Reitoria de Extensão (PROEX) na Universidade do Estado da Bahia – UNEB / NGEALC.

Passei a conviver com essa dupla de vetores, onde um era embalado pelo vento, livre, embora abandonado; e o outro, incrustado no cimento, esculpido na madeira, escravizado nas ferragens dos gradeamentos e invisíveis.

Então, no período de qualificação do Projeto de Mestrado foi necessário escolher a quem pesquisar especificamente, e decidi, então, com meu orientador, que seriam eles, os Adinkra, o tema da pesquisa, cuja primeira proposta de escrita tinha como indagação **como visibilizar a cultura negra para cegos**, levando em conta o duplo sentido do termo cegueira, tanto pelo viés físico como cultural.

Deste modo, iniciei uma dedicada pesquisa sobre os Adinkra, suas origens, suas cores, seus usos e significados, por isso quanto mais eu os pesquisava maior sentia a minha familiaridade com eles, como se estivessem vivos pela cidade do Rio Grande, porém, mumificados.

Na continuação da pesquisa, ministrei um bom número de oficinas e criei carimbos como material didático e, com o passar do tempo, durante as atividades, afloraram outros questionamentos sobre família, ancestralidade, (des)pertencimentos e (in)visibilidades, relacionadas aos participantes, mas, também, a mim mesma. Em consequência disto, os Adinkra passaram a me acolher cada vez mais e também a me questionar durante as minhas caminhadas pela cidade do Rio Grande, por onde os tenho encontrado em todos os lugares, os mais inusitados, como territórios negros invisíveis.

Bem distante dos “vitimismos” que a sociedade imputa a quem luta contra ou sobrevive ao Grande Louva-a-deus, digo que a epifania mais dura e cruel que tive a respeito de mim mesma é que sou cega dentro do meu próprio trabalho, à procura de pegadas que ratifiquem a minha existência.

Sou cega! Eu me constituí cega, com relação a minha própria origem, e não posso refazer o caminho para apagar as escritas na linha do horizonte, porque é preciso seguir adiante!

Dessa forma, quando Claudia da Silva Cousin afirma que contar alguns episódios que “constituem a minha história de vida, está vinculada com o título da pesquisa que é Pertencer ao naveg@ar, agir e narr@ar: a formação de educadores ambientais,” (2010, p. 25), mais fortemente meus pilares de (des)pertencimento afloram a minha memória.

Ao mesmo tempo, questiono-me como as relações de pertencimento de uma pessoa podem abastecer o (des)pertencimento de outra? Lentamente, compreendo que esta escrita que vem se transformando ao longo da trajetória, coloca-me à frente do título deste trabalho, O Grande Louva-a-deus. Escrita Adinkra e o enfrentamento de (in)visibilidades e (des)pertencimentos nas tramas de uma Educação Ambiental, que, como num espelho, reflete-se, questionando a minha própria história de vida, mesmo durante as oficinas ministradas.

Inscrever-me nessa trajetória até a Educação Ambiental aporta a necessidade de uma anamnese, onde as raízes desta escrita se interseccionem com a Pesquisa sobre a escrita Adinkra, porque contar a história da família para algumas pessoas é muito fácil, simples e prazeroso, porém, para mim isto é doloroso, já que olhar para trás é olhar o breu, o vazio, colocando-me num estado de cegueira total, num oco existencial, que é difícil de ser explicado.

Falar sobre (in)visibilidade e (des)pertencimento me provoca sinestésias estranhas, coisas sentidas e muitas sem nunca terem sido experienciadas fisicamente; lugares que carrego dentro de mim sem que os tenha conhecido de fato, uma vivificação do não vivido, que é reconhecido pela corporeidade, que vão além dos limites da matéria, ao encontro com a espiritualidade.

Quando os Adinkra me perguntam de onde eu venho, neste momento, preciso olhar novamente para o título da pesquisa, e com ele me identifico como num espelho de água clara ao reproduzir o céu, já que ser (in) visível e (des) pertencida é carimbo que minha mãe e eu carregamos na pele da alma desde cedo, porque da história da nossa família, a única coisa que sei é que minha avó foi assassinada quando minha mãe ainda não completara um ano de vida e, desde então, foi doada para muitas famílias, onde passou muita fome, frio e torturas. A mãe, que não gosta de falar do passado, contou-me que numa das famílias por onde passou, quando ela tinha fome, penduravam a comida para que ela ficasse olhando, então chorava até dormir. Para isso costumava se embalar, sentada no chão, movimentando o corpo até bater com a cabeça no assoalho, movimento que ainda hoje, com mais de 83 anos, costuma fazer durante o sono, tamanho o trauma que sofreu.

O Grande Louva-a-deus esteve presente quando, em 1956, minha mãe foi estuprada, em São Francisco de Assis, por um homem branco e influente na cidade;

e, se nesses nossos tempos uma mulher negra enfrenta, ainda, grandes dificuldades, naquela época e ainda grávida os problemas eram muito piores. Então nunca conheci meu pai biológico, outra marca de (in)visibilidade e mais um(des) pertencimento.

Téia, como é apelidada minha mãe, foi sozinha para Porto Alegre, onde nasci. Lá, sua única ocupação foi trabalhar como empregada doméstica, por 30 anos, na casa de uma família, no Bairro Santana. No apartamento, onde o quarto de empregada era minúsculo e não tinha janela, a cama de ferro era suspensa entre dois armários: durante o dia era levantada para poder transitar no ambiente e, à noite, era baixada para dormir; não havia lugar para eu ficar, porque o quarto de empregada era minúsculo e no trabalho da mãe não podia fazer barulho. Desta forma eu precisava ficar invisível para não incomodar aos patrões, além disso, as coisas que eu via, como as frutas, por exemplo, não me pertenciam, nem mesmo à mãe, porque ela precisava estar preparada para todos os afazeres domésticos, inclusive cuidar dos filhos do casal.

Como consequência dessa situação, uma senhora me cuidava e eu vivia entre dois lugares de (des)pertencimento e (in)visibilidade: o quarto de empregada e a Vila do Sesi, em Porto Alegre.

A família que tomava conta de mim era branca e pobre, mas tinha geladeira antiga que era abastecida pelo geleiro, porque, naquela época, compravam-se barras de gelo que eram entregues a domicílio. Nessa casa simples, criavam galinhas, e lá viviam a senhora com seus três filhos e eu. Aos domingos íamos à feira local, porque era onde as pessoas mais pobres faziam suas compras, desde a carne até a vassoura de palhas. O perfume de frutas e legumes me faz feliz até hoje, porque ainda prefiro ir à feira e não ao supermercado. A esse lugar eu pertencia!

A casa, não! Eu me sentia solta nela como uma peça desencaixada; por vezes, tinha crises de choro e costumavam falar que “a negra está de lua”. Sentia uma saudade muito grande de algo (in)visível, que até hoje não sei explicar. Também frequentava o Grupo Escolar da Vila do Sesi, com seus pavilhões em madeira, o uniforme era um tapapó branco com laço de fita azul marinho amarrado na gola.

À escola eu me sentia pertencida, e sempre foi um lugar de boas experiências, porque eu tirava boas notas, tinha raciocínio rápido e fazia amizade com as professoras. Elas admiravam a minha caligrafia e a forma de escrever; mesmo assim eu tinha poucos amigos para brincar, não recordo de nenhum especificamente.

Quando os Adinkra me perguntam quem eu sou, lembro-me do meu nome que, segundo minha mãe, deveria ter sido Sandra Dee, em homenagem a uma artista americana da qual ela era fã, mas no Cartório de Registros erraram a grafia e eu passei a ser Sandra-Lee dos Santos. Com o passar dos anos, a família que me cuidava tentou tirar-me de minha mãe e me registrou como Sandraly Moreira Fragoso, porém, isso deu uma briga muito grande que eu não sei explicar muito bem, porque não me recordo. Para uma criança, já muito estilhaçada pela ausência de ascendentes, tirar-lhe o nome é um estupro a sua identidade em formação, porque:

O nome de um homem não é como uma capa que lhe está sobre os ombros, pendente, e que pode ser tirada ou arrancada a bel-prazer, mas uma peça de vestuário perfeitamente adaptada ou, como a pele, que cresceu junto com ele; ela não pode ser arrancada sem causar dor também ao homem. (Johann Wolfgang von Goethe (1749 – 1832) (VALE, 2005, p. 4).

Quando minha mãe se casou com meu “paibondrasto”, então, fui “renomeada” Sandra Lee dos Santos Ribeiro, passei a (des)pertencer do antigo nome e aprender a me identificar, sem hífen, o que foi muito difícil, e durante muito tempo um terror, porque nem meu nome era meu. Penso que fui deixando, ao longo da vida, pelas (in)visíveis soltas por aí, o que me dá um sentimento de folha, que, solta ao vento, não tem lugar fixo e nem sabe que é folha.

Quando os Adinkra perguntam sobre a minha identificação com eles, digo que estão por aí, no patrimônio da cidade do Rio Grande, e ao mesmo tempo são invisíveis na paisagem, à espera de alguém que os olhe, por isso eu sempre nos encontramos. Não sei como vieram parar em Rio Grande, nos entalhes, gradeamentos e vitrais, da mesma forma que desconheço a origem da minha família, por isso acredito que esse seja o ponto de intersecção entre a pesquisa e a minha vida, desconhecemos nossas histórias pretéritas, mas existimos e resistimos ao Grande Louva-a-deus.

1.3 A constituição da Educadora Ambiental

Ao afirmar a constituição do professor como uma caminhada ativa, comprometida e transformadora, a partir da sua própria constituição, Paulo Freire afirma que

ninguém começa a ser professor numa certa terça-feira às 4 horas da tarde [...]. Ninguém nasce professor ou marcado para ser professor. A gente se forma como educador permanentemente na prática e na reflexão sobre a prática (1991, p.58).

Essa afirmação vai ao encontro das pesquisas com os Adinkra, demonstrando que essa atitude reflexiva não se conclui apenas ao meu fazer pedagógico como Educadora Ambiental em permanente construção, mas também nas vivências diárias de (in)visibilidade e (des)pertencimento, desde a infância, que ao longo do processo de formação social foram me constituindo como profissional e pesquisadora neste campo.

Por este viés, ao apresentar suas reminiscências com o meio vivido, como importantes fontes de retroalimentação e pertencimento, Claudia da Silva Cousin (2010, p. 25) ratifica a importância desta simbiose, dizendo “início a escritura, narrando acontecimentos marcantes, que resgatam experiências vividas na Quitéria – lugar ao qual pertenço – trazendo episódios da infância”. Nessa direção, compreendo que a família, as experiências nos/com lugares, a pertença significativa e prazerosa deram à autora uma retroalimentação na sua constituição como Educadora Ambiental.

Segundo Fábio Leite (1995/6, p. 105) “as famílias conjugais, elas são formadas pelo esposo, esposa [...] e respectivos filhos. Reunidas em um mesmo espaço físico para práticas comuns ligadas à produção”, existindo um grupo coeso, onde a pertença atua como a ligação entre toda a comunidade.

A partir do encontro das falas de Freire, Cousin e Leite, meus olhos se voltaram para o quanto de (des) pertencimentos e (in) visibilidades o Grande Louva-a-deus produziu durante a minha trajetória, com relação à unidade familiar, visto que a desagregação dos seus membros se iniciou em solo africano e se perpetuou no Brasil. Portanto, não poderei nunca colocar-me do lado de fora deste trabalho, como

observadora passiva e pacífica, sob o risco de que a essência do tema se dissipe em breu bem mais cego do que as raízes de minha árvore genealógica.

Esse Grande Louva-a-deus, que me direciona para a luta em defesa da (in)visibilidade e (des)pertencimento do povo negro, também está representado por Aparecida Sueli Carneiro, na sua Tese de Doutorado, intitulada A construção do outro como não-ser como fundamento do ser, ao dirigir-se, com uma carta de abertura, ao Eu hegemônico. Isto me inspirou, também, à inclusão de cartas na tessitura desta pesquisa. Assim, ela inicia o texto:

Falarei do lugar da escrava. Do lugar dos excluídos da res (pública). Daqueles que na condição de não-cidadãos estavam destituídos do direito à educação [...]. Para convencer-te a aceitar esse encontro busquei conceitos (que tu não aprecias) para te demonstrar o deslocamento do humano que praticastes em relação a mim, expulsando-me para longe, muito longe, na morada de uma alteridade situada nos confins do não-ser, para além dos Outros que foram admitidos, ainda que com reservas, na sua privacidade. Não falo por desrespeito ou inveja. Posso viver perfeitamente bem sem ti. Incomoda-me apenas o desconforto das condições de vida que me dignastes que, aliás, só conheci depois de te encontrar. (2005, p. 21, 22)

A autora expressa com outras palavras os sentimentos de (in)visibilidade e (des)pertencimento, enquanto negra, que permeiam esta escrita e cujo desenraizamento ancestral produziu a construção do não-ser, ou melhor dizendo, do oco existencial produzido pelo Grande Louva-a-deus na vida do povo negro e seus descendentes.

Essas vivências negativas interferem diretamente nos alicerces da formação humana como um todo, por isso, de acordo com Manfrinate, Quadros e Kawahara (2016, p. 122), “no contexto da Educação Ambiental encontra-se um espaço privilegiado para se repensar e se viver possibilidades de reconstruir as formas de se compreender o mundo pelo convite em situar a vida de volta à relação com o meio vivido”, o que reflete diretamente na minha constituição como Educadora Ambiental, na escolha do tema para dissertar, na forma da escrita com trechos epistolares e nas tessituras sobre (in)visibilidade e (des)pertencimentos.

As vivências e experiências sociais também são alicerces dos grandes problemas ambientais que assolam o mundo e muitas ficam enclausuradas na

corporeidade e na memória de quem as vive. Portanto, as histórias de vida são aportes basilares para a formação do ser humano no/com o mundo que o cerca, isto é, no campo da Educação Ambiental.

Escolhi os Adinkra como tema porque acendi uma vela para Òrìṣà Ògún e pedi a ele que me mostrasse o caminho desta escrita, que é também uma luta comigo mesma, com meus fantasmas, com meus medos, com meus (des)pertencimentos, e com a minha (in)visibilidade. Ele mostrou-me, em sonho, que os Adinkra são resistências de um tempo do “africanicídio” dos meus antepassados, que “o povo negro carrega uma memória da nossa História que está submersa, escondida pelo racismo, que precisa ser descortinada, desenterrada” (TRINDADE, [2013?, p. 46), visibilizada aos olhos da academia e da sociedade em geral.

Caminhando nessa direção, é possível perceber que “até hoje existem nos currículos de História das universidades brasileiras poucas disciplinas específicas sobre a África” LIMA (2013?, p. 21), e que apesar de estar presente e incrustada no patrimônio da cidade do Rio Grande, a escrita africana Adinkra não consta, até esta data, como tema de pesquisa do Curso de Pós-Graduação em Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande – FURG.

A partir deste contexto, levando em conta o desconhecimento a respeito da temática, justifico essa pesquisa com uma conotação autobiográfica questionando **como enfrentar as relações de (in)visibilidade e (des)pertencimento ancestral sob a luz da complexidade Adinkra em uma Educação Ambiental**, que pretende ser ética, crítica e transformadora.

Recentemente assisti a um lindo filme intitulado “O Farol das Orcas⁹”, cujo protagonista perdeu sua família, a qual nunca foi encontrada, em um acidente de avião no mar. Passou a pesquisar as orcas como se elas fossem o último elo com os mortos; as orcas, para ele, lhe traziam mensagens do fundo do mar e o reconectavam com a família.

Da mesma forma, os Adinkra são o elo entre eu e meus ancestrais africanos, talvez a resposta mais próxima daquilo que se chama família, porque quando olho para eles me sinto pertencida a algum lugar e visível para a sociedade. Para mim, eles são como pegadas deixadas ao tempo, como sinais da existência de alguma

⁹ El Faro de las Orcas (Original), Drama, Direção Gerardo Olivares, Espanha, 2017, 110 min.

coisa que ainda não sei bem o que é, mas ela existe. Se existem pegadas, então, existem histórias, então existem pessoas, embora invisíveis.

Considero essa pesquisa um objetivo vital e pesquiso para o meu povo que são todos esses a quem desconheço e para reverenciar todos os que vivem em mim, principalmente, as mulheres que deram o seu silêncio, a sua carne, e os seus sonhos em sacrifício, para que eu hoje possa, nesta academia, falar sobre Adinkra.

Essa é uma construção coletiva e tribal de luta pela sobrevivência de histórias que não são bonitas e sim, muitas vezes, contos sem fadas, porém, verdadeiras; e para sobreviverem ao Grande Louva-a-deus, algumas princesas necessitam morrer, talvez como a minha avó!

Por isso, este trabalho é para a minha descendência, é uma escrita Sankofa, para a qual minha filha e minhas netas possam olhar e não cegar diante do breu da (in)visibilidade e (des)pertencimentos pretéritos.

Os sonhos, por vezes, abastecem essas lacunas de breu, abrem portais e me conectam com doçuras da avó que eu não conheci. Há algum tempo acordei no meio da noite com uma melodia soprada aos ouvidos: era Vó Miguelina, que ajudou a nascer e criou centenas de crianças, filhos do mundo, muitas vezes do Grande Louva-a-deus! Ela cantava uma canção doce, triste e sofrida, mais ou menos assim:

Eu deixei o meu amô lá muito longe
Muito além do mar
A sôdade que eu sinto é tão grande
Qui mi faiz chorá
Quando zóio lá pro céu qui é infinitu
Vejo teu oiá
São estrelas que me óia e com seu bilhu
Qué m'infeitiçá
Ai quem mi dera ai quem mi dera
Um dia podê ti abraçar
I senti teu coração colá nimim
I si dispará
I senti teu coração colá nimim
I si dispará

Essas mulheres, como Vó Miguelina, talvez minha bisavó, fazem parte do meu (des)pertencimento e da minha (in)visibilidade, da minha formação genealógica.

Por esse motivo, peço licença a minha ancestralidade para escrever este trabalho, que pode ser também parte das histórias de outras mulheres.

1.4 Precisamos ser todos, universalmente, fonte Arial 12 com espaçamento 1,5?

Todas as interações que acontecem no universo deixam uma escrita e, neste movimento, carimbam a sua presença como autoras, mantenedoras e modificadoras do mundo em que vivemos, onde a Mãe Natureza é uma sábia Educadora Ambiental, porque nos ensina que a diversidade responde por toda a beleza que a compõe.

Um fulgurito é uma dessas belas escritas, obra de arte que por onde passa imprime a “personalidade” do raio, deixando a sua digital registrada neste processo. Este fenômeno é,

(popularmente pedra-de-corisco ou pedra-de-raio) ao material formado pela fusão de minerais ou rochas pela ação de um raio. Ao atingir o chão, a altíssima temperatura da descarga elétrica funde o material que encontra e pode, nesse processo, formar uma nova substância mineral. É um processo natural e inorgânico, que produz uma substância sólida, homogênea e de composição química definida: (BRANCO¹⁰, 1992).

Ali ficam imortalizados a sua temperatura, a sua velocidade, o seu rugido, a sua força, os seus odores, a “emoção do impacto”, portanto, jamais teremos dois fulguritos iguais porque cada um é a impressão tátil do fenômeno; deste modo, aprendemos que a “escrita” de um raio nas areias é a sua identidade, “assim, a natureza deixa de ser considerada como mero palco dos acontecimentos e se torna autora com voz corporificada em um sujeito uno e coletivo.” (MANFRINATE; QUADROS; KAWAHARA; 2016, p. 124).

¹⁰ Geólogo Coordenador do Museu de Geologia. Pécio de Moraes Branco.



Fig. 4 -. Fulguritos. Fonte: Página Curiosity makes you smarter

Assim como os fulguritos, que são irrepetíveis, a poeira também nos ensina que a arte da impressão pode estar em lugares inimagináveis, revelando-se como uma escrita que se tornou única para o importante artista francês Marcel Duchamp, criador do *ready-made*, que, rompendo com o cartesianismo estético, introduziu objetos da vida cotidiana no campo das artes plásticas. Essa imagem revelada a Duchamp, com sua plasticidade quase etérea, resultante do acasalamento da poeira com o tempo, foi imortalizada na fotografia de Man Ray¹¹, que impressionado escreveu:

Olhando-a enquanto focava, essa obra apareceu-me como uma estranha paisagem vista do alto. Via-se o pó e pedaços de tecidos e resíduos de algodão que tinham servido para limpar as partes acabadas, o que adensava o mistério (...). Era preciso um tempo de exposição longo; abri o obturador e fomos jantar, tendo regressado à volta de uma hora mais tarde; fechei então o obturador. (Fig. 3).



Fig. 5 - Élevage de Poussière de Duchamp. Fonte: Página Wrong Wrong Magazine.

¹¹ Disponível em: <http://wrongwrong.net/breves/historias-de-po>. Acesso em 29 de agosto de 2018.

Carolina Maria de Jesus, negra e catadora de lixo, escreveu em diários o dia a dia da favela de Canindé, em São Paulo, onde morava, na década de 1950, com seus seis filhos. Tornou-se escritora famosa quando esses registros foram publicados no livro Quarto de Despejo (2007). Nesse magro diário, na data de 26 de agosto de 1959, escreveu que “a pior coisa do mundo é a fome” (p. 192). A sua escrita de mofo, sujeira, umidade e miséria foi impressa em cada folha dos cadernos que encontrava, assim como o seu suor, as suas verdades, sua quase inexistência, o que equivale dizer que sua (in)visibilidade apareceu escrita para o mundo todo em versos “amarelos de fome”, que são únicos.



Fig. 6 - Escritora Carolina Maria de Jesus.
Fonte: Página do Estadão.

O fulgurito, a poeira de Duchamp e os cadernos de Carolina Maria de Jesus, cada um a seu modo, imprimem a sua identidade em uma escrita própria, com seus odores e singularidades de fenômenos únicos e irrepetíveis. Então, pergunto:

PRECISAMOS SER TODOS, UNIVERSALMENTE, FONTE ARIAL 12 COM ESPAÇAMENTO 1,5?

Quanto mais se desenvolvem as tecnologias que facilitam a escrita rápida e impessoal, com formatos pré-determinados, mais facilmente o mundo acadêmico padroniza a nossa escrita, robotiza a personalidade da nossa fala e coloca nossas ideias em molduras retangulares, embora a circularidade da vida se negue a enquadrar-se nestes modelos. É muito difícil, para quem luta pela visibilidade,

esconder-se atrás de um padrão de escrita em que os textos, por vezes, não carregam a nossa identidade, porque em algumas situações não nos é permitido explorar nossos limites; e nossas palavras hermeticamente rebuscadas aplacam nossos sentimentos que, envidraçados, se desidratam e se mumificam.

Nesta direção, (REIGOTA, 2006, p. 10) afirma que “a educação ambiental [...] tende a questionar as opções políticas atuais e o próprio conceito de educação vigente, exigindo-a, por princípio, criativa, inovadora e crítica”. A partir desta lente, postula-se que a utilização de fontes não convencionais do universo acadêmico, para a escrita desta pesquisa, deve-se ao fato da necessidade de visibilizar outras **possibilidades estéticas** que, não desprezando o compromisso com a ciência, corroborem a descolonização dos processos científicos, porque “nenhum povo ou cultura criou o método científico, isto é uma atribuição humana. Defender que existe somente um método de desenvolvimento científico é deseducador” (MACHADO, 2013?, p. 66), e isso inclui também ao formato da escrita.

As escritas acadêmicas ainda são pensadas como uma forma de homogeneizar o sujeito, mas nós, NEGROS, não somos iguais aos outros e a nossa diferença precisa ser respeitada, porque, da mesma forma que os indígenas, somos “actores en el mundo, que participan en comunidades de práctica y que muchas veces se resisten a los posicionamientos institucionales.” (ZAVALA, 2011, p. 53), porque as instituições necessitam auscultar, com alteridade, as necessidades e as singularidades de outros grupos humanos a fim de que as escritas acadêmicas reflitam seus sentimentos.

É preciso descolonizar o conhecimento, porque, atualmente, se sugere que “los estudiantes mantengan sus discursos del hogar en el hogar y que ingresen al discurso académico con una nueva identidad y sentido de la realidad” (ZAVALA, 2011, p. 64), na contramão, penso que a diversidade precisa deslocar-se, através dos seus discursos personalizados para o interior das universidades.

Por esses motivos, esta pesquisa quer dar vez e voz a outros formatos que, carregados de subjetividade, falem da minha força, como o raio do um fulgorito; da minha perseverança como a da poeira de Duchamp e da minha resistência, como as escritas de chorume de Carolina. Deste modo, a proposta para este trabalho é a de uma escrita mais leve, em que as emoções e as memórias se materializem no

formato de gênero epistolar e que, algumas vezes, apareçam expressões de cores e escritas em línguas africanas.

Durante a escrita deste trabalho, lembrei-me do conto africano Anansi, o velho sábio (KALEKI, 2007)¹². Neste livro, conta-se que havia um baú onde as histórias do mundo eram muito bem protegidas pelo Deus Nyame. Desejando ser a guardiã delas, a pequena aranha Anansi precisou realizar importantes tarefas para conseguir o direito de abrir esse baú ao mundo dos homens.

Compreendo os Adinkra como tesouros que se encontram bem guardados no baú do tempo, por isso, decidi apresentá-los em baús e, coletando o ar de diversas formas, foram organizados a fim de guardar segredos ou (re)velar histórias. Por isso, cada um deles guarda cartas que pretendem ser registros do movimento da vida.

No Baú da Tormenta, apresento as raízes da existência deste trabalho sobre Adinkra no campo da Educação Ambiental, relacionando as lacunas de (in)visibilidade e (des)pertencimentos propiciados pelo Grande Louva-a-deus, a partir de contextualizações históricas.

No Baú do Respiro, apresento as oficinas, o material didático-pedagógico e as teias de comunicação que passaram a se estabelecer através dos Adinkra nos lugares de educação. As oficinas são os meios através dos quais transgrido a (in)visibilidade e reconstruo o meu pertencimento, colaborando, também, para a reconstrução do pertencimento de outras pessoas, discutindo ética e estética no campo da Educação Ambiental.

No Baú dos Ventos, apresento uma coletânea, ainda inicial, de Adinkra encontrados pela cidade do Rio Grande. Um Adinkra é como uma carta de sinalização e quando aparecem são registrados em fotografia. A partir desses registros encontrados no patrimônio da cidade do Rio Grande, o artista Marcos Nunes os tem desenhado, levando em consideração o movimento dos ventos e da vida.

1.5 Aportes Teóricos

¹²Kwaku Anansi é um conto tradicional da cultura africana, onde o deus Nyame guarda o baú das Histórias do mundo. Para conquista-lo Anansi ajudado por sua esposa Aso cumpre quatro trabalho a pedido de Nyame e conquista o direito de cuidar e tamar as histórias humanas.

No campo da (in)visibilidade e (des) pertencimento, trago para o diálogo com a Academia, os ventos de Yánsán, que de acordo com a cultura africana é também responsável pelas grandes tempestades. Que outro aporte traria com total propriedade a vivência de (in) visibilidade e despertencimento para este trabalho? Quem já conseguiu fotografar o vento? A quem pertencem os ventos, por onde e quando transitam?

Desconheço aporte teórico mais significativo, neste sentido, já que esta escrita se conecta com as forças da natureza visíveis e invisíveis onde o cientificismo não dá conta de representá-la totalmente. Por outro lado, Yánsán tem como um de seus símbolos, além dos ventos, a borboleta cuja presença se faz sentir nas entrelinhas deste trabalho que passou por uma transformação radical desde o início do pré-projeto.

Para esta escrita, que foi se constituindo como autobiográfica, é imprescindível que, ao lutar pela liberdade da minha expressão, eu me aporte de Conceição Evaristo, que é mulher negra e escritora, romancista que dá cor e som às vozes de ébano caladas desde o período da escravização, porque escreve para um povo que, sob os desmandos do preconceito, do racismo e da invisibilidade – o Grande Louva-a-deus – encontra nas suas obras um grito de liberdade, porque a sua escrita,

carrega e propaga os sentimentos, as dores, as alegrias, os gritos e os sussurros de uma multidão de pessoas – de homens e, sobretudo, mulheres cujas vozes são insistentemente caladas. Com base no que chama de “escrevivência” – ou a escrita que nasce do cotidiano, das lembranças, da experiência de vida da própria autora e do seu povo –, ela compõe romances, contos e poemas que revelam a condição do afrodescendente no Brasil.¹³

Nas suas “escrevivências”, a autora descreve os lugares onde viveu e sofreu com a (in)visibilidade devido à falta de recursos materiais para uma vida digna na favela onde morava, bem como com o (des) pertencimento que sofreu quando a

¹³ Disponível em: <https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>. Acesso em 21/03/2019.

família foi obrigada a abandonar o local que sofreu um desfavelamento, uma releitura de diáspora.

Deste modo, nesta pesquisa sobre a escrita Adinkra, ao inscrever-me através das minhas experiências, como parte do trabalho apresento, uma “escrevivência” (ITAÚ CULTURAL, 2017), aos moldes da escrita de Conceição Evaristo, onde através das cartas me conecto com a ancestralidade, porque escrevo para e por todos os que compõem o meu embondeiro, inclusive, e principalmente, para as gerações futuras.

Na mesma sintonia, e não menos importante, a escrita de Carolina Maria de Jesus, com sua obra Quarto de Despejo também sustenta a importância da autobiografia, porque sendo negra e favelada, como eu, contou-se através do lugar onde vivia com seus seis filhos. Escreveu, descreveu e se inscreveu nos diários como parte do lugar de seu (des)pertencimento e (in)visibilidade, como cartas que um dia foram descobertas por um jornalista atento. Através dessas escritas, foram reveladas as muitas Carolinas amalgamadas: a mulher, a mãe, a escritora, a catadora de lixo, a educadora, a (in)visibilizada, a crítica, a política, a lutadora, a (des)pertencida e muitas outras subentendidas nas entrelinhas dos cadernos encontrados no lixo, uma metalinguagem. Além disso, somos faveladas!

Através da escrita Adinkra, me coloco à frente do mesmo espelho dessas mulheres, com suas “escrevivências” duras, porém, de superação, porque impossível é aquilo que ainda não foi feito.

Com relação às cartas, Leandro Narloch é uma referência basilar, porque a pesquisa sobre registros do período escravagista não é de fácil acesso, então, a partir desta obra muitas elucidações são possíveis.

No campo da Educação Ambiental, as relações de pertencimento, área de pesquisa de Claudia Cousin, são importantíssimas para estabelecer um paralelo entre as questões de (des)pertencimento levantadas nesta escrita. O meio, as relações familiares e as superações de vida fazem parte do contexto de formação de uma Educadora Ambiental e se fazem presentes no seu fazer pedagógico.

BAÚ DA TORMENTA

A nossa escrevivência não pode ser lida como história de ninar os da casa-grande, e sim para incomodá-los em seus sonos injustos.

Conceição Evaristo

2 NOS DESCAMINHOS DO LOUVA-A-DEUS

A impossibilidade de justiça a favor de um povo completamente despertencido de suas origens era o pensamento do período escravagista. A lei era não ter lei que pudesse minimizar o sofrimento de homens e mulheres transformados em mais objetos de uso e descartes fáceis.

Contradizendo todas essas impossibilidades, a escrava Esperança Garcia rompeu este silêncio e escreveu uma carta ao governador do Piauí, em seis de setembro de mil setecentos e setenta, para reclamar do seu senhor, o capitão Antônio Vieira Couto. Fora comprada da Fazenda dos Algodões, uma fazenda de gado criada pelos jesuítas, segundo seu relato, na carta:

A primeira é que há grandes trovoadas de pancadas em um filho meu, sendo uma criança, que fez extrair sangue pela boca. Em mim não posso explicar que sou colchão de pancadas, tanto que caí uma vez do sobrado abaixo; por misericórdia de deus escapei. A segunda: estou eu e minhas parceiras sem confessar a três anos. E há uma criança minha e outras duas mais por batizar. Pelo que peço a V.S pelo amor de Deus e do seu valimento ponha os olhos sobre mim ordenando o procurador que me mande para a fazenda de onde me retirou. (MOTT, 1995 p. 105 *apud* NARLOCH, 2017, p. 53).

O relato da escrava Esperança Garcia evidencia que a obediência cega para todas as finalidades, mesmo as mais sórdidas, era a exigência que permeava os desmandos do tráfico.

Joaquim Nabuco condenava essas práticas monstruosas, e assinala que

sobre o tráfico de escravos no continente africano os exploradores nos contam em páginas que horrorizam; o que era nos navios negreiros, nós o sabemos pela tradição oral das vítimas; o que por fim se tornava depois do desembarque em nossas praias, desde que se acendiam as fogueiras anunciativas, quando se internava a caravana e os negros boçais tomavam os seus lugares ao lado dos ladinos nos quadros das fazendas [...] a história não oferece ao seu longo decurso um crime geral que, pela perversidade, horror, e infinidade dos crimes particulares que o compõem, pela sua duração, pelos seus motivos sórdidos, pela desumanidade do seu sistema complexo de medidas, pelos proventos dele tirados, pelo número de vítimas, e por todas as suas consequências, possa de longe ser comparado à colonização africana da América. (2000, p. 63).

O mar entre a África e o Desmundo¹⁴ foi um sepulcro silencioso de milhares de corpos negros que jamais tiveram o direito a serem sepultados dignamente em uma cova. Ao desembarcarem na terra completamente desconhecida, eram separados de suas famílias, então, famintos, desnudos física e mentalmente ainda eram tratados como objetos sem qualquer tipo de sentimento.

A premiada literatura de Conceição Evaristo coloca sob lentes de aumento a (des)ontologização sistêmica de um negro que, desde criança, aprendeu a ser um nada existente. Entre realidade e ficção escreve que

o pai de Ponciá sabia ler todas as letras do alfabeto. Sabia de cor e salteado. Em qualquer lugar que visse as letras, as reconhecia. Não conseguia, porém, formar as sílabas e muito menos as palavras. Aprendera a ler as letras numa brincadeira com o sinhô-moço. Filho de ex-escravos, crescera na fazenda levando a mesma vida dos pais. Era pajem do sinhô-moço. Tinha a obrigação de brincar com ele. Era o cavalo com que o mocinho galopava sonhando conhecer todas as terras do pai. Tinham a mesma idade. Um dia o coronelzinho exigiu que ele abrisse a boca, pois queria mijar dentro. O pajem abriu. A urina do outro caía escorrendo quente por sua goela e pelo canto de sua boca. Sinhô-moço ria, ria. Ele chorava e não sabia o que mais lhe salgava a boca, se o gosto da urina ou se o sabor de suas lágrimas. (2017, p. 17)

A Obra Memórias Póstumas de Braz Cubas registra também muitos momentos de escárnio e violência contra crianças escravizadas, sendo que este acúmulo de torturas e de (in)visibilidades, ao longo dos quatro séculos, produziu homens com mentes escravizadas que, “esquecidos” dos seus sofrimentos durante este processo destrutivo, acabaram por se tornar algozes de seu próprio povo e cegos diante de tanto sofrimento.

Ainda hoje, muitas vezes somos forçados a crer, assim como nossos ancestrais, que somos invisíveis, para nossos próprios olhos, nos tornando os fantasmas de um tempo em que existimos sim, porque sentimos, e ao mesmo tempo estamos mortos porque, aos olhos da sociedade, ainda somos invisíveis.

“Urinam” em nossas bocas palavras que devemos dizer, em línguas que precisamos aprender, forçadamente. Depois, estas mesmas ações coercitivas são

¹⁴Filme Desmundo, Direção: Alain Fresnot, Drama, 2002, 1h 41 min.

reproduzidas entre os grupos negros, que aprenderam como devem ser para agradar à sociedade não negra.

Este é o caso de José Francisco dos Santos, conhecido como Zé Alfaiate, um ex-escravo que, tendo seus valores civilizatórios assassinados, tornou-se um grande sequestrador e traficante de africanos, predando seus próprios irmãos.

Zé Alfaiate ganhou este apelido quando era escravo na Bahia, provavelmente pela profissão que exercia em Salvador. Por volta de 1830, conquistou a liberdade e decidiu voltar para a África. Casou-se com Francisca (ou Siké Daho), uma das filhas de Francisco Félix de Souza, ninguém menos que o principal traficante de escravos da região. Instalou-se em Ajudá e passou a mandar escravos por conta própria. [...] Tammata, um escravo Hauçá levado à França, onde foi batizado com o nome de Pierre e aprendeu a ler e escrever em francês. [...] Vestia-se como um europeu, tocava trompa e tinha em casa móveis e sofás franceses, e até mesmo retratos dos Bourbons na parede. [...] o negro brasileiro Antonio Vaz Coelho se casou com a filha de nobres de Aladá na década de 1770. Para garantir o fornecimento de escravos nos navios, montou um exército pessoal para batalhar com reinos vizinhos. Sua guarda contava com homens armados com fuzis e canoas com canhões. (NARLOCH, 2017, p. 81-82)

Olhando para estes fragmentos de (des)ontologização, é fácil perceber a origem de muitas demandas na constituição familiar dos grupos negros, aqui no Brasil, onde muitas vezes escutei os mais velhos dizerem que “os negros não sabem viver em grupo”, “negro não confia em negro”, “negro não valoriza negro”; se for preciso “para se dar bem, o negro trai o seu próprio irmão”, já que na base de sua formação, para sobreviverem, muitos ancestrais foram obrigados a negar suas origens, seus costumes e seus valores civilizatórios.

Fábio Leite¹⁵ narra que “através da respiração o conjunto força vital/palavra/respiração é elemento constitutivo da personalidade, emergindo plenamente quando o homem o estrutura de maneira a criar a linguagem e o exterioriza através da voz” (LEITE, 1995/6, p. 105). Como foram calados, perderam grande parte da identidade; o que lhes impediu de conservar sua língua mãe e adotar, como defesa, a língua do colonizador, a negação de si mesmos, a serem invisíveis úteis para a sociedade, onde foram introduzidos à força.

¹⁵Pesquisador do Centro de Estudos Africanos na Universidade de São Paulo.

Deste modo, não basta ter pele negra para ter lutas negras, pois, muitas vezes, por baixo dela estão acomodadas as mazelas oriundas da escravização. Os traficantes de vidas negras não eram mais brancos, e sim, “negros de alma branca”.

Quanto às mulheres negras, que escravizavam as semelhantes, relata ainda Narloch, que existia o Bordel da Barbuda, pertencente à Anna Valentina da Silva, ex-escrava, que desde cedo fora entregue ao ramo da prostituição; e proprietária de vários bordéis onde “a arregimentavam belíssimas mucamas, mulatinhas escravas que ela comprava sem regatear, todas elas mais ou menos claras quase implumes, pois eram exibidas de vestido curto e calças” (ALMEIDA, 1906, *apud* NARLOCH, 2017, p.191).

Esses processos desencadearam a (in)visibilidade de um povo a ponto de deixá-lo invisível para si próprio, como alguém que está vivo, mas perdeu a consciência e o sentido de sua existência, não se reconhecendo como gente, ou agente, e sim como subalternidade e insignificância naturalizadas no espaço onde vegetavam.

Passavam, então, a sobreviver, apenas, como peças de uma engrenagem macabra com a única finalidade de enriquecer seus senhores, em terras brasileiras, onde houve a pior e mais longa escravização de todo o mundo, tendo como única companhia a solidão e suas memórias que a cada dia se tornavam mais distantes. Nada se compara às lembranças das vivências em família e, isto, todos sabiam que jamais as viveriam novamente, porque isto é um oco existencial chamamos de hiância.

Por outro lado, é preciso perguntar se isto existe ou existiu e se não seriam os “vitimismos”, dos quais o povo negro é sempre acusado. Então, Anzieu (1995, p. 3 *apud* MBEMBE, 2018, p 20-21) na mesma direção afirma que ser negro

assinalava uma série de experiências históricas dilacerantes, a realidade de uma vida vacante; a ameaça assombrosa. Para milhões de pessoas apanhadas nas redes da dominação racial, de verem seus corpos e pensamentos operados a partir de fora e de verem transformadas em espectadores de algo que, ao mesmo tempo, era e não era a sua própria existência.

Assim como um vazio insólito; este oco existencial passou a ser o companheiro dos ancestrais africanos durante os quatrocentos anos de penúrias e

destruição dos seus valores civilizatórios, quando os jovens não sobreviviam por mais de cinco anos, devido aos maus-tratos, à desnutrição, às condições de trabalho desumanas e às péssimas condições de higiene.

Entre os anos de 1525 e 1851, mais de cinco milhões de africanos foram trazidos para o Brasil na condição de escravos, e não estão incluídos neste número, que é uma aproximação, aqueles que morreram ainda em solo africano, vitimados pela violência da caça escravista, nem os que pereceram na travessia oceânica. Além disso, muitos morriam de banzo (HAAG, 2010) nas tentativas de fuga, ou se suicidavam. Essa tristeza, batizada de banzo, era um estado de depressão psicológica que tomava conta dos africanos escravizados assim que desembarcavam no Brasil; e seria uma enfermidade crônica: a nostalgia profunda que levava os negros à morte.

No século XIX, obras como as do médico francês François Sigaud e do naturalista Carl F. Von Martius, bem como crônicas de viajantes europeus, veicularam essa ideia de uma nostalgia fatal dos escravos. Nestes relatos, as mortes voluntárias dos cativos são descritas como uma forma passiva de suicídio – recusar alimentos e deixar-se morrer de inanição e tristeza – e também pelos métodos universais, como enforcamento, afogamento, uso de armas brancas, a saudade que mata (HAAG, 2010, p. 87-89).

Mas, durante as infernais travessias pelos oceanos, não havia como fugir, já Castro Alves narrou que:

Era um sonho dantesco... O tombadilho/Que das luzernas avermelha
o brilho,/Em sangue a se banhar./Tinir de ferros... estalar do
açoite.../Legiões de homens negros como a noite,/Horrendos a
dançar.../Negras mulheres, suspendendo às tetas/Magras crianças,
cujas bocas pretas/Rega o sangue das mães:/Outras, moças mas
nuas, espantadas,/No turbilhão de espectros arrastadas,/Em ânsia e
mágoa vãs. (p. 88, t.d.)

Apesar de não ser negro, Mia Couto imortalizou este (des)pertencimento e a solidão na imagem literária do passarinho dizendo que

esse homem sempre vai ficar de sombra: nenhuma memória será bastante para lhe salvar do escuro. Em verdade, seu astro não era o Sol. Nem seu país não era a vida. Talvez, por razão disso, ele habitasse com cautela de um estranho. O vendedor de pássaros não

tinha sequer o abrigo de um nome. Chamavam-lhe o passarinhoiro (COUTO,1990, p. 61).

Passarinheiro é o personagem principal do conto “O embondeiro que sonhava pássaros”, de autoria de Mia Couto, que faz parte do livro Cada homem é uma raça. Esse homem, vivendo no oco de um embondeiro, representa a solidão vivida pela (des)territorialização africana em tempos de escravização e traz em si a gênese escravista ratificando a (in) visibilidade negra imposta pela sociedade eurocêntrica.

Com o passar dos tempos, as gerações seguintes aprenderem por osmose o silêncio descrito na literatura; e o sofrimento coletivo as ensinou a se manterem caladas e invisíveis diante de tantas humilhações. Ao longo de tantos anos, tentando sobreviver, esqueceram-se quem realmente eram, já que as inverdades negativas que lhes foram depositadas acabaram por deturpar as suas personalidades.

Apesar disso, deste lado dos oceanos, trouxeram a arte Adinkra, parte do que lhes sobrou dos relatos e das memórias ancestrais. Neste sentido, pensando nos africanos como produtores de cultura, Aimé Césaire, no seu discurso em Miami, no ano de 1987, proferiu as seguintes palavras:

Eu, pessoalmente, diga-se de passagem, nunca pude me habituar à ideia de que os milhares de homens africanos, que o tráfico negreiro transportou outrora às Américas, não tiveram outra importância senão a sua força animal – uma força animal análoga, e não necessariamente superior àquela do cavalo ou do boi – e que eles não tenham impregnado as civilizações nascentes de certo número de valores essenciais, dos quais essas novas sociedades eram portadoras em potencial (CÉSAIRE; MOORE, 2010, p. 109).

E eles estavam corretos, porque essa tragédia humana acabou dando ao mundo a possibilidade de conhecer os valores civilizatórios africanos, que mesmo enfrentando todas as dificuldades para serem reconhecidos acabaram se infiltrando, por via indireta, em todos os lugares dentro do Brasil.

Tentando tirar a força ancestral dos escravizados, estes eram levados para os confins de terras muito distantes; e essa forma antagônica de ver o outro como não-outro disseminou a cultura africana, ainda que por vias tortuosas.

Na natureza, a fêmea do louva-a-deus, enquanto copula, arranca e devora a cabeça do parceiro para que a fertilização se faça de modo mais rápido e eficaz, então, da mesma forma, o Grande Louva-a-deus, através da sua fêmea Diáspora,

decependo as cabeças pensantes de milhares de escravizados, fertilizou campos e cidades com a cultura do continente negro. Esse antagonismo tornou possível uma história de sobrevivência a ser contada e valorizada pelas gerações futuras.

Por isso, escrevo esta carta para a minha neta, para deixar um registro histórico dos enfrentamentos que foram necessários para a nossa sobrevivência, até os dias de hoje:

Carta para minha neta Valentina¹⁶!

Minha neta, minhas relações com a invisibilidade nasceram comigo, já que não conheci meu pai, e a única pessoa da minha família com quem convivi, durante a infância, foi com minha mãe.

Sua bisavó, minha mãe, também não conheceu sua família! Contaram-lhe que sua mãe Maria, a tataravó de vocês, era muito alegre, trabalhadeira e vivia cantando, mas que, infelizmente, morreu atingida por uma bala de revólver no estômago durante uma briga.

Esta história é uma célula vazia que me rouba parte do pertencimento nesta vida. Por vezes, acredito que, talvez, este relato esteja repleto de lacunas mal ditas e malditas, que jamais serão elucidadas.

Penso que o assassinato de minha avó Maria, tenha sido mais um crime que, naquela época, não valeria a pena investigar: era mais uma negra morta ou menos uma para incomodar! Associe este crime à famosa obra de Juan Miró, O Carnaval de Arlequins, cuja imagem principal tem um oco no estômago, como um vazio, uma fome existencial.

¹⁶Valentina Barbosa tem 4 anos de idade e reside com a mãe em Blumenau, Santa Catarina. É filha de Vitor Ribeiro Barbosa, meu filho mais novo.

Desde que ficou órfã, tua bisavó foi doada para muitas famílias, como objeto dispensável, o que era comum acontecer no período de escravização dos nossos ancestrais. Também passou fome, frio e maus tratos, até que uma família a acolheu; mesmo assim, sempre soube que a sua condição naquele núcleo familiar jamais seria de parentesco, e sim, de favores, porque negras eram tratadas como peças para trabalho, não humanas. Tornou-se uma negrinha para a lida, desde cedo, e jamais frequentou uma escola.

Apelidaram-na, Téia!

No ano de 1957, mudou-se, aos 20 anos, da pequena cidade de São Francisco de Assis para Porto Alegre, carregando no ventre uma criança: eu.

Fora violentada por alguém de muitas poses, um caso como tantos outros que se perdem no oco do tempo e engrossam as estatísticas de violência contra as mulheres, principalmente as negras e pobres. Se hoje as mulheres ainda são responsabilizadas pelos estupros sofridos, naqueles tempos, sendo negra e sem ter uma família, as coisas eram piores.

Lá, ficaram histórias que nunca foram contadas, crimes ocultos, tristezas e uma grande invisibilidade familiar, porque nossa árvore genealógica esteve sempre submersa em profundas espirais negras, em uma cegueira tão dolorosa, que atinge meus olhos há sessenta anos.

Este oco existencial faz parte da história da nossa família, uma dor que dói tanto, a ponto de a considerarmos uma companheira fiel e natural. Conversa com os nossos sonhos e abriga a nossa solidão.

Acredito que, para as crianças, a avó seja uma espécie de fada; e eu jamais soube o que isso significava. Por isso, apesar das

dificuldades, quero ser uma avó mais presente. Vives longe de mim, mas, um dia, certamente vou te visitar e te dar um abraço da mesma forma que gostaria de ter recebido da minha avó Maria.

Quero te contar, Valentina, que com o passar dos anos, já adulta, passei a ter sonhos com uma senhorinha de estatura baixa, cabelo preso no alto da cabeça, rosto redondo, olhos pequenos e uma paz no olhar.

Sua tez queimada me dá a certeza de que é uma “saroba”, que usa pequenos brincos semelhantes às pérolas; veste um conjunto de cor bege, simples; uma blusa com decote rente ao pescoço e um casaco com decote em “v”, delicadamente arrematado, com pequenos botões. Tenho a certeza de que é minha avó Maria, minha ancestral!

Muitas vezes, acordo no meio da noite com um perfume de pó-de-arroz que me traz paz e alegria; aquele pó antigo que se aplicava no rosto com uma leve pluma. Era uma maquiagem muito antiga!

Num desses sonhos, ela aproximou a minha mão das suas e me disse que quanto mais velha eu ficasse mais pareceria com ela. Em outros momentos, em frente do espelho, nossas imagens se misturam ou se sobrepõem.

Gosto de fazer minhas tarefas em casa; e a que mais aprecio é limpar o quintal, cortar grama, plantar flores e árvores frutíferas; sempre que faço isso me sinto muito feliz e em paz. Embora jamais tenha morado na zona rural, tudo o que diz respeito aos cuidados com a natureza me interessa.

Nestes momentos, acredito que me pareço com a minha avó!

Além disso, gosto muito de cães e cavalos, e os animais abandonados também são uma grande preocupação para mim. Estou

sempre cantarolando músicas de todos os ritmos e épocas; algumas vezes, até algumas que desconheço.

Adoro tomar banho de chuva, sentir o perfume de terra molhada e o canto dos pássaros nas árvores anunciando o nascer do dia.

Tenho a certeza de que carrego no meu DNA o amor pelo campo, porque embora de forma tempestuosa, lá fui concebida, e apesar de tudo, trouxe comigo o melhor desse crime: força para lutar contra a invisibilidade.

Gostaria de ter convivido com minha avó, para me fazer uma sopa quentinha ou um bolo de milho; quem sabe aqueles bolinhos de chuva, arroz doce com canela ou coisa parecida. Também adoraria que ela me contasse histórias até eu adormecer, por isso, sempre que possível faço todas essas coisas para vocês.

Assim como os ventos de Yánsàn polinizam as flores, o tempo fertiliza a nossa caminhada, por isso, um dia, quando olhares para o passado da tua história, me encontrarás como Sankofa, alimentando a tua caminhada, rumo ao futuro.

BAÚ DO RESPIRO

Se queres saber quem sou,
Se queres que te ensine o que sei,
Deixa um pouco de ser o que tu és,
E esquece o que sabes.

A escrita é uma coisa, e o saber, outra. A escrita é a fotografia do saber, mas não o saber em si. O saber é uma luz que existe no homem. A herança de tudo aquilo que nossos ancestrais vieram a conhecer e que se encontra latente em tudo o que nos transmitiram, assim como o baobá já existe em potencial em sua semente.

Tierno Bokar

3 A PONTE

A construção de identidade do sujeito atuante no campo ambiental é como a travessia de encantamento na natureza. “É um andar que se torna conflituoso entre algumas forças, mas não há destinos fixos, senão o caminhar mutante na procura de si mesmo” BELÉM, Ivan; SATO, Michèle.

Este segundo baú se apresenta como a ponte, o lugar de união entre o passado e o presente, onde as vagas memórias não vividas possam se unir à vida cotidiana, como se um rejunte de ladrilhos, chamado tempo, conseguisse remontar e reafricanizar peças quebradas de uma história socioambiental estraçalhada. Aqui, temos Sankofa com os pés na direção do futuro, tendo como referência a ancestralidade e a memória.

Para construir esse rejunte reflexivo, inclusivo e transformador tenho ministrado oficinas, apresentando a escrita Adinkra em vários lugares. Apresento neste baú os materiais didáticos (carimbos), criados durante esta pesquisa, as oficinas que foram realizadas em Rio Grande (RS) e em Rio do Sul (SC), bem como as parcerias que se firmaram ao longo do trabalho, no sentido de visibilizar a cultura Adinkra também para cegos físicos e culturais, grupo no qual me incluo.

Além disso, como Educadora Ambiental, a ética e a estética sempre foram compromissos políticos, que tomaram corpo a partir dessa caminhada na busca de encontrar subsídios para ressignificar a escrita Adinkra, no campo da Educação Ambiental, porque conforme Tristão,

a questão que nos preocupa é: como as práticas cotidianas que demandam iniciativas e encaminhamentos podem fazer sentido e criar campos de interface para o exercício de uma educação ambiental? (2005, p. 253)

Falar sobre escrita Adinkra, como prática educativa, sob o olhar da Educação Ambiental, é uma redundância já que os compreendo como Valores Civilizatórios Internalizados, isto é, Educação Ambiental vivida cotidianamente. Neste momento, acredito que exista uma inversão de valores, porque eles não fazem parte de uma disciplina educativo-formal, e sim de um campo de pesquisa cultural do povo Acã, a vida. Eles não estão apartados da corporeidade, da ética ou da religiosidade,

outrossim, não existiriam sem elas, pois são correspondentes rizomáticos de sua própria existência, enquanto sociedade humana atuante. Penso, então, que a Educação Ambiental é que deveria ser prática educativa a partir da escrita Adinkra.

De acordo com Manfrinate, Quadros e Kawahara , teríamos outra visão de mundo, caso não houvesse a dissecação dos saberes, porque

extremamente asséptica e dualista, a ciência moderna fragmentou o conhecimento em especialidades dentro de uma única visão, a cartesiana. Portanto, o processo educativo esteve e ainda está fortemente embasado em um cientificismo moderno que separou a razão da emoção; o civilizado do selvagem; o indivíduo do coletivo; o conhecimento científico do senso-comum; o ser humano da natureza; a inteligência da arte; fragmentando as áreas do conhecimento e com isto, a educação sofreu mutilações que hoje se tenta remendar. Destarte, toda educação seria ambiental se não a tivéssemos fragmentado tanto. (2016, p. 121)

Na tentativa de subverter essa fragmentação, o tempo tem sido um aliado que sedimenta pouco a pouco esse trabalho sobre Adinkra, que vem se constituindo, muito além de uma pesquisa, como um Projeto de Vida e reconstrução de identidade.

3.1 Sobre carimbos

O carimbo é uma palavra de origem africana (da língua quimbundo), que significa "marca ou sinal" (BRANDÃO, 2006, p. 14); e seu uso remonta aos tempos da escravização.

Logo após a extinção oficial da escravização, no jornal rio-grandino O Artista – Folha da Tarde, 1º semestre de 1890, cujo proprietário era Franklin da Fonseca Torres, encontram-se vários anúncios (Fig. 7) sobre “chapas de metal” e tintas para carimbos, conforme o registro da imagem abaixo.



Fig.7 – Jornal O Artista – 1º semestre 1890 – Fotografia da autora – 2019.

Em várias páginas dessa fonte de informação local, lê-se o anúncio: “Chapas de Metal com lindos monogramas para marcar roupa, ou para bordar em duas cores conforme o modelo que temos, por 300 rs.uma Au Trocadéro”.

No mesmo jornal e, algumas vezes, na mesma página, estão impressos os anúncios sobre “tinta para marcar roupa”. Essa tinta com o nome Negerrimum, na Biologia, está associado a algumas espécies de formigas e tarântulas encontradas, também, no Continente Africano. Lê-se no jornal O Artista:

Negerrimum. Verdadeira tinta para marcar roupa. Explicação Necessária. Esta tinta póde uzar-se com pena, pincel e chapa ou sinete, depois de marcado o objeto que se deseja deixa-se secar durante vinte quatro horas, devendo-se depois lavar e passar a ferro, adquirindo-se por esta fórmula uma côr negra inalterável. Para servir-se desta tinta com sinete bota-se um pouco n'uma almofadinha de pano para molhar o sinete, experimentando-se fora para ver se está bem limpo antes de marcar a roupa. Para marcar-se com chapa procede-se da mesma fórmula como qualquer outra tinta. Póde-se fazer com esta tinta o mais complicado desenho com uma pena d'aço; a tinta a princípio é verde, ficando porém bem preta depois de lavada. Quando por acaso ella ficar muito grossa, basta collocar o vidro dentro d'água quente para tornar-se outra vez líquida. Recebeu a Livraria do Globo – 128 – Rua Pedro II – 128¹⁷

¹⁷Este anúncio está reproduzido *ipsis litteris* no jornal da época.

O sinete mencionado no anúncio é uma espécie de carimbo utilizado desde a Antiguidade para selar cartas e documentos importantes com cera, nanquim ou mesmo sangue. No caso de carimbagem de tecidos, o anúncio ainda recomenda a utilização do ferro quente para a fixação do produto.

3.1.1 Carimbos na pele negra: a marcação com ferro em brasa

Alguns carimbos são registros da crueldade humana, quando o homem é feito mercadoria por outro ser humano. Desse modo, no período escravagista,

compartilhar o frete nos navios negreiros criava problema de saber quais escravos eram de que traficantes. Se algum negro morresse na travessia, um proprietário poderia dizer que o escravo dele estava vivo e o morto pertencia a outra pessoa. Para evitar confusões, os mercadores da Costa dos Escravos marcavam seus “fardos” com ferro quente, como se faz hoje com gado. (NARLOCH, 2017, p. 83)

Fardos era a denominação dada aos escravizados trazidos pelos navios negreiros para serem comercializados em locais como a Bahia de todos os Santos, no Brasil.

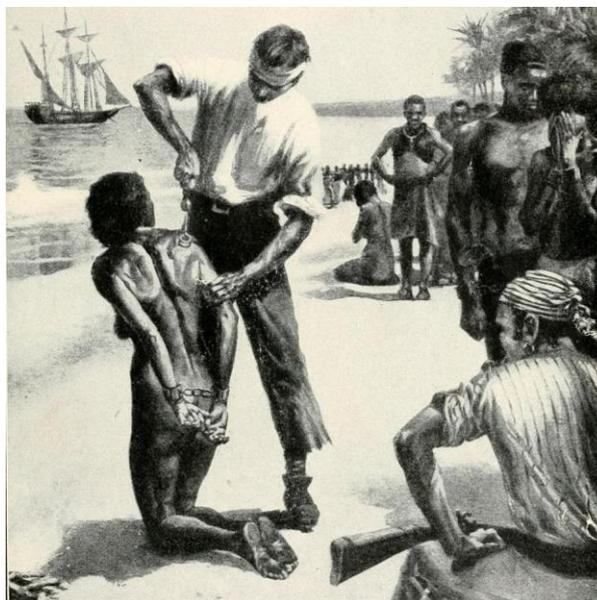


Fig.8 Desenho do Livro O negro na História Americana. Fonte: Ciekawoski historyczne.pl¹⁸

¹⁸Disponível em <https://ciekawostkihistoryczne.pl/2018/04/02/sto-tysiecy-niewolnikow-rocznie-to-europejskie-panstwo-przez-300-lat-przodowalo-w-handlu-zywym-towarem/>. Acesso em 18 de junho de 2019.

Essa marcação de humanos, que não deveria ser aplicada nem mesmo nos animais, é que me despertaram para a possibilidade de criação de carimbos como material didático e sua aplicação a ferro quente nos tecidos, como metodologia utilizada nas oficinas sobre Adinkra.

3.1.2 Criação dos primeiros carimbos como material didático-pedagógico.

Quem já não carimbou alguma coisa, mesmo sem a intenção de fazê-lo? Basta observar as históricas artes rupestres em várias partes do mundo, onde aparecem as mãos humanas registradas por decalque e sopro, com pigmentos extraídos da natureza.

No dia a dia não é incomum encontrar as roupas carimbadas, acidentalmente, com os produtos de maquiagem como os batons, blushes e sombras. Ao caminhar pela orla marítima, aqui em Rio Grande, percebo que existem algumas pegadas que sugerem carimbos concorrendo com a espuma do mar nas areias das praias.

Como o carimbo é uma técnica artesanal geralmente muito bem aceita por todas as faixas etárias, foi a primeira ideia que me ocorreu como suporte didático a ser utilizado para reproduzir a escrita Adinkra em um formato próximo ao que é realizado em Gana. Lá, os carimbos são entalhados artesanalmente em fibra seca de porongos¹⁹ (cabaças), cujas mais antigas impressões foram encontradas nos séculos nos séculos XVII e XVIII.

¹⁹ É fruto parente da abóbora, chuchu e abobrinha. Algumas espécies são comestíveis e tem sabor suave. É leve, fácil de preparar e pode ser consumido ainda verde no mesmo ponto do pepino. As sementes também são comestíveis. São utilizados também em artesanatos, para fazer cuias e guardar mantimentos. Na África, existem espécies de porongos ou cabaças muito grandes que são utilizadas como bacias e ainda como instrumentos musicais.



Fig. 9 – Porongos da minha horta – Fotografia da autora – 2017.

Em um segundo momento, pesquisando a metodologia para os carimbos, valorei que os Adinkra deveriam ser (re)significados, também, para pessoas cegas ou com baixa visão, porque estando essa cultura exposta no patrimônio da cidade do Rio Grande e não sendo percebida pela maioria dos transeuntes, como ficou claro durante as oficinas, constatei que existe a evidência de uma cegueira - que não se limita unicamente a problemas físicos de visão - com relação à presença dessa escrita na cidade do Rio Grande. A cegueira cultural, por outro lado, me impediu de esquecer-me daqueles que padecem da falta de visão e que deveriam poder participar das oficinas.

Após várias tentativas realizadas com EVA, papéis e outros materiais, cheguei à lixa para madeira e/ou ferro que é um material simples, de fácil transporte, oferece uma textura capaz de atender às necessidades de manuseio por pessoas também cegas, sendo recortados simplesmente sem que houvesse uma base mais resistente para acomodá-los como carimbos.

Daí em diante foi necessário pensar o pigmento para utilizar com os carimbos, cujas experiências à base de água e carvão com óleo não deram um resultado satisfatório. Então, sendo Licenciada em Artes Visuais, ocorreu-me que existe uma técnica de pintura chamada *frotagem* (do francês *frotter*), que significa esfregar,

raspar, criada pelo artista alemão Max Ernst. Os surrealistas²⁰ fizeram uso dela em suas obras; e consiste em esfregar carvão, lápis ou outro material, na superfície de papéis ou tecidos colocados sobre relevo a fim de registrar essas impressões.

Percebi que esfregando o giz de cera nas imagens de Adinkra feitas em lixa obteria o pigmento e a cor desejada, então bastaria uma ferramenta que liberasse calor para imprimir a imagem em tecido. Como fazer isso funcionar?

Essa pesquisa na direção da (in)visibilidade e do (des)pertencimento não consegue se isentar de olhar para as minhas origens e sempre me retorna como Sankofa a recuperar as bases de ancestralidade. Por isso, lendo a respeito da compra e venda de negros escravizados, bem como de suas terríveis desacomodações nos navios tumbeiros, a marcação a ferro quente a que eram submetidos para identificar seu dono me trouxe à garganta um grito mudo de dor e revolta, então pensei em uma forma de cauterizar essa ferida diabólica nessa ressignificação dos Adinkra.

A carta de Zé Alfaiate descreve claramente essas violências a ferro e fogo:

Ajudá, 22 de outubro de 1846. A S. Francisco Lopes Guimarães, Bahia. Por esta goleta (escuna) embarquei por minha conta em nome do sr. Joaquim d'Almeida 20 fardos, sendo 12 H e 8 M com a marca '5' no seio direito. Eu vos alerto que a marca que vai na listagem geral é 'V seio'; mas, como o ferro quebrara durante a marcação, não houve outro remédio senão marcar com ferro '5'. (NARLOCH, 2017, p. 85).

Desta forma, o ferro elétrico cumpriu seu papel perfeitamente e a primeira impressão em tecido com giz de cera foi realizada. Trazer a marca da carne a ferro e fogo, como visibilidade e respeito pelo sacrifício africano na contemporaneidade, é como fazer uma oferenda de agradecimento pelas suas lutas e por estar, hoje, escrevendo sobre esse assunto.

²⁰ Na arte, **frottage** (do francês "*frotter*", em português "friccionar") é um método surrealista e "automático" de produção criativa desenvolvido por Max Ernst. No **frottage** o artista utiliza um lápis ou outra ferramenta de desenho e faz uma "fricção" sobre uma superfície texturizada. Forma os Surrealistas que primeiro fizeram uso desse recurso.



Fig. 10 – Primeiras impressões com giz de cera – Adinkra Odo Nyera Fie Kwan.
Caixa de Bordo – Fotografia da Autora – 2016.

Ao acaso escolhi o Adinkra Odo Nyera Fie Kwan, que significa “o amor ilumina seu próprio caminho. Nunca se perde ao voltar para casa. Símbolo do amor, da devoção e da fidelidade” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p.76). Assim como essa escrita, ele sempre aponta o sentimento que está presente na ação, acredito que o meu caminho está sendo iluminado pelo amor dos meus ancestrais, porque estou de certa forma voltando para casa, ao escrever sobre eles e também sendo devota e fiel na minha pesquisa, além de muito grata.

O primeiro carimbo foi inesquecível, uma epifania! Na minha “caixa de bordo”²¹, onde estão guardadas minhas anotações, registrei: “carimbo com giz de cera preto, feito em lixa grossa para madeira e prensado com ferro quente sobre papel pardo e também sobre tecido” (Caixa de Bordo, 10/09/2017). Estava completo o processo que ressignificaria a marcação a ferro e fogo dos escravizados: os Adinkra passaram a ser impressos em tecido de algodão cru com essa técnica, a fim de contextualizá-la com a barbárie da história escravagista.

²¹ Iniciei minhas anotações de pesquisa, como a maioria das pessoas, em um pequeno caderno. Com o passar do tempo precisei de uma caixa de bordo porque o volume de anotações é muito grande e necessito de um espaço maior. Forrei uma caixa com tecido estampado em vermelho e tenho depositado minhas anotações, que variam muito, como guardanapos de papel, tecidos, marca textos, cadernos e outras coisas. Acredito que vou necessitar de um grande baú!

3.2 As oficinas

Em outubro de 2016, fui convidada para participar de uma atividade realizada na Escola CESAM²², em Rio Grande. Nessa escola particular, onde a multifeira com a temática África foi realizada, o poder aquisitivo dos alunos de Ensino Fundamental e Médio é médio-alto, com maioria de estudantes brancos. Nessa ocasião, professores, pais e funcionários também participaram da atividade com carimbos Adinkra.

Levando em conta que a imagem da história e da cultura negra é sempre contada a partir da visão do colonizador, considero de grande importância, e uma forma de reversão desta narrativa dominante, que pessoas de todas as etnias recebam informações culturais afro-brasileiras, a partir de professores negros que, como eu, pesquisam e se qualificam para esta finalidade.

A dinâmica foi iniciada com a pergunta provocativa: Você conhece ou já viu um Adinkra? Logo após, foram apresentados dois ou três vídeos de curta duração, a partir dos quais ficaram visíveis todos os procedimentos artesanais, desde a confecção de carimbos Adinkra, preparação do pigmento natural utilizado para a pintura e, finalmente, a estamparia nos tecidos.

Uma apresentação de *PowerPoint* auxiliou na discussão sobre a escrita Adinkra nos gradeamentos da cidade do Rio Grande, bem como em algumas igrejas, e trouxe informações desconhecidas para a maioria, como, por exemplo, a de que existem porongos que são comestíveis, ricos em fibras e que algumas espécies, quando ainda verdes, podem ser preparados como saladas, refogados ou acompanhados com algum tipo de carne.

Em seguida, os participantes foram convidados a escolher os símbolos sem o conhecimento prévio dos seus significados e, a título de experiência, foram apresentados os primeiros carimbos Adinkra criados a partir dos símbolos recortados em lixas. Esses resistiram à fricção de muitas cores em giz de cera e impressões com o ferro elétrico sobre eles. Desta forma ficou claro, para mim, que a base do trabalho estava pronta, sendo necessária apenas a reflexão sobre a prática, assim como nos ensina Paulo Freire. Por isso, desde os primeiros trabalhos com os

²²Centro Salesiano do Aprendiz localizado na Rua Conselheiro Teixeira Junior 667, esquina Av. Buarque de Macedo, em Rio Grande – RS.

carimbos, as oficinas passaram por avaliações da prática, e foram sendo repensadas, a fim de transformá-las em metodologia pedagógica envolvente pela simplicidade, e que pudesse ser discutida amplamente através da complexidade da escrita Adinkra.



Fig.11 – Oficina na Multifeira do CESAM - Os primeiros carimbos –
Fotografia da Autora – 2016.

As palavras “invisibilidade” e “cegueira” estiveram presentes durante todo o tempo, porque alunos, professores, pais e funcionários que participaram da oficina revelaram o seu completo desconhecimento sobre o assunto. Alguns lembraram, no decorrer da atividade, das grades de suas casas, dos portões de ferro antigos, dos entalhes de igrejas e outros locais visíveis, porém, invisibilizados.

Durante a atividade, foi acirrada a provocação para que as pessoas olhassem o patrimônio da cidade do Rio Grande de forma mais atenta, a fim de que pudessem perceber os Adinkra na estética da cidade, esse território negro não visto, dessa cidade invisível²³ de todos os dias. Ao final da oficina, cada participante levou seu carimbo impresso para casa, bem como o significado dos símbolos, a fim de socializar com a família, porque acredito que a prática descontextualizada do seu significado não produz aprendizado.

²³Italo Calvino: Cidades Invisíveis.

3.2.1 A evolução dos carimbos como material didático-pedagógico

Os carimbos criados em lixa passaram para uma nova fase, com o intuito de transformá-los em um material didático bem mais resistente, que possibilitasse o manuseio por crianças e adultos, então, para que não sofressem desgastes desnecessários, os carimbos foram colados em papel sulfite reaproveitável. Com uma margem de aproximadamente 2cm do entorno da lixa, foram recortados para que fosse facilitado o manuseio dos mesmos. Desse modo, ficaram preservados quando friccionados com giz de cera, bem como ao serem pressionados com o ferro elétrico quente na sua base, aumentando assim sua durabilidade.



Fig.12 – Carimbos com base em papel – Fotografia da Autora – 2016.

Em 2017, a professora Ingrid Costa, responsável pelo Projeto Boneca Africana Rana²⁴, convidou-me para ministrar uma oficina no Quiosque da Cultura, no Cassino, promoção da SECULT - Secretaria da Cultura do Rio Grande, atividade que fazia parte do Afro-verão 2017, da qual participaram professores e pessoas da

²⁴Projeto sociocultural Boneca Africana Rana, em Rio Grande, Rio Grande do Sul, sob a supervisão da Profª Ingrid Costa, através da ONG Águas do Sul, é direcionado à comunidade negra com a finalidade de recuperar a identidade positiva do negro na sociedade brasileira.

comunidade. Por motivos técnicos, o trabalho foi realizado na E.E.E.M. Silva Gama²⁵, também localizada no Cassino.

Para essa atividade, além da dinâmica de apresentação dos vídeos que mostram todo o processo africano de criação de carimbos Adinkra e estamparia de tecidos, o formato do tecido em algodão cru foi cortado para comportar pelo menos três carimbos, escolhidos sem o prévio conhecimento dos seus significados, conforme registro abaixo (Fig.13). Desde então, percebi que ao revelar os significados dos carimbos, sem exceção, os participantes da oficina confirmavam que se sentiam representados nessas simbologias, e muitos ficavam emocionadíssimos nesses momentos, como se cada símbolo revelasse uma escrita de si.



Fig.13 – Oficina de Adinkra do Afro-verão – Fonte SECULT- Rio Grande– RS - 2017.

²⁵ Escola Estadual de Ensino Médio localizada na Rua Itaqui nº 400, Cassino, Rio Grande, Rio Grande do Sul.



Fig.14 – Oficina de Adinkra do Afro-verão – Cassino – Rio Grande - RS
Fotografia da Autora - 2017.

A estética da imagem de cada Adinkra faz conexões com a vida e a ética de cada pessoa, como um chamamento interno a partir das formas, uma empatia entre símbolo e participante, como em um anel de moébius, como se estivessem um dentro do outro.

3.2.2 Oficina Adinkra: uma discussão sobre as cegueiras sociais.

No evento IX EDEA – Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental, em 2017, na Universidade Federal do Rio Grande - FURG, ministrei uma oficina no CIDECSul, cujo tema discutia as cegueiras sociais com relação à cultura afro-brasileira, dentre elas a invisibilidade da escrita Adinkra na cidade do Rio Grande. Os participantes vieram de Porto Alegre, Pelotas e Rio Grande, e a metodologia partiu da mesma pergunta-provocação inicial utilizada em outras oficinas: Você já viu um Adinkra? A dinâmica da oficina seguiu como as anteriores, com apresentação de vídeos, a prática com carimbos e a discussão dos significados dos símbolos.



Fig.15 – Minha filha Lisandra na Oficina do IX EDEA - FURG –
Fotografia da Autora – 2017.

Para essa oportunidade, foi elaborada uma pequena pesquisa de opinião que poderia ser livremente respondida, sem a necessidade de identificação do autor: "Esta oficina atendeu as minhas expectativas? () Sim () Não, Por quê?" Também foi solicitado às/aos participantes fazerem observações críticas sobre a atividade.

A partir das respostas dadas, surgiram os conceitos de (in)visibilidade, mesmo que escritos de forma diferente, mas carregados de significados sobre os símbolos que não são vistos e precisam ser reconhecidos, como arte, cultura e contribuição histórica africana.

<p>Sim. Essas simbologias estão por todos os lugares e passa despercebido. O significado das simbologias que escolhi me representam no momento.</p>

Sim. Pois me permitiu ampliar saberes, conhecer outras culturas e visualizar no meu contexto a presença de produções e trabalhos, de certa forma, sonegados ao longo da história.

Sim. A partir da oficina pude “abrir os olhos” para situações que, de alguma forma, são ocultadas ou são ditas de maneira diferente para a sociedade. Abri os olhos para assuntos que são “mascarados”, principalmente pela mídia ou até no aprendizado (na escola).

Da mesma forma, a necessidade de reflexão sobre os símbolos, em todos os aspectos, fez parte das respostas de alguns participantes, demonstrando assim que os carimbos Adinkra se apresentam como contribuição sociocultural, portanto, como Educação Ambiental, no processo de transformação do pensamento da sociedade em potência crítica.

Sim. Porque com a oficina refleti sobre história, cultura e achei interessante toda a crença, conhecimento e arte que se tinha, quando não havia tecnologia. Hoje temos ferramentas e formas de acessar o que quisermos, mas a maioria não aproveita isso. Quando pensei em cegueiras sociais pensei em diversos paradigmas deste problema, pois a sociedade tende a ignorar o que está fora de seu círculo de convívio. Também havia relacionado o conceito de cegueiras sociais com o de solidariedade limitada

Sim. Pois, na verdade, não sabia o que esperar de algo que eu não conhecia e me fez pensar! Observar essa cultura e o quanto ela está presente nos locais e nós não vemos. Gostei também da simbologia.

Sim. Além do conhecimento teórico que foi passado, poder confeccionar o tecido com os símbolos sem saber o que inicialmente significavam, nos fez refletir sobre nós, nossa essência e a força do nosso inconsciente, capaz de nos ligar justamente ao que nos define e ao que somos.

Sim. Porque mostrou através de elementos práticos toda a espiritualidade, a sabedoria que eles transmitem. Refletimos bastante sobre as simbologias e seus significados. A oficina foi muito gratificante porque lembrou e mostrou valores básicos, fundamentais e que infelizmente muitas vezes são esquecidos.

Sim. Fala sobre assuntos apagados da nossa história, a cultura africana que sofreu um apagamento brutal. Além disso, o simbolismo tão forte dos carimbos, que traz reflexão. Parabéns pela sua proposta.

Sim. Conteúdo muito informativo e muito subjetivo. Maravilhoso participar.

Ao final da oficina, os participantes, inclusive o meu neto Róger, revelaram sentir-se muito satisfeitos com a vivência e levaram seus tecidos carimbados para casa. Houve, inclusive, comentários de que algumas pessoas iriam emoldurar seus

trabalhos, o que considerei muito interessante, devido à simplicidade da atividade. Por outro lado, a revelação dos significados de cada símbolo provocou uma espécie de identificação e pertencimento em cada um dos participantes, o que tem sido recorrente durante as atividades.

Ponto que a presença de minha filha e neto durante essa atividade me deu a certeza de que minhas lutas contra a (in)visibilidade e (des)pertencimento estão germinando suas sementes iniciais, porque cada um deles é semente das sementes dos que vivem em mim.



Fig.16 – Oficina no IX EDEA - FURG – Fotografia da Autora – 2017.

Ainda em 2017, a Universidade Federal do Rio Grande – FURG, com o apoio do DAC (Diretoria de Arte e Cultura), DIEX (Diretoria de Extensão) e PROEXC (Pró-Reitoria de Extensão e Cultura), abriu inscrições para a Mostra Itinerante CARAVANEXC 2017, buscando o estreitamento das ações de Extensão e Cultura com os Polos de Santa Vitória do Palmar e Santo Antônio da Patrulha.

Nessa oportunidade, a Oficina Resiliências: Carimbos Adinkra na Acessibilidade, ministrada por mim e sob a coordenação de Simone Tarouco Przybylski, foi selecionada para o Polo de Santo Antônio da Patrulha, sendo oferecida aos universitários quando, novamente, as palavras cegueira e invisibilidade estiveram presentes durante todo o tempo. Apenas um deles revelou já

haver trabalhado com os Adinkra, no Ensino Médio, não em formato de carimbos, apenas a título de conhecimento, durante as aulas de Artes Visuais.

Foi uma experiência muito gratificante e enriquecedora para o desenvolvimento desse trabalho, porque, a partir dessa atividade, comecei a prestar mais atenção às manifestações dos sentimentos mais profundos das pessoas envolvidas que, como catarse, despertam-se para falar de si mesmos, suas angústias e aflições, como se a simbologia Adinkra oferecesse uma oportunidade para isso.

A presença de uma sintonia entre os símbolos e os participantes tem sido recorrente, demonstrando que existe um “invisível” por trás de cada imagem que se conecta com quem a olha, da mesma forma que uma chave tem a sua fechadura para abrir a porta certa ou, vice-versa.



Fig.17 – Oficina no Polo de Santo Antônio da Patrulha (1) – FURG - Ações Caravanexc – Fotografia da Autora – 2017.

Uma das participantes ao lembrar-se da grade de sua janela manifestou: “Eles sempre estiveram comigo, todos os dias”; admirou-se ao afirmar que jamais

havia prestado atenção àqueles símbolos, e chorou emocionadíssima. Nessa oportunidade, o material da oficina já foi acondicionado em um baú, como um tesouro, instintivamente como uma proteção a um bem material e imaterial, como pode ser observado no registro abaixo (Fig. 18).

Ao procurar pelo significado de baú, encontrei a Jean Chevalier e Alain Gheerbrant, que o redirecionam para a palavra cofre, porque “o simbolismo do cofre tem por base dois elementos: o fato de nele se depositar um tesouro material ou espiritual; e o fato de que a abertura do cofre seja equivalente de uma revelação” (1991, p. 122).



Fig.18 – Oficina no Polo de Santo Antônio da Patrulha- FURG –
Ações Caravanexc – Fotografia da Autora – 2017.

Nesse sentido, a oficina me despertou uma ideia de epifania, como se tudo o que estava no baú já fosse conhecido, porém, era necessário ser (re)velado aos

outros. Outra universitária, que chegou já ao final da atividade, mostrou-se igualmente muito interessada no assunto, dizendo que iria pesquisar a respeito; também se encantou com o Adinkra Duafe (Fig. 19), cujo carimbo lhe doe.



Fig.19 – Carimbo Adinkra Duafe – Fotografia da Autora – 2017.

Duafe é o símbolo Adinkra voltado para a feminilidade e remete a um pente; e pentear os cabelos é uma arte, um ritual quase que sagrado. De acordo com Nascimento e Gá, (2009, p. 100), “o pente de madeira é símbolo das melhores qualidades femininas: paciência, prudência, afeto, amor e cuidado”. Esse artefato, popularmente conhecido como “pente para cabelo de negro”, é também utilizado para a estamparia dos tecidos Adinkra, como um pincel, conforme se observa na imagem abaixo (Fig.20).

Para a execução das peças Adinkra, primeiramente o tecido é dividido em grandes quadros, com o pincel de seis dentes umedecidos no pigmento natural feito à base de cascas de uma árvore originária do norte da África. Depois, os carimbos são umedecidos no mesmo pigmento e pressionados sobre o tecido já quadriculado, formando lindos desenhos que lembram muito os azulejos portugueses.

Como *moébius*, é possível dizer que este tecido pode se dizer que “veste o homem com a materialização da sua palavra” e do seu ser/estar no mundo, como uma escarificação que se mostra na pele-tecido que o abriga.



Fig.20 – Estamparia Adinkra por Anthony Boakye (CC BY-SA 3.0.)²⁶

²⁶ Disponível em:

https://www.sescsp.org.br/online/artigo/compartilhar/12571_DO+LUTO+AO+MURO+A+SIMBOLOGIA+ADINKRA. Acesso em 25/02/2019.

O Sistema de Bibliotecas (SIB) da FURG, em parceria com o Curso de Biblioteconomia e Secretaria Municipal de Cultura de Rio Grande, com apoio da Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD), promoveu a Semana Nacional do Livro e da Biblioteca, com o tema “Biblioteca: um espaço de Diversidade”, no período de 23 a 26 de outubro de 2017.

Participando desse evento, a Oficina Adinkra na Acessibilidade ofereceu a atividade pelo Sistema de Inscrições da FURG (SINSC), que foi realizada no dia 26/10, às 14h, sala 4140 do Prédio 4, no Campus Carreiros.

Embora a dinâmica da oficina tenha sido praticamente a mesma das outras, durante essa atividade o sentimento de perplexidade apareceu de forma intensa. Uma das participantes foi arrebatada por um sentimento de liberdade de expressão de forma incontrolável e passou a relatar para o grupo as agressões racistas que sofria, inclusive, dentro de sua família.



Fig. 21 – Oficina Adinkra na Acessibilidade – Fotografia da Autora – 2017.

Essa verdadeira catarse aconteceu logo após a revelação dos significados dos símbolos Adinkra, quando a participante questionou o motivo pelo qual não se aprendia sobre “essa cultura nas escolas”. E continuou “por que nos escondem essa

riqueza?"; "Por que não sabemos quem somos?"; "Por que nos dizem que nossos antepassados eram ignorantes?".

Para preservar o nome da participante, vou chamá-la de Liberdade! Esse é um nome simbólico dentro de uma escrita que pretende desconstruir preconceitos e ressignificar a cultura Adinkra, isso é um grito de Liberdade que iniciou, então, um monólogo de quase quarenta minutos, em que passou a relatar, como uma denúncia, o sofrimento que a acompanhou durante muitos anos.

Sendo negra, sempre foi orientada dentro da família para que prendesse o seu cabelo e o alisasse, dessa forma era uma pessoa completamente escravizada pela famosa "chapinha". Por isso, carregava sempre na bolsa esse instrumento de tortura aos cabelos. Contou-nos que, como universitária, era criticada pela família, por ter a coragem de ir com "aquele cabelo" para a Universidade e, por isso, ia ao banheiro seguidamente para fazer "chapinha" no cabelo e mantê-lo bem liso. Com o tempo, ao se aproximar de outras negras no campus foi perdendo o trauma de ter "cabelo ruim"; e começou a assumir os seus crespos, o que se tornou um verdadeiro desassossego dentro da família, porque inclusive era apontada pela irmã como relaxada e doida por sair com "aquele cabelo".

O relato da Liberdade me fez lembrar de uma situação vivida por mim há algum tempo, porque, quando assumi usar meu cabelo natural escutei de minha mãe que "isso é cabelo de espantar marido".

Pensando na conexão com a escrita Adinkra, um dos símbolos escolhidos pela Liberdade foi Mako (Fig. 22), inspirado na pimenta, adverte que todas as pimentas de uma planta não amadurecem ao mesmo tempo; é preciso saber lidar com as diversidades e também discute a questão de que todos precisam se ajudar mutuamente para que a vida flua com o tempo.

O colorido que foi usado pela Liberdade para o carimbo Mako, sem que ela soubesse o significado do mesmo, abre um leque de possibilidades de interpretações de como essa "pimenta" ardeu nas suas feridas e de como ela conseguiu colocar para fora as suas inquietações com relação a sua identidade e a sua forma de se ver no mundo como negra.

Para nós, mulheres negras, o cabelo é uma forma de expressão e de posicionamento diante da vida. Liberdade afirmou ainda que aprendeu a não mais

usar a chapinha, porém, “ainda não tinha coragem de soltar os cabelos” e os mantinha sempre presos porque, mesmo vencendo uma parte dessa grande batalha, considerava o seu cabelo “muito armado”, “muito volumoso”, “muito duro”, e se sentia pouco à vontade de libertá-lo das amarras, ainda.



Fig. 22 – Registro da Oficina Adinkra – Fotografia da Autora – 2017.



Fig. 23 – Meu neto, Róger Barbosa Dias – Fotografia da Autora – 2017.



Fig. 24 – Registro da Oficina Adinkra – Fotografia da Autora – 2017.

Para as discussões do Novembro Negro²⁷ 2017, fui convidada pela direção da Escola Municipal Assis Brasil, localizada no Bairro Santa Rosa - em Rio Grande - para ministrar oficinas com a temática afro-brasileira. Os alunos que frequentam essa escola são oriundos dos bairros adjacentes, como Castelo Branco I e II, Cidade de Águeda e Profilurb I e II, localizados na zona oeste do município.

As três oficinas ocorreram nos turnos manhã, tarde e noite, em dias alternados, para alunos de 5º e 6º anos, bem como para as turmas da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e, como sempre, o interesse foi excelente. Mesmo os alunos mais jovens se mostraram interessadíssimos no assunto e perguntaram muito, já que nesses lugares os gradeamentos são recorrentes. Porém, ainda não

²⁷ O Novembro Negro iniciou em 2014, na Escola Viva, sob a direção de Maria de Lourdes Scuto e do Prof. Marcelo Studinski. É um evento que acontece durante todo o mês de novembro, em Rio Grande, e busca promover o trabalho de negr@s rio-grandin@s que combatem o preconceito racial em todos os âmbitos da sociedade, interagindo com escolas, secretarias e universidades como parceiras nessas lutas.

encontrei a presença da escrita Adinkra, nesses locais, por isso foi necessária uma apresentação mais carregada de imagens que contextualizasse a temática.

Optei por apresentar os carimbos Adinkra, por ser um tema de grande relevância na área da educação, levando em conta a necessidade que esses alunos, muitos negros e geralmente de baixa renda, de firmarem a autoestima e suas relações de pertencimento com o entorno.



Fig. 25 – Oficina Adinkra na E.M. Assis Brasil – Novembro Negro 2017 (1) – Fotografia da Autora – 2017.



Fig. 26 – Oficina Adinkra na E.M. Assis Brasil – Novembro Negro 2017 (2) – Fotografia da Autora – 2017.

Todos ficaram surpresos quando apresentei os carimbos como uma escrita africana, porque a África é sempre apresentada como *ágrafa* (sem escrita). A técnica de escolha dos símbolos sem a revelação prévia dos significados foi totalmente ao encontro da sugestão de ADINKRATERAPIA, sugerida nas oficinas anteriores, ratificando que os símbolos estabelecem uma conexão com a personalidade das pessoas, pesquisa que pretendo dar corpo mais adiante.

Em junho de 2018, fui visitar meus filhos na cidade de Rio do Sul, em Santa Catarina. Desde que cheguei, minha neta Évelyn passou a me cercar para que eu fizesse uma oficina na escola onde cursava o 4º Ano do Ensino Fundamental. Não houve maneiras de escapar, e, um dia, chegando da escola me disse: “Vó, já falei com a diretora e ela disse que tu podes ir lá, na escola, fazer a oficina, amanhã!” “Vó, por favor! Por favor, vó!”.

Precisei preparar um plano de aula com urgência, comprar giz de cera, tecido de algodão cru, às pressas, e realizar a oficina no dia seguinte. Quanto aos carimbos Adinkra, eu havia levado alguns comigo para mostrá-los a minha neta Évelyn e seu irmão Gabriel, porém, minha neta queria que a avó desse uma aula!

Nessa cidade, Rio do Sul (SC), a colonização é italiana e alemã. Além da organização e limpeza do lugar, das casas bem cuidadas com jardins e pomares, e da arborização das ruas com árvores frutíferas, chama à atenção a existência de poucos gradeamentos. Nos raros registros fotográficos que fiz das grades de ferro, o Adinkra Sankofa estava presente.



Fig. 27 – Adinkra Sankofa em gradeamento – Rio do Sul – Santa Catarina – Fotografia da Autora – 2018.

A dinâmica da oficina na Escola EEB Willy Hering, Rio do Sul, Santa Catarina, ocorreu normalmente com apresentação de vídeos, *Powerpoint*, apresentação dos carimbos, e a estamparia em tecido de algodão cru. Mesmo sendo uma oficina organizada às pressas, o resultado foi excelente, porque despertou a curiosidade de todos os participantes (inclusive das duas professoras, Rosangela e Albertina), que perguntaram bastante sobre os Adinkra e seus significados, além de levarem para casa seus tecidos já estampados.



Fig. 28 – Registro da Oficina de Adinkra–Local: EEB Willy Hering – Rio do Sul -Santa Catarina – Fotografia da Autora – 2018.



Fig. 29 – Minha neta Évelyn durante a Oficina de Carimbos Adinkra– EEB Willy Hering – Rio do Sul – Santa Catarina – Fotografia da Autora – 2018.

Durante a prática, todos os alunos se mostraram muito interessados pelos Adinkra e as professoras agradeceram pelo trabalho, confessando que desconheciam totalmente essa temática, porque “**não tem pessoas habilitadas para falarem sobre o assunto**”, disseram elas.

Considero isso extremamente preocupante, porque demonstra a falha da Lei 10.639/2003, que obriga o ensino da cultura africana e afro brasileira, nas disciplinas de História, Literatura e Artes nas escolas de educação básica. Porém, existem grandes fissuras que dificultam a sua aplicação efetiva como, por exemplo, a escolha do conteúdo programático dentro dos planos de aula e professores habilitados para esse fim.

Nesta oportunidade, as crianças organizaram um cartão de agradecimento pela minha presença com o seguinte texto:

“Querida Sandra! Agradecemos com carinho, sua presença nas nossas aulas, pois a sua contribuição foi muito importante para o nosso conhecimento sobre a cultura afro. Nosso muito obrigado! Um abraço com carinho do 4º ano da E.E.B. Willy Hering”. Junto com o cartão ganhei uma gargantilha e um porta-celular.

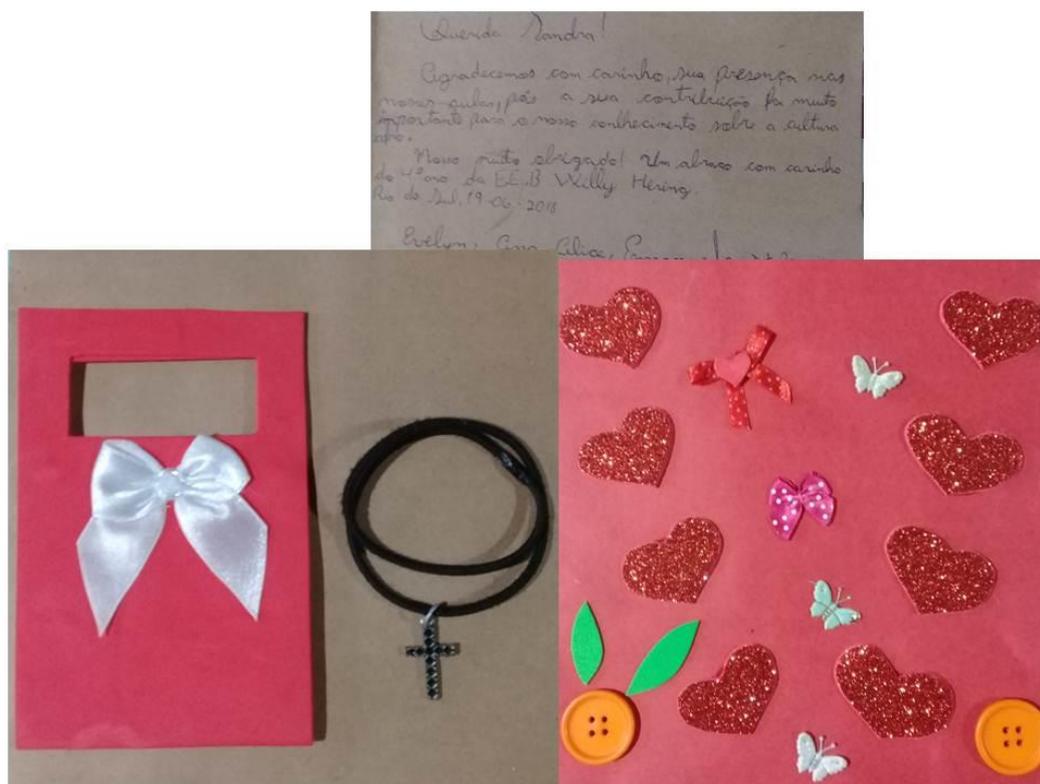


Fig. 30– Imagem do cartão organizado pelos alunos do 4º ano–Local: EEB Willy Hering – Rio do Sul -Santa Catarina – Fotografia da Autora – 2018.

3.2.3 Adinkra impressos em 3D

Ainda em 2017, durante a apresentação dos Projetos que fariam parte da CARAVANECX 2017, em Santo Antônio da Patrulha – RS, conheci o trabalho que o IMEF- Instituto de Matemática, Estatística e Física – da Universidade Federal do Rio Grande - FURG tem realizado na pesquisa e produção automatizada de objetos sólidos em três dimensões, construindo camada por camada, a partir de um modelo digital criado, também em três dimensões, do objeto a ser confeccionado, sendo que esse projeto está sob a coordenação do prof. Everaldo Arashiro ²⁸.

Levando em conta que sempre tive uma preocupação em revelar a cultura afro-brasileira para o maior número possível de pessoas, inclusive para cegos, a partir daquele momento, considerei o encontro com o trabalho do IMEF uma verdadeira serendipidade, acasos que trazem aprendizados que potencializam e deflagram as pesquisas em direções nunca antes projetadas.

Por outro lado, observando, durante as oficinas realizadas, o total desconhecimento das pessoas, consideradas normais, a respeito da escrita Adinkra; e pensando na dificuldade de acesso que as pessoas cegas tem a essa cultura, a aproximação com o IMEF abriu portas para a impressão de material didático inclusivo de grande relevância.

Desse encontro, foi acertado com o Dr. Prof. Everaldo Arashiro a impressão inicial de trinta Adinkra em 3D; e para testar a eficácia desse material, apresentei quatro deles para a professora Luize²⁹, que é cega, e trabalha com Educação Infantil, para que ela opinasse a respeito da qualidade do material didático.

Explicou-me, na ocasião, que não teve a sua habilidade de reconhecimento tátil muito bem desenvolvida, mas que tentaria reconhecer as imagens impressas em 3D. Segundo a sua descrição Duafe (o pente): uma boca com perninhas; Sankofa (a ave): Parece uma meia lua; Obi Nka Bi (dois peixes): Algo com muitas

²⁸Atualmente é professor associado II, DE, do Instituto de Matemática, Estatística e Física (IMEF) da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), compõe o corpo docente do Programa de Pós-Graduação em Física do IMEF-FURG, do Programa de Pós-Graduação de Ambientometria do IMEF-FURG e é coordenador do Mestrado Nacional Profissional em Ensino de Física - Polo 21 FURG.

²⁹ A professora Luize de Quadro Dorneles nasceu cega. Trabalha como professora da Educação Infantil Nível I, no CAIC – Centro de atenção Integral à criança e ao Adolescente - EMEF Cidade do Rio Grande. É Pedagoga pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG e tem Pós-graduação em Psicopedagogia pela UNICESUMAR.

perninhas; Mmere Dane (ampulheta): são duas partes iguais, uma em cima outra em baixo.

A pesquisa é algo emocionante e não temos controle sobre as diversas possibilidades que ela nos apresentará ao ser lançada no universo. Importante é quando nos revela outras formas de ver o mundo, as pessoas, seus anseios e suas problematizações. Digo isso porque depois de explicar à Luize o significado de cada um dos Adinkra, diante de Mmere Dane - a ampulheta do tempo, ela exclamou: “Sempre quis saber como é uma ampulheta, e nunca soube até esses meus quase 30 anos!”.

Serendipidade! Aprendi mais nesse dia do que em todos os outros; aprendi a ser Educadora Ambiental, porque saí do meu território invisível dos Adinkra e me deparei com outro território invisível muito maior do que o meu. Neste momento, me senti tristemente feliz, porque consegui levar à Luize um pequeno conhecimento; ao mesmo tempo triste por reconhecer que ainda me falta muito conhecimento e sabedoria para ser uma Educadora Ambiental na Diversidade, por isso estou iniciando com a textura dos carimbos em lixa.



Fig. 31 – Prof.^a Luiz com Adinkra em 3D – Fotografia da autora – 2017.

Edgar Morin (2006, p. 23) explica o significado desta palavra: “*serendipidade* é a arte de transformar detalhes, aparentemente insignificantes, em indícios que

permitam reconstituir toda uma história”. Então, percebi que sou uma cega-pedagógica e, neste caso, uma pequena impressão em 3D, apenas um símbolo Adinkra, criou uma ponte de comunicação, deu visibilidade a um ponto cego da educação e ressignificou uma trajetória de vida tanto minha quanto da Luize.

Embora a técnica de impressão em 3D utilize fio plástico, material que vai de encontro às discussões ambientais nesse caso específico acredito que os fins justificam os meios, já que com a impressão dos Adinkra a tecnologia permitiu levar aos não videntes físicos informações culturais que poderiam ficar totalmente (in)visibilizadas para eles. Além disso, a qualidade, a durabilidade, a facilidade de armazenamento e higienização do material justificam seu uso e a sua total eficácia como material didático.

3.2.4 Propagação dos Adinkra como possibilidade pedagógica e cultural

A partir de uma roda de conversa em 08/04/2019, no Prédio das Artes, com alunos do Prof. Marcelo Gobatto³⁰, houve um interesse do aluno Alisson Justamant com seu grupo de estudos sobre Afro-brasilidades, Módulo I, de criar um jogo pedagógico-didático-cultural, no qual estivessem inseridos conjuntamente a cultura dos povos originários indígenas e afro-brasileiros.

Fui convidada a orientá-los na elaboração coletiva desse jogo, dado que os Adinkra aparecem como possibilidades de discussão no âmbito da Educação Ambiental e das Artes. Carimbados e distribuídos em tecido de algodão cru, dentro de um círculo representativo da Mãe Terra (Fig. 32), esses símbolos fariam parte de uma dinâmica em sala de aula, onde seriam trabalhados valores civilizatórios afro-brasileiros, como ancestralidade, corporeidade e religiosidade.

³⁰Atual Coordenador do Curso Artes Visuais Licenciatura e Bacharelado, Universidade Federal do Rio Grande- FURG, Rio Grande do Sul.



Fig. 32 – Imagens da confecção do jogo – Prédio das Artes – FURG.
Fotografia da autora – 2019.

A concepção deste trabalho sobre Adinkra integrou a programação da Exhibition Prespes Encounters, no New Byzantine Museum, que aconteceu de 6 a 20 de julho de 2019, no município de Prespes, na Grécia, com a participação de alunos e professoras do curso de Licenciatura em Artes Visuais da FURG.

O projeto exposto, intitulado "O Caminhar como Prática Estética e Educativa", é um relato visual das caminhadas que aconteceram no primeiro semestre de 2019 na disciplina Módulo 1 - Arte como Conhecimento, ministrada pelas professoras Rita Patta Rache e Fabiane Pianowski.

Esse conjunto de oficinas é um recorte dentro de um universo de trabalho ainda mais extenso, porém, aqui nesse baú de possibilidades, no âmbito da Educação Ambiental, acredito que seja significativo o suficiente para demonstrar a importância que essa metodologia vem alcançando ao longo do amadurecimento desta pesquisa.

A receptividade do tema em todos os trabalhos, ao nível de epifania positiva, tem sido a motivação para acreditar que, mesmo lentamente, a cegueira cultural pode ser detida, que a (in)visibilidade dos Adinkra deva ser minimizada e que a

população negra possa se apropriar e ter orgulho desse valor civilizatório africano e, agora, internalizado afro-brasileiro, faz parte de uma Educação Ambiental inclusiva.

Vejo como consequências positivas dessa caminhada o interesse crescente sobre o tema, levando em conta que alguns jovens universitários têm marcado suas peles com tatuagens, utilizando símbolos Adinkra, e isso é muito transformador dentro de uma realidade em que o ferro em brasa é (re)significado quando a pele é carimbada espontaneamente. Tudo isso porque, hoje, quem se carimba com Adinkra deseja sentir-se parte dessa história, quer vivê-la na pele, isso é pertencimento. Isso é Educação Ambiental transformadora.

Por outro lado, a proposta de criar um jogo didático a partir da mesma concepção de carimbo utilizado nas oficinas ratifica a relevância desse conhecimento em sala de aula e também demonstra que esse processo está ganhando visibilidade ao nível de pesquisa universitária, em outros campos, como o das Artes Visuais e de tecnologias avançadas, como a impressão em 3D desenvolvida pelo IMEF-FURG. Isso sinaliza a necessidade crescente de mais estudos com o envolvimento dos Adinkra, na direção de uma Educação Ambiental política e ética.

Todos esses trabalhos revelados dentro deste baú são as pegadas de Sankofa sobre a ponte, caminhando em direção ao futuro, porém, tentando olhar para o passado.

3.2.5 Percepções temporárias sobre os materiais didático-pedagógicos e as oficinas.

Essa metodologia de trabalho, através das oficinas com carimbos Adinkra, tem dado muito certo, tanto que recebi com carinho a sugestão de uma professora, quando me disse que as oficinas funcionavam como ADINKRATERAPIA, provocando a curiosidade das pessoas, mantendo-as atentas a todos os detalhes, deixando-as calmas e tranquilas. Penso que, no futuro, existe uma probabilidade de pesquisa nessa área para aprofundar o conhecimento sobre os Adinkra.

Na verdade, a concepção desse trabalho foi se sedimentando a partir da necessidade de se mostrar a cultura afro-brasileira como potencialidade, como elevação da autoestima da comunidade negra que, por vezes, se vê representada

negativamente na história, nas mídias, nas peças teatrais, nos filmes e na vida cotidiana. Ainda temos a “boa aparência” com modelo branco, nossas famílias desconhecem seus antepassados, tudo o que temos de história é contado a partir do colonizador e até mesmo a escrita é negada aos ancestrais, fato que os Adinkra desconstroem totalmente.

Sempre que a pergunta inicial “você conhece um Adinkra?” é lançada ao início de cada oficina, existe aí uma provocação para que, aos poucos, a grande revelação aconteça (saída do baú dos tesouros). Por outro lado, reconhecê-los pelas ruas, nos gradeamentos e nas clausuras das igrejas é dar visibilidade e respeito à própria origem negra, é desconstruir paradigmas históricos, já que não é apenas a oralidade a única fonte de conhecimento africano, existem as escritas que o colonizador desconhece.

Os carimbos como material didático-pedagógico vêm se firmando como importante suporte nessas oficinas, porque materializam as imagens pelo tato simbólico da lixa, quase como a queima da pele de um negro marcado a ferro e fogo; essa é a conexão que se estabelece em cada momento da oficina. Então, o *moébius* se consolida: e as imagens se completam no interior de cada participante, como átomos que se atraem.

Acredito que seja esse o motivo pelo qual as imagens estabelecem relações silenciosas com cada participante, revelando em cada um os Adinkra escondidos no baú de sua existência, (in)visibilidades sempre presentes. Em muitas atividades das quais já participei, o celular é um concorrente ativo no grande grupo, porém, nessas oficinas de carimbos Adinkra isso não ocorre até o momento, todos ficam muito atentos e em silêncio, sendo que na hora de usar os carimbos a felicidade fica estampada em seus rostos.

Por outro lado, a impressão dos símbolos em 3D, já se mostra um recurso com potencialidades, para que se possa mais facilmente visibilizar a escrita Adinkra para todos aqueles a quem lhes falta a luz no olhar.

Carta ao vento

*Ando fugindo de mim
Ando fugindo do tempo.
Fujo de mim.
Fujo do vento.
Receio que um dia desses,
descuidada como sou,
consigam juntar as forças
e remexam meus lamentos.
Talvez revirem, curiosos,
meus pobres sentimentos.
Fujo de mim
E fujo do tempo.
Se o vento juntar-se ao tempo,
na esquina da solidão,
talvez consigam olhar,
olhar uma a uma, sem perdão,
as páginas da minha vida
escondidas no coração.
Quero fugir de mim
fujo do tempo e do vento.
O livro que está guardado
no baú dessa existência
será logo lançado
depois de minha dormência.
Aí serão belas lembranças...
Folheie as páginas, vento!
Desvende-as, tempo!
Espalhem estas mensagens...
já não estarei só, então!*

Sandra Lee dos Santos Fibeiro

4 BONS VENTOS!

Abro este BAÚ, aqui em Rio Grande, guiada pelos bons ventos de Yànsán, apesar da existência do Grande Louva-a-deus. Esses, comunicadores do universo, sempre estiveram presentes neste lugar, conforme registrou Auguste de Saint-Hilaire, em meados do século XIX, no seu diário:

Pelo cura e outras pessoas fiquei sabendo que o vento é aqui impetuoso durante todo o ano, sendo mais frequentes no tempo de frio os de oeste e sudoeste, os quais transportam uma areia fina que penetra nos móveis mais bem fechados, enche as ruas e até aterra casas. No verão predomina o vento nordeste, o qual varre uma pequena parte das areias acumuladas pelos ventos do inverno. (SAINT-HILAIRE, 1974, p. 52)

Durante as excursões pela cidade, aos meus ouvidos, os ventos que deslizam pela cidade se assemelham a lamentos, da mesma forma que para Michel Serres (1995, p.33) “[...] os sopros assemelham-se à vida [...] o vento constrói o universo, a vida, o espírito” e, por todos os cantos da cidade, a escrita Adinkra, como sopros, cria um elo entre a África e este lugar, deste lado do Oceano Atlântico.

4.1 Africanos, sim. Ágrafos, não!

O tempo ratifica que a história africana, a partir do período escravagista, foi construída com sangue, com lágrimas e com muita resistência, dentro e fora do seu território. Este registro se verifica nas palavras de Nascimento e Gá, quando afirmam que

durante milênios, os povos soberanos da África têm sido agentes ativos do desenvolvimento da civilização humana em todo o mundo. Sua influência estendeu-se no mundo antigo à Ásia, à Europa e à América. Viveram [...] parte de seu tempo histórico amarrados aos grilhões da escravidão mercantil que os trouxe às Américas, e, no tempo do cativo e da colonização, continuaram criando cultura e conhecimento (2009, p. 22).

Sabe-se que os africanos escravizados não foram capturados aleatoriamente como massa de trabalho desqualificada, pelo contrário, suas habilidades foram subjugadas, sequestradas e com seus corpos vendidos ao mercado colonizador sob o pretexto de uma possível salvação espiritual do seu povo. Os povos africanos

tinham suas próprias tecnologias, o que lhes garantia desenvolvimento. Segundo os autores do caderno de texto do A cor da cultura,

O Império de Gana entre os séculos IV e XI era conhecido como o Império do Ouro. Seu povo dominava técnicas de mineração e usava instrumentos como bateia, importante para o avanço do ciclo do ouro no Brasil [...] o Império de Mali expandiu-se por volta do século XII. As cidades de Tombuctu, Gao e Djene eram importantes centros universitários e culturais. O povo Dogon, que habitava a região, registrou em monumentos as luas de Júpiter, os anéis de Saturno e a estrutura espiral da Via-Láctea, observações feitas a partir do século XVII, na Europa. O Império de Songai possuía técnicas de plantio e de irrigação por canais [...] e vieram para o Brasil juntamente com os negros escravizados. Esses saberes favoreceram a expansão da agricultura, principalmente durante os ciclos da cultura de cana-de-açúcar e do café. A Civilização Iorubá desenvolveu-se a partir do século XI e os povos dominavam técnicas de olaria, tecelagem, serralheria e metalurgia do bronze, utilizando a técnica da cera perdida (molde de argila de argila que serve de receptáculo para o metal incandescente)[...] No Reino do Congo os habitantes dessa região eram especialistas em forjar ferro e cobre para produção de ferramentas, introduziram na nossa lavoura a enxada, uma espécie de arado e diversos tipos de machados, que serviam tanto para cortar madeira como para uso em guerras. (A COR DA CULTURA, 2013?, p. 73).

Aqueles africanos que eram hábeis agricultores foram direcionados para as áreas de cultura de cana e café; os especialistas na criação de gado e seu manejo foram destinados às charqueadas³¹; e assim por diante.

Os ancestrais africanos que foram escravizados passaram pelo fogo dinâmico da vida, porque a etnia africana *pende* foi amplamente sequestrada e traficada do continente africano para o Brasil, visto que era especialista na extração do ferro. Eduardo Spiller Pena (2010, p.1) diz que entre os séculos XVII e XVIII, “os proprietários escravistas mineiros, em especial os donos ou concessionários de

³¹ **Charqueada** é a área da propriedade rural, em que se produz o charque, sendo normalmente galpões cobertos onde a carne salgada é exposta para o processo de desidratação. A indústria saladeiril e o ciclo do charque (século XIX) deixaram suas marcas no extremo sul do Brasil, tornando Pelotas referência histórica e cultural. Toda a produção de charque - como de resto as produções mineradora e agrária da época, no Brasil - era baseada no trabalho dos escravos. Hoje, poucas das antigas charqueadas existem, apenas as instalações mantidas como marco turístico regional. O charque era bem valorizado.

lavras, por não dominarem completamente as técnicas de fundição de ferro, buscavam ferreiros africanos para a execução desse tipo de serviço”.

A partir dessa afirmação, cai por terra a teoria histórica de que os africanos eram ignorantes e apenas serviam como “peças” para trabalho não especializado, neste lado do oceano. Os *pende*, e também os *fanti-ashanti*, localizados na África Ocidental, eram alvos constantes dos portugueses; e a simbologia Adinkra faz parte da cultura do povo Acã, grupo pertencente aos *ashanti*. Com essa constatação, é possível que, na diáspora, a troca de informações entre as diversas culturas justifique a presença dos Adinkra (in)visibilizados nas grades de ferro das cidades, principalmente as mais antigas, como, por exemplo, em Rio Grande.

Por outro lado, não eram ágrafos, visto que “além dos hieróglifos egípcios, existem inúmeras escritas africanas antes da escrita árabe”, conforme afirmam (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p. 23). Da mesma forma, (BARBOSA, 2013, p. 41) alerta para o fato de que a África sempre foi um continente avançado e questiona o senso comum que afirma o contrário, perguntando:

O que falar então dos reinos e impérios surgidos em fins do primeiro milênio D.C. e início de segundo na África? Não eram eles espaços civilizacionais importantes na história mundial? Seria irrelevante que no Reino de Mali se tenha escrito a Primeira carta dos direitos do homem, cinco séculos antes da Revolução Francesa? (BARBOSA, 2009, p. 41)

Portanto, apesar da oralidade ser um valor civilizatório africano, no que diz respeito à tradição, ao ensinamento sobre a ancestralidade e aos valores éticos no/com o mundo, ela não é a única fonte de registro da história africana, porque

as sociedades tradicionais africanas não distinguiam os saberes como produtos da razão, da experimentação, da imaginação ou da fé. Não havia dicotomia entre a ciência e a religião, a ciência e a filosofia, ou a ciência e a arte. Definia-se como ponto de vista holístico do saber. Neste, o mundo natural e humano, assim como mágico e científico, eram considerados como um todo orgânico, como fonte e produtores de conhecimento (BARBOSA, 2013, p. 39).

Por isso, os Adinkra aparecem neste trabalho como forma de reescrever os sentidos existenciais perdidos pelos homens e mulheres escravizados, em uma

silenciosa resiliência/resistência – nesta (in)visibilidade – ainda latente e vívida, e o Adinkra Ala (Fig. 33) representa esta sobrevida em terras distantes, daqueles que, apesar de todas as mazelas, reconheceram o território hostil brasileiro e, a partir dele, (re)significaram e (re)construíram suas novas formas de vida.

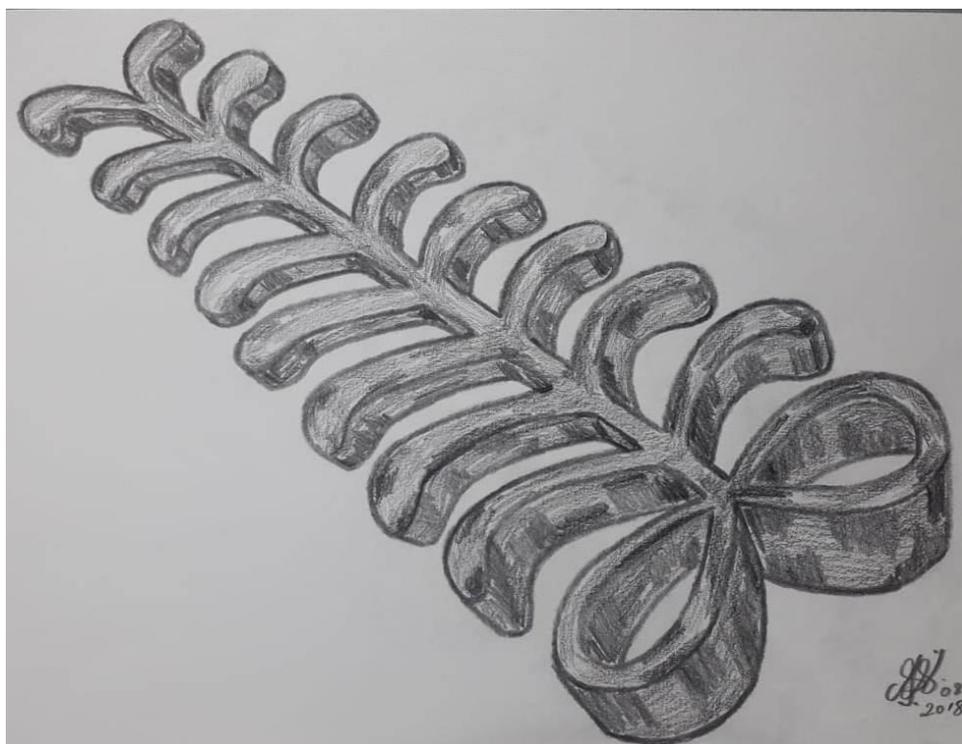


Fig.33 - Adinkra Aya. Desenho de Marcos Nunes. 2018.

O Adinkra Aya é inspirado na samambaia e sua resistência para sobreviver. A palavra também significa “Eu não tenho medo de você. Símbolo de resistência, desafio às dificuldades, força física, perseverança, independência e competência” (NASCIMENTO; GÁ 2009, p. 194-5). Sequestrados de sua mãe África, como samambaias, ao longo de quatrocentos anos, colonizaram com arte, conhecimento e resistência, silenciosamente, todos os caminhos por onde foram adentrados, sob as chibatadas da opressão, como se milhares de olhos estivessem cercando os colonizadores, invisivelmente durante muito tempo.

Por isso, é necessário que os mais jovens saibam que a resiliência faz parte da história do povo negro. Então, deixo isto registrado para a mais jovem mulher da nossa família:

Carta para minha neta Aléxia³²!

O tempo, minha pequena Aléxia, amadurece os frutos, desabrocha as flores, acalma as dores e mostra as verdades. Não há nada mais sábio que o velho tempo, que tem as temporadas brancas de sabedoria, bom senso, calma e perseverança.

É como a boa lixa que retira calmamente a pintura desgastada, e mostra a ferrugem que há escondida embaixo.

O tempo...

Ele não se aflige, não se exalta, não se altera. Transcorre calmamente, apesar de toda a dificuldade, seja a amargura, o desamor, a perda, a ingratidão, a falta de carinho, o esquecimento, a solidão...

Enfim... toda a sorte de acontecimentos faz com que ele se torne cada vez mais forte e sábio. Jamais lhe diz que você está errado: um dia você descobrirá; jamais lhe põe empecílhos diante dos seus propósitos: um dia você saberá ver com os olhos da experiência.

Não deixa tarefas por fazer: apenas são colocadas num momento adiante. Não tem rancores: faz parte de suas cicatrizes que são muitas; aprendeu a vê-las como ensinamentos. Não faz cobranças: ninguém dá aquilo que não tem para dar e jamais será aquilo que não é. Ensina que tudo tem tempo porque nada é por acaso!

O tempo... É uma estrada única, porém tem muitos atalhos; cada um escolhe por onde passar.

³²Aléxia Barbosa Dias é a mais jovem integrante da família e completará dois anos de idade em 08/08/2019. Filha da minha filha Lisandra Ribeiro Barbosa. Residem em Porto Alegre.

Os que perseveraram seguem na mesma estrada, apesar de todos os obstáculos que possam lhes aparecer.

Aqueles que preferem o atalho, por julgá-lo mais rápido e vantajoso, muitas vezes se deparam com becos sem saída, em que a única solução é retornar à estrada principal e continuar. Estarão mais cansados, porém, se aprenderem os ensinamentos, se tornarão mais fortes e serenos; mas se por algum motivo se acharem acima dos ensinamentos da vida, fatalmente se perderão por outros atalhos e levarão, assim, a sua existência a dobrar e retornar sem que nada se possa fazer.

A essência humana é única e imutável. Podem transformar o barro em uma peça valiosa, mas, se por qualquer motivo, ela for atraída pela água, antes de passar pelo fogo da vida, através dos tempos; e quiser mergulhar para simplesmente experimentá-la, se perderá pouco a pouco, e tornar-se-á parte do que sempre foi: “barro”.

Um dia, quando eu estiver no embondreiro, vais lembrar disso.

4.2 A escrita Adinkra em Rio Grande: territórios (in)visíveis.

Muitas vezes, a escrita Adinkra se dilui na paisagem – já tratamos disso no Baú do Respiro – um tanto estilizada, ou ainda simplificada, (re)velando alguns territórios negros (in)visíveis, pelo desconhecimento geral e pelo afã diário de uma cidade portuária. Concordo com Manfrinate, Quadros e Kawahara, quando afirmam que

no contexto da Educação Ambiental encontra-se um espaço privilegiado para se repensar e se viver possibilidades de reconstruir as formas de se compreender o mundo pelo convite em situar a vida de volta à relação com o meio vivido. (2016, p. 122).

Em Rio Grande, essa relação com o meio se deu mais profundamente através dos Adinkra que, como cartas deixadas ao sabor do tempo largadas à deriva do vento de Yànsán, aguardaram pacientemente que alguém os olhasse, e que a

memória ancestral dos que vivem em mim me ensinasse os códigos que os sons do silêncio³³ emitem para conseguir identificá-los, porque somente um invisível reconhece os seus pares.

Pelas ruas da cidade do Rio Grande, o tempo segue os seus ventos, porque toda a revelação tem o seu momento certo, e, sempre que um Adinkra me olha, procuro compreender o significado da sua existência naquele lugar. Recentemente, percebi a presença dele, Mmere Dane, incrustado na fachada de um prédio antigo (Fig. 34), no centro dessa cidade que, por vezes, parece um museu a céu aberto, contando histórias de (in)visibilidades que jamais terão seus segredos totalmente revelados.



Fig. 34 – Registro do Adinkra Mmere Dane na fachada de residência.
Fotografia da autora, 2019.

Na fala de Merlau-Ponty (*apud* CHAUÍ, 2006, p. 122), vejo-me representada na forma de olhar para um Adinkra, quando ele pontua

que não se pode ir ao museu e à biblioteca como ali vão espectadores, para contemplar sob uma luz mortiça obras

³³ Simon & Garfunkel, 1964. The Sound of Silence E a placa dizia/As palavras dos profetas estão escritas nas paredes do metrô/E nos corredores dos cortiços/E sussurradas no som do silêncio.

penduradas em paredes, cercadas de vidros protetores, livros enfileirados em estantes mal iluminadas e poeirentas, esquecendo as dores e alegrias, os conflitos e as descobertas, a solidão e a solidariedade que lhes deram existência. É preciso ir ao museu e à biblioteca como ali vão artistas e pensadores, para participar das lutas e aventuras, das venturas e desventuras, dos infortúnios e glórias do trabalho da criação e da descoberta, da retomada do passado para a invenção do futuro.

Como pesquisadora no campo da Educação Ambiental, à medida que amadureço o olhar sobre Rio Grande e ando mais lentamente observando o patrimônio da cidade, os símbolos Adinkra se revelam, porque “um símbolo, sabemos, é alguma coisa que se apresenta no lugar de outra e presentifica algo ausente” (CHAUÍ, 2006, p. 112). Desse modo, sempre que possível, eu os fotografo me espiando nos gradeamentos, nos entalhes, moldados no cimento, parecendo penates³⁴, espreitando e cuidando da cidade.

Segundo (DUBOIS, 1993, p. 25) “a foto é percebida como uma espécie de prova, ao mesmo tempo necessária e suficiente que atesta indubitavelmente a existência daquilo que mostra”; para mim, como ancestralidade, para outras pessoas, talvez, apenas uma imagem sem nenhuma significação. Por trás da foto (Fig 34) existe uma história, porque “uma ideia isolada não tem praticamente existência, só ganha consistência em relação a um sistema que a integre” (MORIN, 2001, p. 158), e este sistema é a escrita africana Adinkra, com uma aura desde o momento em que ela foi apenas uma ideia noosférica, no mundo das ideias, como também nos fala Edgar Morin.

³⁴ Deuses responsáveis pelos lares.

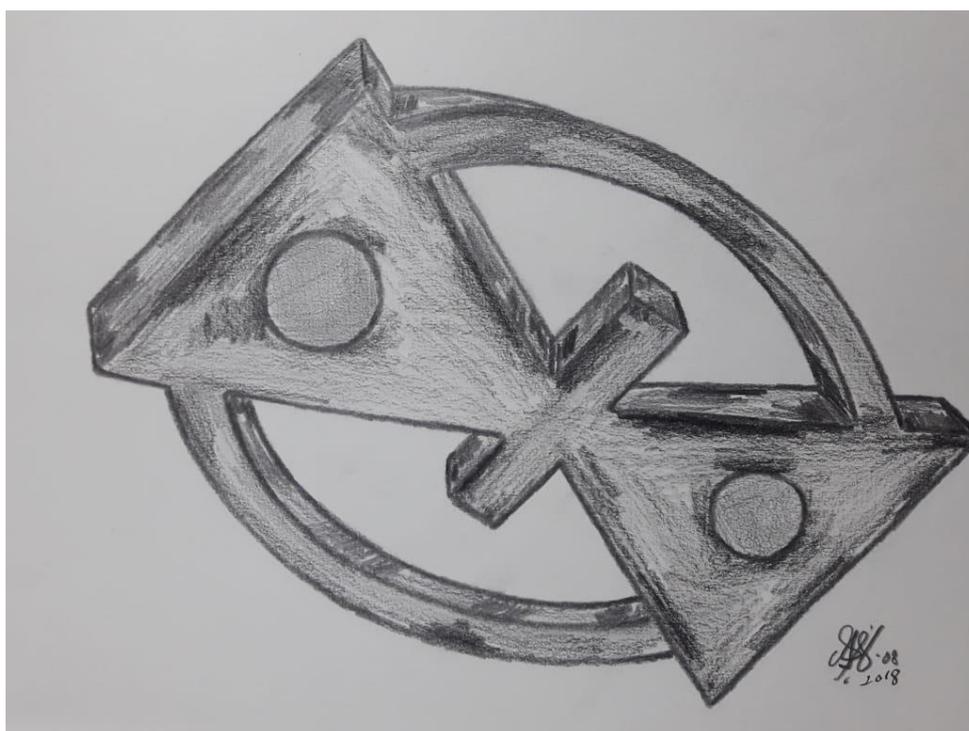


Fig. 35 - Adinkra Mmere Dane. Desenho de Marcos Nunes, 2018.

O Adinkra Mmere Dane (Fig. 35) é inspirado na ampulheta, tecnologia criada pelo homem para medir a passagem do tempo, e nos fala da dinâmica da vida, onde todo o evento é, ao mesmo tempo, causa e consequência do que veio antes dele e do que virá a seguir. Da mesma forma que o vento, a vida, segue o seu curso, independentemente dos acontecimentos, porque é um caminho sem volta, é uma estrada só de ida. Então, precisamos estar preparados para as adversidades que serão encontradas durante este percurso, mas isso quase nunca acontece.

No vórtice dessa pesquisa, chego ao Mercado Público do Rio Grande, que é quase um templo e se debruça sobre o mar como se fosse o peitoril de uma imensa janela, cuja vidraça é o horizonte. Ele me reconecta com a feira livre da minha infância, um dos poucos lugares ao qual me sentia pertencida, e também me leva a projetar outras imagens de (des)pertencimentos e (in)visibilidades para além dessa imensa estrada líquida, uma grande calunga,³⁵ silenciosa e fria, que se dirige em vagas contínuas para lugar algum.

³⁵ O mar é conhecido como um grande cemitério também chamado de calunga, que é uma palavra banto. O grande mundo dos mortos.



Fig. - 36. Portão do Mercado Público. Fotografia da autora, 2019.

Como diz Sato,

uma janela pode se abrir à aprendizagem, à paisagem esplendorosa, à contemplação, a uma serenata cantante. [...] Mas pode se fechar nas saudades, na dor da perda, no momento triste de amargura, ou no horizonte, onde o sonho se perdeu (2016. p. 11).

Relembro que no ano de 1978, logo que cheguei à cidade do Rio Grande, ali existiam muitas bancas que ofereciam verduras, hortaliças e frutas, com seus aromas indescritíveis, e que com o tempo ficaram cada vez mais raras e, hoje, apenas uma resiste. Muitas bancas que vendem pescados ainda se mantêm firmes, com seus camarões, tainhas, linguados, bagres e outras variedades de frutos do mar, sendo que o fluxo de pessoas nestes locais é intenso, principalmente no período da Semana Santa, quando a população em geral opta pelo maior consumo desses produtos.

Segundo o relato de algumas mulheres que frequentam o local, antigamente, o Mercado Público não era visto com bons olhos pelas “famílias direitas”, em função de que nas adjacências existia o comércio do corpo: a prostituição. Então, aquele lugar deveria ficar (in)visível para elas. Hoje, muitos costumes se modificaram, porque também se encontra boa alimentação nos pequenos restaurantes instalados no local. Um desses excelentes lugares é o Restaurante da Tia Lúcia (Fig. 37), de propriedade da simpática comerciante Vera Lúcia Lameiro Rodrigues, que lá trabalha há mais de quarenta anos, vendendo quitutes como o delicioso e caprichado mocotó, pastéis, salgados, sucos, cafés e doces.



Fig. 37 - Restaurante da Tia Lúcia. Mercado Público.
Fotografia da autora, 2019.

À noite, todas as sextas-feiras, tem Roda de Samba com música ao vivo, promovida por comerciantes locais, e a população frequenta com suas famílias para apreciar também uma boa cerveja acompanhada de petiscos. Durante o evento, a rua situada atrás do Mercado é isolada para o tráfego de veículos, para abrigar esse movimento que se estende até a meia noite.

A esse lugar, tenho uma sensação de pertencimento e visibilidade, porque as pessoas me reconhecem e respeitam, além disso, sempre que possível, frequento o mercado acompanhada dos meus filh@s, net@s e amigos; isso faz com que eu me sinta em família.

O Mercado é referência de amizades, aromas, sabores e também da religiosidade de base africana porque é o local por onde transita o Orisá Bará, Senhor das Moedas, mestre dos bons negócios e empreendimentos, dos caminhos abertos para a vida e o sucesso. Despercebido, preso no seu portão principal, voltado para a Praça Xavier Ferreira, (in)visível aos transeuntes, devido ao afã diário a que estão submetidos, encontrei o Adinkra Hene (Fig. 38), o mais importante de todos os símbolos, porque a partir da concepção dele todos os outros símbolos foram criados; e representa também a própria criação do mundo.



Fig. 38 - Adinkra Hene. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2018.

De acordo com (NASCIMENTO; GÁ,2009, 162), o Adinkra Hene é o “símbolo da supremacia e da onipotência de Deus” no alfabeto Adinkra corresponde à letra A representada da seguinte forma O.

A imagem desse símbolo remete à ideia de uma pequena rocha lançada sobre a superfície da água, onde são provocados eventos concêntricos, cada vez maiores, a partir da ação inicial. Partindo dessa construção, reflito sobre a responsabilidade que tenho enquanto Educadora Ambiental ao lançar propostas de trabalho a partir dos Adinkra, discutindo ética, relações de (des)pertencimento; e as consequências das intervenções e falas que poderão colaborar de forma positiva ou não a partir do meu comprometimento social e político em sala de aula. O Adinkra Hene apresenta a possibilidade de refletir sobre a prática, como nos ensina Paulo Freire, levando em conta todos os fazeres que estão contidos na docência crítica e transformadora da sociedade.

Outro símbolo que é encontrado no portão lateral que tem saída para as Docas é o Adinkra Asase Ye Duru, que significa: “A terra é mais pesada que o mar” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p. 68).

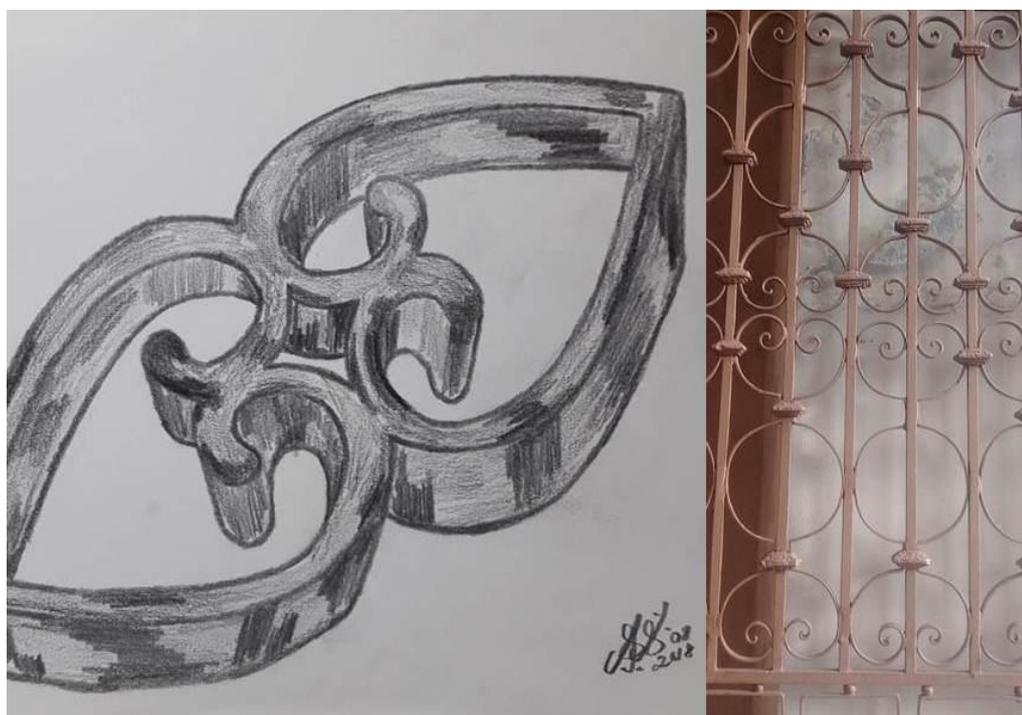


Fig. - 39 Adinkra Asase Ye Duru. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2018.

Esse símbolo traz em si a reflexão sobre o cuidado com a terra, renovando no campo da Educação Ambiental, de forma tautológica, o comprometimento com a herança que ficará para as gerações futuras, no que se refere ao compromisso com as nascentes de água, com as florestas, com o respeito pelos animais e pelo ar, promovendo o cuidado e a preservação da própria espécie humana e das suas condições de alimentação para a sobrevivência.

É preciso olhar para outros recortes do Mercado Público, para que se possa encontrar aqueles que me observam silenciosamente. Então, erguendo a cabeça, percebo que a cidade me olha de uma forma diferente, com olhares de ancestralidade, para os quais o tempo não existe e a história se faz na lentidão dos dias que, voltados para o mar, contam histórias de saudades, (des)pertencimentos e (in) visibilidades vindas das terras africanas.

Num desses recortes, abrandei a minha cegueira quando encontrei o Adinkra Sankofa (Fig. 40), cujo significado é que “Nunca é tarde para voltar e apanhar o que ficou atrás. Símbolo da sabedoria de aprender com o passado para construir o futuro” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p 40). Uma sabedoria que o Grande Louva-a-deus não conseguiu devorar, apesar de todas as sangrentas tentativas.



Fig.40 - Adinkra Sankofa. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2016.

Tradição, história, passado e presente são partes de um mesmo todo, inscritos no Adinkra Sankofa, e que representa uma ponte, um elo entre a África e a cidade do Rio Grande, já que muitos desses símbolos fazem parte de uma “cidade negra invisível” nesta cidade. O Adinkra Sankofa, comunica sobre a importância do tempo, da história, da tradição; e tece um diálogo firme com os preconceitos pretéritos, levando-os à frente da alteridade, não como embate, e sim, como possibilidade de mudança, já que neste encontro também aprende a conviver.

É interessante observar o diálogo que Sankofa constrói com as colunas das Docas do Mercado (Fig. 41), onde ainda se mantêm as marcas da venda de escravizados, através das argolas remanescentes, presas como testemunhas nas colunas deste lugar, onde eram acorrentados, segundo alguns relatos populares de negros mais velhos residentes na cidade.

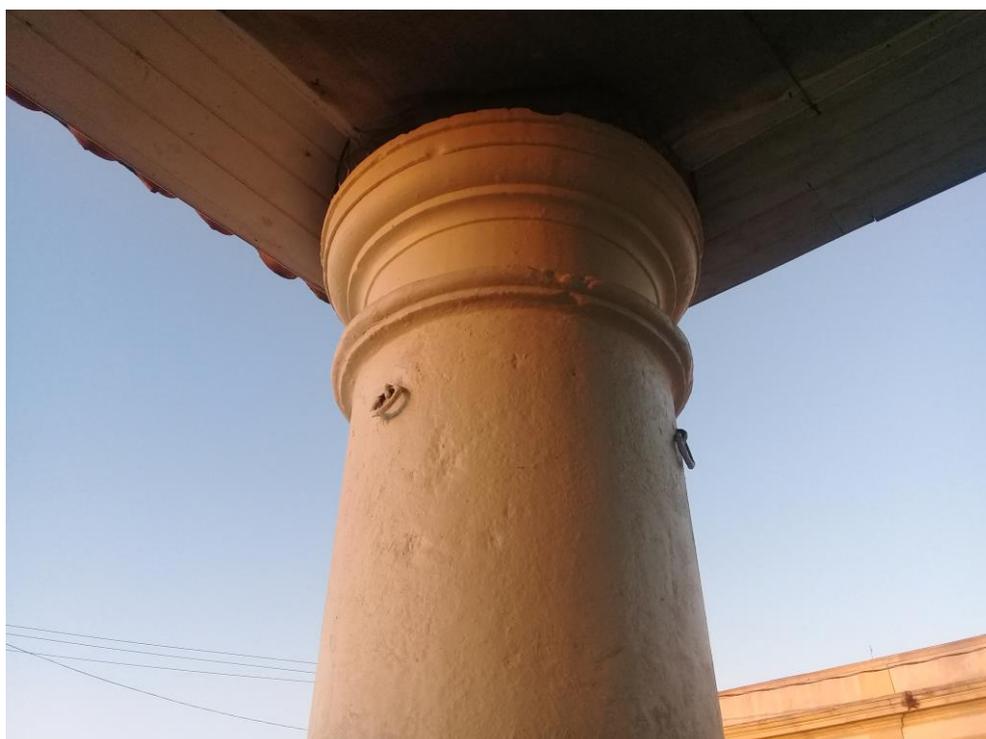


Fig. 41 - Detalhe das colunas das Docas. Fotografia da autora, 2019.

Voltar o olhar para trás nem sempre é bom. Por vezes, causa angústia e medo. Apesar disso, o Adinkra Sankofa sempre me prendeu a atenção de forma mais sensível do que os outros; e fiquei muito feliz ao descobrir que na escrita, representa a letra S, inicial do meu nome.

O Adinkra Sankofa (Fig.43) é encontrado em muitos pontos da cidade mesmo. Por quê? Como? Esses são questionamentos que fazem parte desta pesquisa e sobre os quais ainda não encontrei subsídios para respondê-los, mas acredito que com a caminhada por esta estrada eles possam ser respondidos, ou não!



Fig. 42 - Gradeamento de residência em Rio Grande. Fotografia da autora, 2018.

Como diz Antonio Machado³⁶, nos seus Cantares: Caminante, son tus huellas/ el camino y nada más/ caminante, no hay camino,/ se hace camino al andar./ Al andar se hace camino/ y al volver la vista atrás/ se ve la senda que nunca/ se há de volver a pisar.

O poema fala das paisagens que se tornam inexistentes ao longo da vida, as lembranças, os caminhos, as distâncias e a (in)visibilidade do próprio homem que, como caminante, deixa uma estrada de pó onde os únicos registros de existência,

³⁶ Antonio Cipriano José María e Francisco de Santa Ana Machado Ruiz, poeta Modernista Espanhol.

talvez, sejam as pegadas incrustadas nas ferragens, como os Adinkra em Rio Grande.



Fig. 43 - Adinkra Sankofa. Desenho de Marcos Nunes, 2018.

Os versos de Antonio Machado proporcionam aprender que, a cada dia, uma nova lição é a maior e melhor riqueza para o ser humano. Por isso, durante esta pesquisa descobri a existência do Adinkra Ohene Kyniie (Fig. 44) – A sombrinha do Rei –, que representa o poder, a proteção e a segurança (MOBLEY, 2011, p. 95). Encontrei-o preso ao gradeamento de uma residência, com um formato estilizado e reduzido. Mesmo assim o reconheci, em função de que há muitos anos as sombrinhas abandonadas pelas ruas da cidade têm me inquietado profundamente e, após as chuvas e ventanias, eu as tenho recolhido, pensando em uma postura de responsabilidade, como Educadora Ambiental, já que esse material descartado provoca sérios problemas ao meio ambiente.



Fig. 44 - Adinkra Ohene Kyniie. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2018.

Sempre tive grande medo das ventanias, principalmente à noite, porém, depois que passei a recolher as sombrinhas das ruas, colheita que o vento oferece, o medo cessou. Hoje, tenho a certeza de que Yànsán, a Senhora dos Ventos, que vive entre os vivos e os mortos, gritava-me orientações que eu não conseguia compreender, direcionando-me para esta escrita, porque “os símbolos surgem tanto para representar como para interpretar a realidade, dando-lhe sentido graças à presença do humano no mundo” (CHAUI, 2006, 183), podendo ligar à percepção tanto do mundo visível como do invisível.

Estas sensações eu preciso deixar registradas para que minha única filha mulher saiba das minhas inquietudes.

Carta para minha filha Lisandra!

Minha filha, a cidade do Rio Grande tem como característica climática a presença quase constante dos ventos, às vezes, muito

fortes, outras, mais brandos, porém sempre ventos de Yánsàn, ar em movimento, vida invisível, que só é descoberta pela dança dos galhos das árvores, debatendo-se entre si; pelo açoite do corpo e do rosto com a poeira que provoca a lágrima no canto dos olhos, ou ainda pelo tremular de uma sombrinha quebrada numa calçada, numa esquina, nas poças de lama ou penduradas nas árvores.

Nem lembro exatamente quando isso iniciou, apenas sei que faz tantas estações que já perdi a noção dessa distância entre o meu olhar e o tempo, ou entre o nosso entreolhar, o meu e o delas.

Serendipidades! Encontros felizes e coloridos que me trazem muitos aprendizados. E só agora compreendi por que há alguns anos temos nos encontrado pelas ruas, as sombrinhas e eu: elas são a representação do Adinkra Ohene Kyiniie - A sombrinha do Rei.

Na verdade, tudo tem momento oportuno, e me atrevi a guardar por mais ou menos três anos, não lembro bem, o tecido de uma sombrinha que encontrei abandonada pela rua.

Esse tecido me espiava entre outros objetos guardados, como a me cobrar atitudes, ou seria eu que me cobrava possibilidades? Ele ficou por lá, em casa, guardado como num estado de hibernação, até que comecei a afligir-me com aquele objeto colorido, alegre, circular e oculto entre vinis, embalagens, carretéis, tintas e fitas, todos também aguardando uma oportunidade para mostrarem seus talentos.

Lisandra, tenho recolhido centenas delas pelas ruas, porque acredito sempre que os materiais nos olham e ficam à espera, para que sejam notados: num belo dia isso acontece.

Muitas dessas sombrinhas, para mim, se assemelham às bailarinas frustradas que não executaram de forma correta o passo da

dança; outras, depositadas nas lixeiras, aguardam na “fila de adoção”, mas quem haverá de querer uma sombrinha defeituosa?

Assim como as crianças que aguardam por um lar, as sombrinhas também precisam ter um padrão aceitável e, principalmente, não podem estar quebradas, embora suas “peles” sejam lindas. Eu as quero com suas deficiências!

Outras vezes, penso que essas sombrinhas, em algum momento, foram proteção contra o sol, a chuva e os ventos, e as relaciono aos descartes dos idosos nos asilos, hospitais, albergues e até mesmo pelas ruas onde podem ser encontrados; muitos deles sem teto, sem comida, ao relento, esquecidos pelos cantos, como elas, as sombrinhas.

Sempre tentei descobrir o porquê de uma sombrinha provocar-me dessa forma tão complexa, passando inclusive pelas questões relacionadas ao universo feminino do abandono, do descarte, dos descaminhos, do feminicídio e das relações de trabalho, fazendo com que eu procure “uma sombrinha no meio do caminho” e quase sempre elas aparecem.

Em algumas situações, nem sempre foi possível resgatar uma sombrinha; nesses momentos eu me sentia como que deixando alguém muito querido para trás e sonhava com elas!

Pensei em dar asas para as sombrinhas quebradas que se arrastam como lagartas pela vida, então as transformo, aos pares, em saias coloridas que dançam como em um acasalamento de borboletas, mas isso é uma história para o próximo projeto de pesquisa!

Hoje, compreendo que esses Adinkra que encontro pelas ruas, na verdade, não sou eu quem os resgata, e sim, eles que me adotam, me

protegem e me ensinam direcionando o meu caminho, porque são as utopias que me levarão a continuar a minha pesquisa!

Pesquisar os Adinkra é uma ação complexa no Campo da Educação Ambiental, levando em conta que encontrá-los, aqui em Rio Grande, abre um leque de indagações que ainda serão pontos de muitas pesquisas, as quais ratifico como um Projeto de Vida. O que fazem esses Adinkra como silenciosas gárgulas negras, mirando a cidade, e por que estão nos entalhes das igrejas?

Uma forma de agir do Grande Louva-a-deus era sequestrar os negros e escravizá-los tanto física como mentalmente. Então, com a falsa intenção de salvar suas almas, os colonizadores direcionavam cada escravizado para uma não vida, onde o (des)pertencimento e a (in)visibilidade o transformasse em uma sombra sem pátria, sem razão. Deste modo, quando

os navios negreiros transportaram através do Atlântico, durante mais de trezentos e cinquenta anos, não apenas o contingente de cativos destinados aos trabalhos de mineração, dos canaviais, das plantações de fumo localizadas no Novo Mundo, como também a personalidade, a sua maneira de ser e de se comportar, as suas crenças. As convicções religiosas dos escravos eram, entretanto colocadas a duras provas quando de sua chegada ao Novo Mundo, onde eram batizados obrigatoriamente “para salvação de sua alma” e deviam curvar-se às doutrinas religiosas de seus mestres. (VERGER, 2002, p. 23)

Também aprendiam forçadamente o idioma do colonizador, eram obrigados a se ajoelharem à frente dos santos desconhecidos, a fim de que negassem e esquecessem para sempre seus costumes, suas crenças, seus cultos e seus mitos e de acordo com José Beniste, impiedosamente eram

impedidos de professar a sua fé, eles foram introduzidos, compulsoriamente, ao catolicismo, mas não abandonaram sua religião original, disfarçando-a, através do pretexto de usar os santos da igreja como fachada para realizar seus cultos. (BENISTE, 2010, p. 24).

Apesar de tudo isso, Nyame Dua (Fig. 45) é um Adinkra encontrado, geralmente, nas igrejas em entalhes de madeira, nos vitrais; ou modelado diretamente nas paredes em baixo ou alto relevo.



Fig. 45 - Adinkra Nyame Dua. Entalhe em Igreja. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2018.

Inspirado nos vegetais representa um corte transversal de uma árvore sagrada, onde ao centro são depositados todos os pedidos, aflições e também as oferendas. A árvore como receptora de energias que são levadas ao cosmos através de preces, incensos, músicas, rituais de dança e outras manifestações de amor e respeito. Seu significado é A Árvore de Deus.

Nos gradeamentos das residências, por vezes, aquecido sob a luz do sol, aparece um Adinkra escondido e silencioso. Então, penso na possibilidade de entrevistar seus moradores e perguntar-lhes se conhecem o significado dos símbolos que vigiam a entrada de suas moradias. Entre a revelação deles na África e a sua presença aqui nessa cidade existe uma imensa lacuna povoada de incógnitas fantasmagóricas que, talvez, jamais sejam respondidas e pode ser que estejam sepultadas para sempre em histórias mal ditas ou malditas.

Aqueles que são inspirados nos animais contêm a síntese de sua personalidade, sem a interferência humana nos seus *habitats*, como é o caso do Adinkra Dwenini Mmen (Fig. 46), inspirado a partir da identidade de um carneiro.

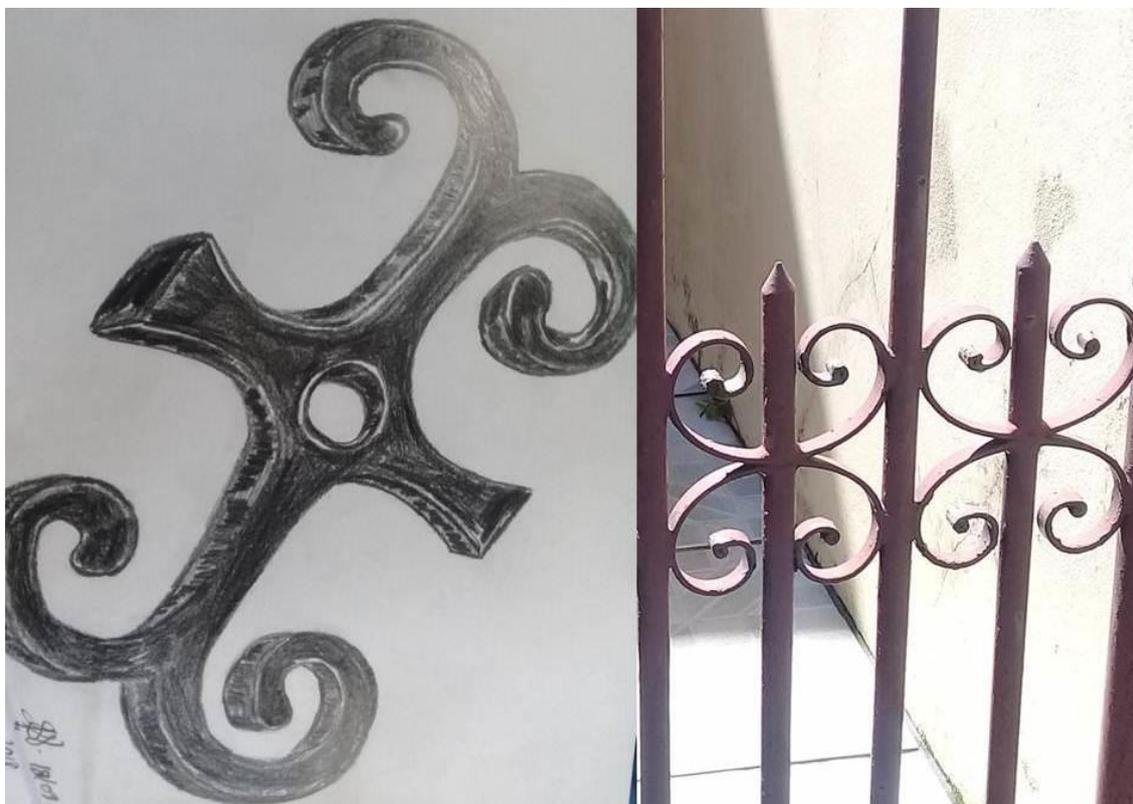


Fig. 46 - Adinkra Dwenini Mmen. Gradeamento de residência em Rio Grande. Desenho de Marcos Nunes. Fotografia da autora, 2018.

Esse Adinkra possibilita uma reflexão sobre a ética da conduta humana e diz que “o carneiro, ao atacar, não deve fazê-lo com os chifres e sim com o coração. Símbolo da humildade e da força da mente, do corpo e da alma. A luta não pode se basear na arrogância” (NASCIMENTO; GÁ, 2009, p. 42).

Os animais são ricas fontes para explicar as relações dos homens com o mundo, isto se constata no filme *A bússola de Ouro*³⁷, onde o habitante tem suas almas vivendo ao seu lado e cada uma delas apresenta o aspecto de um animal, que permite visibilizar sua conduta diante do mundo através da personalidade do mesmo. Os *dimons*, como são denominadas essas almas, são livres para mudar a

³⁷ Filme *A Bússola de Ouro*. Direção Chris Weitz. Reino Unido, 2007. Disponível em Netflix.

forma enquanto ainda são crianças, já para os adultos isso é impossível; e acredito que isso se justifique pela perda da inocência e da leveza de ser feliz. Neste filme, existe um personagem que separa as crianças de seus *dimons*, deixando-as doentes e tristes; e o *dimon* que ele carrega, sempre, no ombro, é um louva-a-deus!

Um Adinkra quando é utilizado em uma veste pode ser associado a um *dimon* que, imediatamente, materializa a relação ética de quem o exibe com o meio em que vive. Pode-se concluir que a sua visão de mundo, como uma tatuagem, está lhe servindo de pele, como um carimbo a ferro e fogo, dando visibilidade e corporificando a ética através da estética, porque, na África, quando se produz um tecido com determinados símbolos e com ele é confeccionado uma peça para vestuário, pode-se afirmar que a pessoa que a está usando praticamente está vestida com a força das suas próprias palavras.

Como Educadora Ambiental, durante as oficinas com carimbos Adinkra, estímulo que essas questões éticas sejam sempre discutidas e entrelaçadas com as práticas e vídeos apresentados aos participantes.

5 Percepções

As percepções desta pesquisa serão sempre parciais, porque é uma investigação viva, e como tal continua a me indagar e a dirigir as minhas ações através das pegadas Adinkra, as quais (CHAUÍ, 2006, p. 114) definiria como “*Monumentum* que significa sinal do passado; o que evoca o passado; o que perpetua o passado”, mas que se mimetiza no presente.

Deste modo, os Adrinka se mantêm me questionando independente da minha vontade e, olhando dentro dos meus olhos, cada símbolo refaz um percurso durante o qual, como já falei no primeiro capítulo, interroga as minhas verdades.

Neste momento dessa pesquisa sobre a escrita Adinkra presente no patrimônio da cidade do Rio Grande, afirmo que ainda não foi possível saber de que forma esta escrita chegou à cidade e porque ainda é desconhecida na área da educação, levando em conta que aproximadamente 500 pessoas, de todas as faixas etárias, participaram das oficinas de carimbos. Neste universo, apenas uma na FURG, em Santo Antônio da Patrulha, revelou ter algum conhecimento sobre a existência dessa escrita.

Quanto às oficinas para os cegos, ainda não tive a oportunidade de trabalhar com eles em função de que não houve inscrição dos mesmos nestas atividades, talvez por desconhecimento sobre a existência das mesmas ou até, levanto uma hipótese, por algum tipo de receio não revelado. Ao mesmo tempo, a impressão dos Adinkra em 3D pelo IMEF – FURG possibilitará, a médio e longo prazo, a produção de material acessível, prático, durável e de grande qualidade, para apresentar a escrita aos cegos físicos, embora a matéria prima utilizada vá de encontro aos fundamentos da Educação Ambiental.

Os registros fotográficos iniciais da presença dessa cultura no patrimônio da cidade, que fazem parte desta Dissertação, poderão servir de fomento para outras pesquisas em outras áreas do conhecimento, trazendo à luz da sociedade uma epistemologia ancestral que se mantém (des)pertencida como fantasma, nesta cidade.

Na sequência, acredito que essa revelação sobre a cultura Acã despertou o interesse da grande maioria dos participantes das atividades que, daqui para frente, passarão a observar com mais atenção os lugares por onde transitam a procura de um Adinkra, visibilizando a cidade invisível na arquitetura das cidades.

Além disso, ficou claro que a aproximação com a simbologia, em todas as oficinas poderá ter um caráter terapêutico cultural como a ADINKRATERAPIA, sugerida por uma das participantes, porque ela que se viu representada nos significados dos carimbos que escolheu ao acaso. Este é um investimento para análise e pesquisa futura.

Ponto ainda que as “escrevivências” que partem das minhas experiências diárias se depararam mais uma vez com a (in)visibilidade dentro das Bibliotecas da Universidade Federal do Rio Grande, porque não existe um único exemplar das obras da escritora Conceição Evaristo, propulsora do meu formato de escrita e referência de luta contra o preconceito e racismo para todas as mulheres negras.

Ao contrário disso, encontramos várias obras de Mia Couto, africano e branco, demonstrando que os sons do silêncio são muito mais significativos, por vezes, do que os discursos. A (in)visibilidade da mulher negra na formação da cultura acadêmica está mais uma vez ratificada nesta metalinguagem, onde a

(in)visibilidade se vê representada pela ausência, também, de uma renomada escritora brasileira.

Materializar essa (in)visibilidade composta por várias outras demandas negras, como preconceito e racismo, a partir da imagem de um louva-a-deus, é importante para que outras pessoas consigam perceber, no campo da Educação Ambiental, as relações no e com o mundo, bem como com o outro. Essas são discussões presentes na obra *Crítica da Razão Negra*, onde pode-se ler que

ser este (ou então aquele) que vemos quando nada se vê, quando nada compreendemos e, sobretudo, quando nada queremos compreender. Onde quer que apareça, o negro desencadeia dinâmicas passionais e provoca uma exuberância irracional que invariavelmente abala o próprio sistema racional. Em seguida, deve-se ao fato de que ninguém – nem aqueles que o inventaram e nem os que foram englobados nesse nome – gostaria de ser um negro ou, na prática, ser tratado como tal. (MBEMBE, 2018, p. 12-13)

Por este viés, na conclusão parcial desta pesquisa, afirmo que apesar de todas as acusações de vitimismos, que são imputadas a esta tribo, o oco existencial negro existe.

Nós, negros, enfrentamos na pele e na corporeidade o olhar racista e excludente, e nenhum branco pode sentir isso, apenas ser solidário, pois a dor é negra! Minha neta Leticia, aos cinco anos, já sabia que a coleguinha de aula não brincava junto porque ela é negra, e ninguém ensinou isso a ela: é o instinto e a corporeidade avisando sobre os perigos do Louva-a-deus!

Afirma (MORIN, 2004, p. 37) que “todo o conhecimento para ser pertinente, deve contextualizar seu objeto. ‘Quem somos nós?’ é inseparável de ‘Onde estamos, de onde viemos, para onde vamos?’”. Portanto, este trabalho não poderá ficar ensimesmado em conclusões duras, longe da subjetividade da autora, porque “trazemos dentro de nós, o mundo físico, o mundo químico, o mundo vivo, e, ao mesmo tempo, deles estamos separados por nosso pensamento, nossa consciência, nossa cultura” (MORIN, 2004, p. 37). Desta forma necessito da ajuda de Yánsàn, com a energia dos seus ventos, para que me ajude a positivar a (in)visibilidade que espreita esta caminhada, porque, aqui, falta um Adinkra!

Existem coisas que estão fora do alcance humano, por isso, neste momento, escrevo esta carta para Yánsàn, a Senhora dos Ventos, pedindo ajuda para materializar a imagem da (in)visibilidade com todos os preconceitos que ela carrega:

Carta para Yánsàn

*Èpà heyí Yánsàn!
Que cruza os portais
entre os vivos e os mortos
de todos os mundos, bandeiras e canaviais.*

*Revele o bordado
do preto na sombra,
vazio de amor,
que levou a vida dos Ancestrais!*

*Mostre no vento
os olhos do medo
a boca da morte
que ousou dizer
tem a cor de breu sangrento!*

*Èpà heyí Yánsàn!
Liberta no vento
as vozes que gritam
na brasa do ferro
e as peles que rasgam
no fio da chibata... ao relento!*

*Escreve na luz
a voz do silêncio
que brada por guerra
na noite sem lua do firmamento!*

*Èpà heyí Yánsàn!
Desenha no escuro
as pegadas vazias
e a cor do invisível
que dia após dia me aponta,
e me acompanha...por dentro!*

5.1 Ei-lo, o Adinkra da Invisibilidade: O Grande Louva-a-deus!

Um Adinkra se caracteriza pela síntese e objetividade da imagem que capta a essência do conceito a ser representado, e se apropria das características de um determinado objeto, planta, animal, dos astros, das tecnologias e até mesmo do corpo humano para representá-las. É a escrita da observação do mundo, onde o homem escreve, descreve e se inscreve através da sua própria trajetória de vida, isto é, através do tempo.

O Grande Louva-a-deus, o Adinkra da Invisibilidade, teve a sua concepção baseada na pesquisa criança do meu filho Rafael, que ainda menino observou minuciosamente o inseto louva-a-deus. Repito que ele habita os jardins e as florestas, tem a cabeça triangular, os olhos penetrantes e suas patas funcionam como pinças poderosas com as quais aprisiona suas presas. (Fig. 47.)

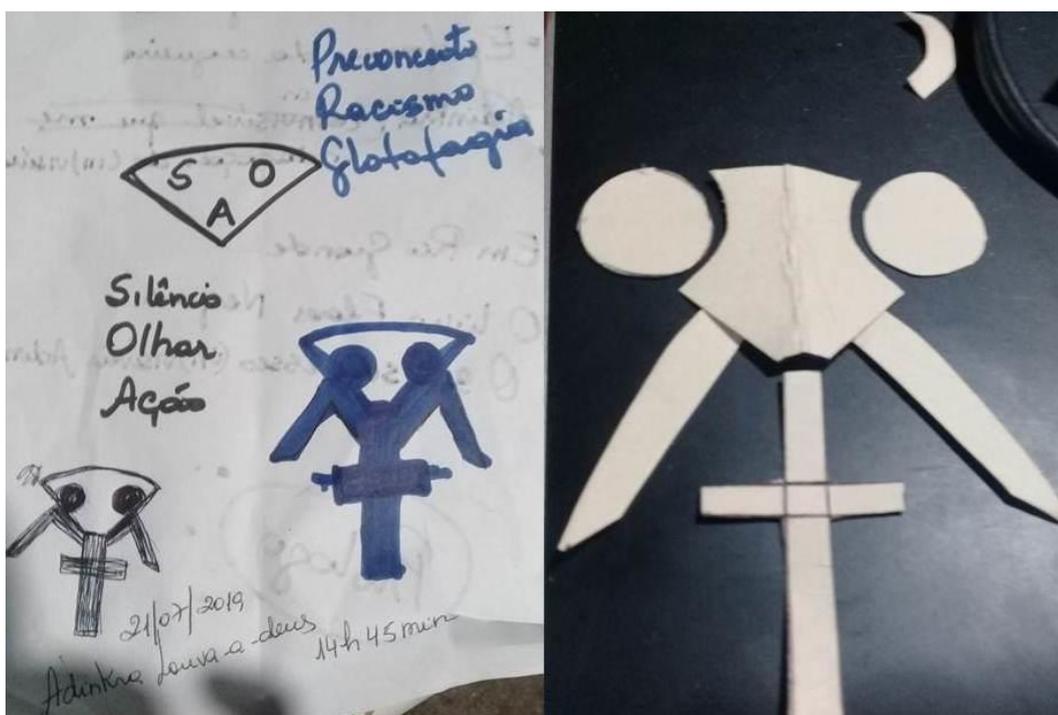


Fig. 47 Processo de Criação Adinkra da Invisibilidade. Fotografia da autora, 2019.

Ratifico que é predador voraz e exímio caçador, que se camufla entre as plantas espreitando suas vítimas, da mesma forma que o preconceito e o racismo atacam as pessoas negras, ferem a sua dignidade, violentando-as no corpo, na alma e na mente. Muitas vezes, o Grande Louva-a-deus se apodera das suas vítimas não

permitindo que sobrevivam, sendo que sua primeira atitude é arrancar suas cabeças e devorá-las impedindo, assim, que tenham qualquer reação; a segunda é condená-las à invisibilidade, “um crime perfeito³⁸” (MUNANGA, 2012).

Para esta criação foram considerados três aspectos importantes da personalidade do inseto: o silêncio, o olhar e a ação.



Fig. 48 - Processo de Criação Adinkra Invisibilidade. Fotografia da autora, 2019.

A corporeidade é um forte valor civilizatório africano, que está sempre atento às “falas” dos corpos bem como às ausências delas. Com relação ao silêncio, costumo afirmar, por experiências próprias, que os “não ditos” preconceituosos e racistas são muito mais ruidosos do que as próprias palavras. Essas, quando pronunciadas, estão carregadas de cuidados politicamente corretos, a fim de evitarem incômodos processos por assédio moral nas repartições, nas vias públicas e, principalmente, quando o agressor está entre outras pessoas. Geralmente, o Grande Louva-a-deus procura atacar suas vítimas quando estão a sós, sem

³⁸ Entrevista para a Revista Fórum , em 2012.

testemunhas, quando os ambientes ficam carregados do silêncio asséptico que diz “se eu pudesse tu estarias mort@”!



Fig. 49 - Processo de Criação Adinkra Invisibilidade. Fotografia da autora, 2019.

O olhar é outra arma do Grande Louva-a-deus, porque ele age exatamente como o inseto, aparentemente frágil, porém, dos seus olhos as zarabatanas dos seus pensamentos envenenam a qualquer adulto atento; imagino, então, o que não acontece nas escolas de Educação Infantil, quando uma criança negra encontra um(a) deseducador(a) racista e preconceituoso(a), porque o próprio olhar de extermínio faz com que a pessoa negra se sinta (in)visível e (des)pertencida.

Com relação à ação, considerei desnecessária, a representação das pinças já que elas são apenas uma ferramenta de tortura mecânica, porque acredito que o silêncio e o olhar do Grande Louva-a-deus torturam e assassinam a vítima muito antes que ela lhe chegue à sua boca, porque nesse momento o canibalismo mental já foi realizado a partir da eficiência do olhar destrutivo. Com relação a isso, afirmo que apenas nós, NEGROS, reconhecemos o predador pelo olhar porque a

(in)visibilidade se sustenta no racismo e no preconceito como uma instituição, o que, segundo Gregório F. Barembritt,

são lógicas, são árvores de composições lógicas que, segundo a forma e o grau de formalização que adotem, podem ser leis, podem ser normas, e quando não estão enunciadas de maneira manifesta, podem ser hábitos ou regularidades de comportamentos. (2012, p. 23)

Com relação aos hábitos institucionais, o Grande Louva-a-deus, quando assim o deseja, tem a capacidade de detectar a presença negra em ambientes, como lojas, supermercados e *shoppings*, como uma presa a ser devorada.



Fig. 50 - Processo de Criação Adinkra Invisibilidade. Fotografia da autora, 2019.

Ainda, falando em ação e estratégia de comportamento na selva chamada sociedade, a concepção do Adinkra da Invisibilidade, o Grande Louva-a-deus, completa-se fazendo referência à morte das vítimas do inseto no seu *habitat*: ele carrega em si, a cruz, a boca da morte, que aniquila qualquer possibilidade de ação. Este “crime perfeito” se completa com a eliminação asséptica de suas vítimas,

quando as devora, iniciando pela cabeça até que não reste nenhum vestígio de suas existências.

Quem sabe não seja este o motivo pelo qual o Adinkra Sankofa é encontrado com tanta abundância na cidade do Rio Grande, e que a mensagem “nunca é tarde para voltar e pegar o que ficou para trás” ainda seja comunicada através dos ventos que uivam (in)visibilidades negras.



Fig. 51 - Adinkra Sankofa. Desenho de Marcos Nunes, 2018.
Carimbo Adinkra Louva-a-deus. Fotografia da autora, 2019.

Deste modo se encontram passado e presente, Sankofa e o Grande Louva-a-deus, já que, como afirma Maria Inês Fini (1997, p.24), “a interrogação se mantém viva porque a compreensão do fenômeno não se esgota nunca”, porque, apesar de ser uma ave, Sankofa não consegue canibalizar o Louva-a-deus, que mesmo fazendo parte de sua cadeia alimentar não pode “antropofagiar” parte de si mesmo, porque corre o risco de se autocondenar à extinção: um conflito interno, em que voltar é impossível e seguir adiante é imensamente doloroso, mas necessário.

Por mais que fuja, o passado se encontra consigo mesmo, nascimento e morte imbricados, um entre-lugares, como os ventos de Yansán que estão sempre entre os vivos e os mortos.

A (in)visibilidade oculta outras (in)visibilidades que não afloram aos olhos de quem não quer ver, e no percurso desta escrita as entrelinhas sempre me mostraram a cegueira na qual estive – eu também – mergulhada, querendo visibilizar aos outros algo que está na minha sombra: o Grande Louva-a-deus.

Ele jamais se mostraria totalmente, porque meus olhos não querem perceber a sua existência na formação do meu DNA, isto é inadmissível! Conviver com este carimbo, o qual jamais poderá ser apagado das minhas células, é algo que eu não gostaria de ter percebido, porque estou escarificada para sempre e minha descendência também. O que eu procurava fora está dentro de mim como um *moébius* então “sou semente das sementes de todos que vivem em mim”, sem exceção. Desse modo a verdade, neste momento, é que

o mostrar-se ou expor-se à luz, sem obscuridade, não ocorre em um primeiro olhar o fenômeno, mas paulatinamente, dá-se na busca atenta e rigorosa do sujeito que interroga e que procura ver além da aparência, insistindo na procura do característico, básico, essencial do fenômeno (aquilo que se mostra para o sujeito) (BICUDO; ESPÓSITO, 1997, p.18).

Mas como “ando devagar porque não tenho pressa”³⁹, nesta pesquisa sobre Adinkra, aquilo que se mostra para mim é o ponto cego da minha pesquisa, que ao abrir os olhos me mostrou o que eu não gostaria de ter visto no breu da minha árvore genealógica: metade de mim é louva-a-deus, e quero mantê-lo recessivo; a outra metade é Amor, completamente Dominante.

Percebo que a minha mãe é uma representação da resiliência que sobreviveu ao Grande Louva-a-deus, por isso quero registrar nesta carta todo o meu respeito e admiração pela sua luta, porque sem a sua perseverança e exemplo, eu jamais teria conseguido chegar até aqui!

³⁹Almir Satter: Tocando em frente.

5.2 Carta para minha mãe Clélia.

Pra tí, mãe!

Río Grande, 24 de julho de 2019.

Chegamos até aqui, chegamos tu e eu! Somos sobreviventes deste Grande Louva-a-deus, que nada louva a não ser a sua falta de alteridade e de humanidade. Ele não compreende que independente da nossa raça, que para mim é apenas humana, independente da cor da pele, da língua que falamos e da nossa religião, um dia Ikú virá nos buscar, a tod@s, para retornarmos à massa de origem.

Quero te dizer, mãe, que hoje com meus quase sessenta e dois anos de existência, só tenho agradecimentos para te fazer. Isto só foi possível porque abrigastes no teu ventre, por nove meses, a semente de um Grande Louva-a-deus, que haverá de ser para sempre recessivo, porque o único Dominante, nessa história, é o teu amor por mim, pela vida, pela luta e pela nossa sobrevivência.

Se o teu corpo foi violentado, soubestes transformá-lo em abrigo, se a fome enfraqueceu tua infância, soubestes transformá-la, nos teus seios, em alimento para minha sobrevivência; se o aconchego dos abraços e acalantos te faltaram, soubestes me proteger no calor da tua vida; se o agasalho da tua infância foi raro, aprendestes a bordar sonhos nas minhas saias costuradas sob a luz do lampião; se a possibilidade da educação te foi negada, transmitistes a mim o amor pelas letras e pelas artes.

Existem várias formas de amar as pessoas, e uma delas é sendo exemplo de como amar a tudo o que se tem, mesmo que se tenha pouco, isso aprendi contigo, mãe!

O amor pelas plantas está dentro de mim, como sempre esteve presente na tua lida campeira, desde criança. Amar os animais também faz parte das lições que me foram dadas através do teu exemplo.

Respeitar-se, acima de tudo, é a ética que aprendi te observando ser uma mulher negra, íntegra, lutadora e sensível, porque “não importa os outros, e sim aquilo em que a gente acredita”, sempre me dissestes isso.

Sobrevivemos, mãe! Quero que esta escrita seja eternizada pra ti e para todas as mulheres da nossa família, a quem não tivemos o direito de conhecer pela interferência do Grande Louva-a-deus. Elas precisam saber das nossas histórias com o orgulho de serem pertencidas e visíveis.

Tudo isso é para a nossa descendência, porque um dia haveremos de nos encontrar no oco de um embondeiro, então, sonharemos pássaros e eles voarão muito mais alto do que as nuvens, até onde os sonhos os possam levar.

Obrigada mãe, te amo!

REFERÊNCIAS

ALVES, Castro. *Os escravos*. Editora Galex. Coleção Clássicos da Literatura, s.d.

BARBOSA, Muryatan S. África: uma história Milenar. In: *A COR DA CULTURA*. Caderno de textos. [Pelotas]: A cor da cultura, [2013?].

BAREMBLITT, Gregorio F. *Compêndio de análise institucional e outras correntes: teoria e prática*. 6. ed., Belo Horizonte: Editora FGB/IFG, 2012

BELÉM, Ivan; SATO; Michèle. Viagens entre os mundos. In SATO, M. (Org.). *Eco-Ar-TE para o reencantamento do mundo*. São Carlos: RIMA, 2012. P. 337-351. Disponível em <https://onedrive.live.com/?authkey=%21AKa3pCqhs-q5ZyE&cid=6F738C9CF42A30B0&id=6F738C9CF42A30B0%216027&parId=6F738C9CF42A30B0%215868&o=OneUp> Acesso em 05/05/2019.

BENISTE, José. *As águas de Oxalá: (àwon omi Ósàlá)*. 6. ed., Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPÓSITO, Vitória Helena Cunha (Org). *A pesquisa qualitativa em educação: um enfoque fenomenológico*. 2.ed, Piracicaba: Editora Unimep, 1997.

BRANCO, Pércio de Moraes. *Minerais de origem pouco comum*. Romanchita e hidrorromanchita – naturais, mas não tanto, 1992. Disponível em: <http://www.cprm.gov.br/publique/Redes-Institucionais/Rede-de-Bibliotecas---Rede-Ametista/Canal-Escola/Minerais-de-Origem-Pouco-Comum-3531.html>. Acesso em 02/08/2019.

BRANDÃO, Ana Paula. *Memória das palavras*. Rio de Janeiro: Fundação Roberto Marinho, 2006.

CARNEIRO, Sueli Aparecida. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese de Doutorado em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo. Agosto de 2005.

CASTRO, Yedda Pessoa de. *Marcas de africania no português brasileiro*, 2011. Disponível em http://www.africaniasc.uneb.br/pdfs/n_1_2011/ac_01_castro.pdf. Acesso em 08 de abril de 2018.

CÉSAIRE, Aimé. MOORE, Carlos (orgs). *Discurso sobre a negritude*. Belo Horizonte: Nandyala, 2010.

CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos: mitos sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, números*. Coordenação Carlos Sussekind, Tradução Vera da Costa e Silva, Raul de Sá Barbosa, Angela Melim, Lúcia Melim, 5. ed, Rio de Janeiro: Editora José Olympio, 1991.

COUSIN, Claudia da Silva. *Pertencer ao naveg@r, agir e narr@r: a formação de educadores ambientais*. 2010, 135 fls .Tese (doutorado em Educação Ambiental) - Universidade Federal do Rio Grande, Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, Instituto de Educação. Rio Grande, 2010.

COUTO, Mia. *Cada homem é uma raça*. 9. ed., Lisboa: Editorial Caminho S.A, 1990.

DUBOIS, Philippe. *O ato fotográfico*. Tradução de Marina Appenzeller. 13 ed, São Paulo: Papirus, 1993.

EVARISTO, Conceição. *Ponciá Vicêncio*. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

_____. *Becos da Memória*. 3. ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2017.

FREIRE, Paulo. *A educação na cidade*. São Paulo: Cortez, 1991.

Filme El Faro de las Orcas. Diretor Gerardo Olivares. Ano 2017. Drama. Espanha/Argentina: Pampa Films, 1h 50min. Disponível na Netflix.

FINI, Maria Ines. Sobre a pesquisa qualitativa em educação, que tem a fenomenologia como suporte. In: BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; ESPOSITO, Vitória Helena Cunha. Pesquisa qualitativa em educação. 2. ed. (Revista). São Paulo: Editora Unimep, 1997.

HAAG, Carlos. *Saudade que mata*. 2010. Disponível em: Disponível em: <https://revistapesquisa.fapesp.br/wp-content/uploads/2012/07/086-089-172.pdf>. Acesso em 05 de abril de 2018.

ITAÚ CULTURAL. *Projeto Ocupação*. Conceição Evaristo. 2017, 04 maio a 18 junho. Disponível em: <<https://www.itaucultural.org.br/ocupacao/conceicao-evaristo/escrevivencia/>>.

JORNAL O ARTISTA. *Negerrimum*. Rio Grande/RS, 1º sem 1889.

KALEKI. Anansi. *O velho sábio*: Um conto axânti contado por Kaleki. Tradução Rosa Freire d'Aguiar. Ilustração Jean-Claude Götting. Companhia das Letrinhas, 2007.

LEITE, Fábio. Valores civilizatórios em sociedades negro-africanas. In: *África*: Revista do centro de estudos africanos. USP, S. Paulo, 18-19(1): 103-118 1995/1996. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/africa/article/view/74962>. Acesso em 25/03/2019.

LIMA, Mônica. Como os tantãs na floresta. In: A COR DA CULTURA. Caderno de textos. [Pelotas]: A cor da cultura, [2013?].

LOPES, Nei. *Kitábu*: o livro do saber e do espírito negro-africanos. Rio de Janeiro: Editora Senac Rio, 2005.

MACHADO, Antonio. Cantares. Disponível em <<http://blogs.utopia.org.br/poesialatina/cantares-antonio-machado/>>. Acesso em 05/07/2019.

MACHADO, Carlos. Ciência negra – uma proposta para a descolonização do conhecimento. In: A COR DA CULTURA. Caderno de textos. [Pelotas]: A cor da cultura, [2013?].

MANFRINATE, Rosana; QUADROS, Imara Pizzato; KAWAHARA, Lucia Shiguemi. CulturArte da mulher negra co contexto da Educação Ambiental. *Rev. Eletrônica Mestr. Educ. Ambient. E* -ISSN 1517-1256, Ed. Especial, julho/2016. Disponível em <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5964/3688> Acesso em 20/05/2019.

MOBLEY, Aaron. Adinkra cloth symbols: Asante Wisdom, 21/05/2014. Disponível em <https://issuu.com/aaronmoble/docs/adinkra_cloth_symbols_-_asante_wisd/2>. Acesso em 12 de julho de 2018.

MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à Educação do futuro*. Tradução de Catarina Eleonora F. da Silva e Jeanne Sawaya, 11 ed, São Paulo: Cortez; Brasília, DF: UNESCO, 2011.

_____. *O método 4: as idéias*. Tradução Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 2001.

_____. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Tradução Juremir Machado da Silva. 5. ed, Porto Alegre: Sulina, 2012.

_____. *A cabeça bem-feita repensar a reforma reformar o pensamento*. Tradução de Eloá Jacobina. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. Título original. Critique de la raison nègre. Tradução Sebastião Nascimento. n-1edições, 2018.

MUNANGA, Kabengele. Nosso Racismo é Um Crime Perfeito. *Revista Fórum*, 09/02/2012. Disponível em <https://revistaforum.com.br/revista/77/nosso-racismo-e-um-crime-perfeito/>. Acesso em 23/08/2018.

NASCIMENTO, Elisa Larkin; GÁ, Luiz Carlos (Orgs). *Adinkra sabedoria em símbolos africanos*. Rio de Janeiro: Pallas. 2009.

NABUCO, Joaquim. *O abolicionismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira; São Paulo: Publifolha, 2000. Grandes nomes do pensamento brasileiro.

NARLOCH, Leandro. *Achados e perdidos da história: escravos*, Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2017.

PENA, Eduardo Spiller. *Notas sobre a historiografia da arte do ferro nas Áfricas Central e Ocidental (séculos XVIII e XIX)*. 2010. Disponível em <<https://www.anpuhsp.org.br/sp/downloads/CD%20XVII/ST%20IV/Eduardo%20Spiller%20Pena.pdf>>. Acesso em 12 de maio de 2018.

A COR DA CULTURA. *Caderno de Textos*. [Pelotas]: A cor da Cultura, [2013?].

REIGOTA, Marcos. *O que é educação ambiental*. São Paulo: Brasiliense, 2006.

ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento*. Seis ensaios da história das ideias. Tradução Nilson Moulin, São Paulo: Editora UNESP, 2010.

SAINT-HILAIRE, Auguste de. *Viagem ao Rio Grande do Sul 1820-1821*. Tradução de Leonam de Azeredo Penna. Belo Horizonte: Editora Itatiaia, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1974. Ilust. (Reconquista do Brasil, 10).

SERRES, Michel. *A lenda dos anjos*. Tradução Rosângela Vasconcellos Tibúrcio. São Paulo: Editora Aleph, 1995.

SATO, Michèle. Ecofenomenologia: uma janela para o mundo. *Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental*, 2016. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/5957>. Acesso em 05/05/2019.

TRINDADE, Azoilda Loretto da. Em busca da cidadania plena. In: *A COR DA CULTURA*. Caderno de textos. [Pelotas]: A cor da cultura, [2013?].

TRISTÃO, Martha. Tecendo os fios da educação ambiental: o subjetivo, o coletivo, o pensado e o vivido. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, v. 31, n.2, p. 251-264, maio/ago. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n2/a08v31n2.pdf>. Acesso em 22/05/2019.

VALE, Maria José. *Paulo Freire, educar para transformar*: almanaque histórico. Projeto Memória, 9 ed., São Paulo: Mercado Cultural, 2005.

VERGER, Pierre Fatumbi. *Orixás*. Deuses Iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. 6. ed., Salvador: Corrupio, 2002.

WRONG WRONG MAGAZINE. *Histórias de pó*. Disponível em: <http://wrongwrong.net/breves/historias-de-po>>. Acesso em 29 de julho de 2018.

ZAVALA, Virgínia. La escritura académica y la agencia de los sujetos. In: *Cuadernos comillas*: Revista Internacional del Aprendizaje del Español. Fundación Comillas. El Español escrito en contextos contemporâneos, 2011.